



Mariana Vieira Souza Pereira

**Vozes nordestinas na Rocinha: a feira do
Boiadeiro como lugar de memória e ancoradouro
da identidade nordestina da favela**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Rafael Soares Gonçalves

Rio de Janeiro
junho de 2025



Mariana Vieira Souza Pereira

**Vozes nordestinas na Rocinha: a feira do
Boiadeiro como lugar de memória e ancoradouro
da identidade nordestina da favela**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Rafael Soares Gonçalves

Orientador

Departamento de Serviço Social - PUC-Rio

Prof^a. Ariane Rego de Paiva

Departamento de Serviço Social - PUC-Rio

Prof^a. Camila Maria dos Santos Moraes

UNIRIO

Rio de Janeiro, 13 de junho de 2025

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho. É proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Mariana Vieira Souza Pereira

Graduou-se em Direito na Universidade Cândido Mendes em 2010. Cursou Especialização em Direito Processual Civil pela Universidade Federal Fluminense em 2017 e Serviço Social e Gestão de Projetos Sociais pela Faculdade Metropolitanas Unidas em 2019. Membro do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS/PPGSS-PUC Rio).

Ficha Catalográfica

Pereira, Mariana Vieira Souza

Vozes nordestinas na Rocinha : a feira do Boiadeiro como lugar de memória e ancoradouro da identidade nordestina da favela / Mariana Vieira Souza Pereira ; orientador: Rafael Soares Gonçalves. – 2025.

107 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Serviço Social – Teses. 2. Migração nordestina. 3. Favela da Rocinha. 4. Paradigma das mobilidades. 5. Feira do Boiadeiro. 6. Lugar de memória. I. Gonçalves, Rafael Soares. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Ao meu sogro Severino Amâncio Pereira, por compartilhar comigo
suas memórias e me inspirar a realizar a presente
pesquisa. Obrigada!

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

Primeiramente agradeço à Deus, autor e consumidor da minha vida. Obrigada pelo Seu amor, bondade e fidelidade. A conclusão deste mestrado é o cumprimento de Suas promessas sobre mim, meu coração exulta de alegria! “... até qui nos ajudou o Senhor!” (1 Samuel 7-12)

Ao CNPQ, à FAPERJ e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

Ao meu orientador e professor Rafael Soares Gonçalves, por todo acolhimento, empatia, ensinamentos e confiança. Obrigada de coração!

Aos meus pais Maria das Graças e Otto Nilson, por todo amor, carinho e cuidado ao longo da minha vida. Ao meu irmão Pedro, por toda parceria. A minha família é o meu bem mais precioso e o meu porto seguro.

Ao meu tio Paulo César por sempre ter acreditado em mim e ter insistido que a academia era o local certo para eu estar, de fato eu me encontrei.

Ao meu esposo Thiago e ao Romeu, nosso filho de quatro patas, por todo carinho e suporte.

A família Santos Pereira por vibrarem junto comigo com a realização da pesquisa, em especial a minha cunhada Elizabeth por todo apoio e por me acompanhar em diversos momentos.

Ao professor Fernando Cordeiro Barbosa, ao jornalista Felipe Lucena e ao cordelista Severino Honorato pelas conversas e trocas acerca da migração nordestina para o Rio de Janeiro.

A todos os entrevistados que se dispuseram a conversar comigo e compartilhar suas memórias, relatando um pouco da sua vida no Nordeste, o deslocamento, sua chegada ao Rio de Janeiro e construção de uma nova vida na Rocinha.

As amigas da PUC-Rio, sobretudo a minha querida turma “borboletinhas do seso puc” e a galera do LEUS – Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais. Obrigada pela acolhida de todos vocês!

Às queridas amigas Fabiana Dias e Fabiana Luiz por todo incentivo durante o percurso, seja para ingressar e/ou para permanecer firme no propósito.

A todos os professores do Curso de Mestrado em Serviço Social da PUC-

Rio; da Memória Social (Unirio) e da Sociologia (IESP/ UERJ) que eu tive a alegria e o privilégio de conhecer e aprender junto com cada um.

Aos funcionários do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, por toda atenção e apoio durante este período, principalmente Joana.

E a todos os meus familiares e amigos, os de longe e os de perto, que acompanharam e torceram por mim durante esta jornada. Muito obrigada!

Resumo

Pereira, Mariana Vieira Souza; Gonçalves, Rafael Soraes. **Vozes nordestinas na Rocinha: a feira do Boiadeiro como lugar de memória e ancoradouro da identidade nordestina da favela.** Rio de Janeiro, 2025. 107p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação versa sobre a migração nordestina na favela da Rocinha localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, tendo como objeto de estudo a feira do Boiadeiro, que desde de 1970 acontece todos os domingos no Largo do Boiadeiro localizado na parte baixa da favela. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo o trilha metodológico percorrido está pautado na revisão bibliográfica realizada de maneira contínua e sistemática; observação participante e na entrevista de história oral, tendo como motivação compreender a Feira do Boiadeiro como um lugar de memória do nordeste na favela da Rocinha. A proposta do trabalho em tela é apresentar uma visão criativa e ampliada acerca das categorias migração nordestina e favela, a partir do paradigma das mobilidades e do poder inventivo dos territórios populares traduzidos como potência, a partir da memória dos migrantes nordestinos de primeira geração residentes na Rocinha. Os resultados obtidos permitiram compreender os principais fatores que motivaram a migração, a escolha de residir na Rocinha e a importância da memória como instrumento garantidor do direito à cidade aos migrantes, preservação da cultura e construção da identidade nordestina da favela.

Palavras-chave

Migração nordestina; Favela da Rocinha; Paradigma da mobilidade; Feira do Boiadeiro; Lugar de memória.

Abstract

Pereira, Mariana Vieira Souza; Gonçalves, Rafael Soraes (Advisor). **Northeastern voices in Rocinha: the Boiadeiro fair as a place of memory and Anchorage of the favela's northeastern identity**. Rio de Janeiro, 2025. 107p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation deals with the migration from the Northeast to the Rocinha favela, located in the southern part of the city of Rio de Janeiro. Its object of study is the Feira do Boiadeiro, which has been held every Sunday since 1970 at Largo do Boiadeiro, located in the lower part of the favela. This is a qualitative study, whose methodological path is based on a continuous and systematic bibliographic review; participant observation and oral history interviews, with the motivation to understand the Feira do Boiadeiro as a place of memory of the Northeast in the Rocinha favela. The purpose of this work is to present a creative and expanded vision of the categories of migration from the Northeast and the favela, based on the paradigm of mobility and the inventive power of popular territories translated as power, based on the memory of first-generation Northeastern migrants living in Rocinha. The results obtained allowed us to understand the main factors that motivated migration, the choice to reside in Rocinha and the importance of memory as an instrument guaranteeing the right to the city for migrants, preserving culture and building the northeastern identity of the favela.

Keywords

Northeastern migration; Rocinha favela; Paradigma of mobility; Boiadeiro fair; Place of memory.

Sumário

1	Introdução	13
2	O regionalismo nordestino e a idealização do Sudeste maravilha	29
2.1	Nordeste: uma construção social	36
2.2	Sudeste Maravilha: mito ou verdade?	42
2.3	“Questão Social” e as desigualdades regionais.....	47
3	Raízes Nordestinas em solo carioca.....	51
3.1	O fenômeno da favelização e a forte presença de migrantes nordestinos nas favelas cariocas	54
3.2	Migração e Favela: uma análise pela lente da mobilidade.....	58
3.3	Rocinha uma favela Nordestina	67
4	Feira como ancoradouro	74
4.1	Expressões da identidade nordestina na Rocinha.....	76
4.2	Feira do Boiadeiro: um lugar de memória do Nordeste	82
4.3	Memória e Direito à Cidade	89
5	Conclusão.....	95
6	Referências bibliográficas	101

Lista de figuras

Figura 1 - Favela da Rocinha - foto acervo IBGE.....	13
Figura 2 – Distribuição das áreas temáticas	19
Figura 3 – Entrevista: História Oral.....	24
Figura 4 - Saldo Migratório entre as regiões Sudeste e Nordeste	33
Figura 5 - Xilogravura representando o Nordeste (de Pablo Ramon).....	34
Figura 6 - Xilogravura nordestina (de Marcos Mello)	35
Figura 7 – Vaqueiro nordestino	35
Figura 8 - Mapa do Brasil em 1940.....	38
Figura 9 - Mercado de trabalho migrante.....	53
Figura 10 - Arquivo Pessoal – Janeiro 2025	58
Figura 11 - Fatores que motivaram a migração	60
Figura 12 - Reportagem “Valor Econômico”	61
Figura 13 - Reportagem "Agência Brasil"	61
Figura 14 – Estrada da Gávea (Gonçalves et al., 2024, p.8).....	68
Figura 15 - Augusto Malta, "Gávea - Rio de Janeiro", 1931	68
Figura 16 - Cartografia Rocinha (CIESPI, 2025)	71
Figura 17 - Entrada do Largo do Boiadeiro – arquivo pessoal – maio 2025	73
Figura 18 - Mobilidades na feira	76
Figura 19 - Mapa mental	79
Figura 20 - Elementos presentes no Largo do Boiadeiro que lembram o Nordeste	81
Figura 21 - Feira Livre de Guarabira-PB.....	84
Figura 22 - Feira de São Joaquim, em Salvador - BA.....	84
Figura 23 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025.....	85
Figura 24 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025.....	86
Figura 25 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025.....	86
Figura 26 - Repentistas do Boiadeiro (Fala Roça, 2025)	86
Figura 27 - Feira do Boiadeiro na Rocinha década de 80/90 (WikiFavelas, 2025)	92
Figura 28 - Feira do Boiadeiro ano 2025 – arquivo pessoal – janeiro 2025.....	92

Lista de abreviaturas e siglas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância

LEUS – Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais

SIELO – Scientific Electronic Library Online

PUC – Pontifícia Universidade Católica

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

ASPA – Ação Social Padre Anchieta

Ats – Áreas Temáticas

FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

MTTM – Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos

UPMMR – União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha

*Tudo que tem no Nordeste vale a pena apreciar
contribui com a identidade para à gente do lugar
é região que multiplica-se em Cultura Popular.*
(Honorato, Severino, 2016, p. 16)

1 Introdução

Atualmente, de acordo com os dados disponibilizados pelo Censo 2022 (Bello, IBGE, 2024), o Brasil possui 12.348 favelas e comunidades urbanas, distribuídas em 656 Municípios, onde vivem 16.390,815 pessoas, o correspondente a 8,1% da população. A favela da Rocinha, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, tendo como bairros vizinhos São Conrado e Gávea, é a “maior e mais conhecida favela do Brasil” (Cruz, 2021, p.12) o que naturalmente atrai o interesse da academia com temas variados em suas pesquisas.

O levantamento mencionado apontou ainda que a Rocinha é a mais populosa favela do Brasil, possuindo 72.021 habitantes e 30.371 domicílios conforme destaca a matéria especial publicada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE Educa, 2024).

Além de ter o maior número de moradores, a Rocinha também tinha o maior número de domicílios particulares permanente ocupados: 30.371 unidades, seguida de outra favela ou comunidade urbana do Rio de Janeiro (RJ), a Rio das Pedras (23. 846 domicílios) (IBGE, 2022).



Figura 1 - Favela da Rocinha - foto acervo IBGE

De acordo com Costa (2022), a localidade onde hoje se encontra a Rocinha era denominada Rocinha ou Vargem da Rocinha, e pertencia ao sítio de Manoel Fernandes Cortinhas. No início do século XX, as terras da Rocinha são transferidas a Companhia Castro Guidão, que loteou o local e gradativamente a área foi sendo ocupada por trabalhadores rurais ou das fábricas do entorno

(Gonçalves et al, 2024). Na década de 30, ocorreu o asfaltamento da Estrada da Gávea – principal via que corta toda extensão da favela – e a crescente industrialização na região, que ficou conhecida como Gávea Vermelha devido ao número de fábricas no local. Era um bairro operário, inclusive com a construção, nos anos 40, do Parque Proletário da Gávea, onde hoje se encontra parte do estacionamento da PUC-Rio. Contudo, Costa (2022) destaca que somente na década de 50 a Rocinha passou a ser considerada como favela através do Censo 1950 (Censo Demográfico de Favelas do Antigo Distrito Federal).

Por sua vez, a plataforma virtual Wikifavelas¹ relata em seu verbete sobre a Rocinha (Wikifavelas, 2025) que nos anos 50 ocorreu um aumento da migração nordestina para o Rio de Janeiro, direcionando-se em grande parte para a Rocinha e que, a partir deste período, a favela em certa medida já apresentava sua configuração atual. Segue narrando que nas décadas de 60 e 70 ocorreu uma nova onda de expansão motivada pela oferta de empregos na região em razão da abertura dos túneis Rebouças e Dois Irmãos e pela remoção de inúmeras favelas do entorno, o que acabou provocando a migração de parte dos removidos para a Rocinha.

Deste modo, Castro (2022) enfatiza a importância de observar o processo histórico do qual a Rocinha é fruto. Neste mesmo sentido, é válido refletir ainda sobre a declaração de Antônio Carlos Firmino² ao ser entrevistado pelo Museu Sankofa da Rocinha sobre como podemos definir o que a Rocinha representa, oportunidade em que afirmou: “uma favela que ao mesmo tempo que constrói a cidade, também se constrói” (Museu Sankofa da Rocinha, 2025).

Ainda nesta linha de pensamento, Cruz (2021, p. 21) enfatiza que “a Rocinha, inicialmente era um bairro operário e tornou-se uma favela dentro do próprio movimento de urbanização da cidade”. Logo, é possível constatar que o crescimento da Rocinha tem relação direta com a expansão da cidade do Rio de Janeiro em relação a zona sul e com o próprio desenvolvimento do Brasil. Diante disso, considerando a delimitação temporal do reconhecimento da Rocinha como favela e os seus dois principais períodos de crescimento, a pesquisa em tela irá versar sobre a migração nordestina na favela da Rocinha.

O interesse pelo tema tem raízes em uma conexão pessoal com a questão, por ter parentes migrantes do Nordeste e ex-moradores da favela, como

¹ Sítio eletrônico cuja finalidade é a construção de conhecimento, de modo coletivo, sobre favelas e periferias no Brasil.

² Importante liderança da favela da Rocinha, cofundador e coordenador do Museu Sankofa Memória e História da Rocinha.

descreverei mais adiante. O interesse ganhou forma em termos de pesquisa após participar de uma aula sobre a “História da Rocinha”, ministrada pelo comunicador Michel Silva, cofundador e editor-chefe do Fala Roça³, oportunidade em que ouvi pela primeira vez sobre o “boom” da migração nordestina para a favela. Acerca do assunto, a Wikifavelas ao descrever a história da Rocinha afirma:

A partir da década de 1950, houve um aumento de migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, direcionando-se em parte para a Rocinha. Nas décadas de 1960 e de 1970, registrou-se um novo surto de expansão, agora devido aos projetos de abertura dos túneis Rebouças e Dois Irmãos, que contribuíram para uma maior oferta de empregos na região (Wikifavelas, 2025).

Por sua vez, o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI, ao relatar o surgimento e expansão da favela da Rocinha, explica que as duas ondas de migração citadas corresponderam aos dois períodos de crescimento da favela, ressaltando que, a partir de então, a população da Rocinha foi reconhecida como de origem predominantemente nordestina (CIESPI, 2025).

Deste modo, é importante mencionar que ouvir sobre o “boom” da migração nordestina para a Rocinha me tocou em um lugar especial e me fez recordar a história de vida dos meus sogros – migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e passaram a morar na Rocinha, sendo deste lugar de fala, considerando minha familiaridade com o tema, que me proponho pensar e desenvolver o presente estudo.

Segundo Valim (2009, p. 8), “migrar é trocar de país, de Estado, de região ou até de domicílio, um fenômeno tão antigo quanto a própria história da humanidade”. Em conformidade com este entendimento, Boechat (2020) destaca que a mobilidade humana, dentro ou fora das fronteiras do país de origem, não é um fenômeno contemporâneo, ao contrário, é um evento que o homem sempre vivenciou. Logo, no Brasil, o intenso fluxo migratório desencadeado no Nordeste, especialmente a partir de 1950, desponta como um importante movimento interno dentro do país, sendo a migração inter-regional a forma de mobilidade mais expressiva (Valim, 2020).

Várias são as motivações que ensejam a decisão de migrar, que vão desde questão demográfica e catástrofes naturais, até a busca por emprego e melhores condições de vida (Boechat, 2020). Destarte, o debate principal que se instaura é se este deslocamento ocorre como uma manifestação de vontade – sendo assim um direito – ou de modo forçado (Valim, 2020). Investigando especificamente o tema do deslocamento dentro do cenário brasileiro, verifica-se que as migrações

³ Associação de Comunicação.

“deixaram marcas profundas e acompanharam de perto os ciclos econômicos da atividade agroexportadora” (Valim, 2009, p. 9), configurando-se, portanto, como um deslocamento forçado.

Para Bitencourt (2023), o deslocamento interno e forçado é experimentado por grupos sociais que vivem intensas vulnerabilidades, e que, por ausência de alternativas, se veem obrigados a deixarem suas casas e se deslocarem para outros locais. No caso específico do migrante nordestino, este deslocamento interno e forçado é ensejado pela busca de emprego e melhores condições de vida para si e para sua família, configurando-se em um movimento de sobrevivência.

No que lhe concerne, Villa (2017) menciona que a migração inter-regional nordestina foi também uma resposta ao problema da necessidade de mão de obra nas áreas em desenvolvimento no Brasil, com destaque para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo. O autor, ao escrever sobre a migração de nordestinos para São Paulo, enfatiza que “o crescimento da migração esteve também vinculado ao sucesso econômico paulista e à decadência do setor primário nordestino, que reforça os fatores para a expulsão da mão de obra” (Villa, 2017, p. 35).

Após definição do tema, foi iniciada a fase de investigação para elaboração da pesquisa, oportunidade em que foi possível “fazer os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra qualitativa” (Minayo, 2022, p. 25), estabelecer a construção do marco teórico conceitual, além de possibilitar a definição do objeto de estudo e do questionamento que iria nortear toda a investigação.

Assim, partindo de uma investigação primária do campo empírico da pesquisa, ao caminhar por suas ruas, vielas e becos foi possível verificar mediante evidências concretas e a observação direta a existência de um discurso comum entre os moradores, que considera a Rocinha uma favela nordestina. Há, inclusive, elementos materiais, como a presença de uma rota de ônibus Rocinha x Ceará (Lima; Fontoura, 2023), por onde muitos migrantes ainda hoje chegam na favela e o sub-bairro do Largo do Boiadeiro (Silva, 2016), conhecido pelo variado comércio com produtos do Nordeste e a tradicional feira semanal do Boiadeiro.

Diante das informações inicialmente obtidas, foi estabelecido que a pesquisa seria realizada no Largo do Boiadeiro, especificamente na feira semanal que acontece aos domingos por sua importância para a comunidade. A amostra qualitativa do estudo seria a observação da dinâmica da feira e a realização de entrevistas junto ao público-alvo – migrantes nordestinos que residam ou tenham residido da Rocinha após sua chegada ao Rio de Janeiro.

Sobre a feira do Boiadeiro, o Museu Sankofa da Rocinha conta em seu website que “a Rocinha tem no Largo do Boiadeiro, todo domingo, uma feira com muitos produtos e características nordestinas, muito abrangente na sua extensão e nas suas mercadorias” e ressalta que de acordo com moradores,

[...] a feira começa na época do Governo Chagas Freitas (anos 1970) que apoiou a iniciativa do Sr. Jonas, o organizador inicial do comércio ao ar livre. Hoje, sob toldos coloridos improvisados, uma multidão se espreme todo domingo entre as mais de 150 barracas montadas no Caminho do Boiadeiro, na Rocinha (Museu Sankofa Rocinha, 2025).

Em virtude da representatividade da feira semanal do Boiadeiro, esta foi definida como objeto de estudo, tendo em vista que ao longo do tempo vai recebendo elementos da cultura nordestina, influenciada sobretudo pela forte presença dos migrantes nordestinos que residem na favela (Pinto, 2018).

Consoante matéria disponibilizada pelo Fala Roça (Lima; Fontoura, 2023), “o fluxo migratório dos nordestinos para a Rocinha se tornou um fenômeno das décadas de ocupação da favela [...] essa migração imprimiu uma identidade na favela carioca entrelaçada com a cultura e o jeito de ser do povo do Nordeste do Brasil”. Sendo assim, o estudo que está sendo apresentado almeja compreender a feira do Boiadeiro como um lugar de memória do Nordeste na favela da Rocinha, tendo como hipótese norteadora da pesquisa a afirmação prévia de ser a Rocinha uma favela nordestina.

Entretanto, é válido destacar que muito embora exista a premissa de ser a Rocinha uma favela com forte presença da identidade e cultura do nordeste, o assunto não é bastante conhecido, ou seja, observa-se uma lacuna na produção acadêmica sobre o tema. À vista disso, inspirada na produção de Villa (2017) sobre a história da migração nordestina para São Paulo, é possível afirmar que de igual modo acontece com a migração nordestina para a favela da Rocinha, considerando, portanto, este assunto como uma espécie de “carta roubada”⁴. Embora esteja tão aparente no cotidiano da favela, está invisível, uma vez que não foram localizados registros de estudo sobre o tema.

Logo, a proposição da pesquisa se justifica por três aspectos: pessoal, científico e social. Inicialmente é válido mencionar a existência de uma conexão pessoal em um primeiro momento com a escolha do campo e em seguida com o

⁴ “A carta roubada”, célebre conto do escritor americano Edgar Allan Poe, tem como tema principal o desaparecimento de uma carta. Na história, muitos estão à procura da correspondência, que vinha sendo utilizada como instrumento de coação e chantagem. Apesar de todos os esforços ninguém a encontra. O apartamento do chantagista é revirado. Porém a carta não é achada. Diversamente do que se imaginava, ela estava colocada displicentemente num porta-cartas, em cima de uma mesa, à vista de todos. De tão visível, estava oculta” (Villa, 2017, p. 7).

tema, em decorrência da minha história familiar. Meus sogros, Severino e Raimunda, ele originário de Pernambuco e ela do interior da Bahia, migraram para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida chegando à Rocinha na década de 70.

Ambos tiveram suporte de amigos e familiares que se instalaram antes na favela, inclusive na busca por emprego. Deste modo, Sr. Severino começou trabalhando como auxiliar de obra, em seguida atuou como auxiliar de serviços gerais e porteiro nos edifícios localizados nos bairros do entorno da Rocinha – Gávea, São Conrado, Leblon. Dona Raimunda, por sua vez, trabalhou como doméstica na mesma região.

Na Rocinha se conheceram, casaram e constituíram família. Juntos tiveram quatro filhos, dois rapazes e duas moças, sendo meu esposo – Thiago – o filho mais velho e que juntamente com os pais vivenciou logo nos seus primeiros anos de vida muitos desafios na favela. Uma recordação compartilhada por ele era a ausência de água encanada, sendo necessário ir bem cedo até as bicas buscar água.

Enquanto eu reunia informações para a pesquisa conversei com alguns familiares que experimentaram a experiência da migração – seja da primeira ou segunda geração de migrantes – foi quando Elizabeth, minha cunhada, também compartilhou algumas memórias acerca do período em que morou na Rocinha e me contou que uma lembrança que ela guarda com carinho eram as visitas a feira do Boiadeiro aos domingos quando Sr. Severino levava os filhos para comer rapadura e pastel com caldo de cana.

Meu sogro, em especial, sempre gostou de compartilhar sobre sua origem e sua vida na Rocinha, contando os desafios e as conquistas e destacando a importância do período em que viveu na favela e criou seus filhos. Todas essas histórias de lutas e de superação me sensibilizaram para iniciar o estudo sobre o tema proposto. Deste modo, imagino que a história pessoal dos meus sogros, adicionada à minha familiaridade com o tema, me permitiram apresentar uma visão única sobre a migração nordestina.

Meu interesse pelo assunto foi ganhando força à medida que eu caminhava pela favela e ouvia um discurso comum entre seus moradores, afirmando ser a Rocinha uma favela Nordestina somado a presença quase que constante do sotaque muito característico desta região do país. Todavia, ao realizar um levantamento bibliográfico e construção do estado da arte, observei, como mencionado anteriormente, uma lacuna na produção de material sobre o tema.

Corroborando com esta falta de conteúdo, recentemente foi publicado o livro

“Rocinha: uma favela em bibliografia”, por iniciativa do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS) em parceria com o Museu Sankofa, História e Memória da Rocinha com o objetivo de “dentre diferentes iniciativas, realizar um levantamento de referências acadêmicas sobre a Rocinha” (Gonçalves *et al*, 2024, p.10), dando assim um passo inicial na construção de um acervo bibliográfico sobre a favela.

Através deste projeto, 243 trabalhos foram catalogados, cobrindo 07 décadas (1952 - 2022). A análise dos dados demonstrou que “a maioria das referências se referem a dissertação de mestrado, artigos de periódicos e teses de doutorado” (Gonçalves *et al*, 2024, p. 13). No que tange as principais áreas temáticas destas pesquisas, foi possível verificar um número baixo de trabalhos sobre “relações étnico-raciais” e “fluxos populacionais e migrações” por exemplo conforme imagem compartilhada abaixo:

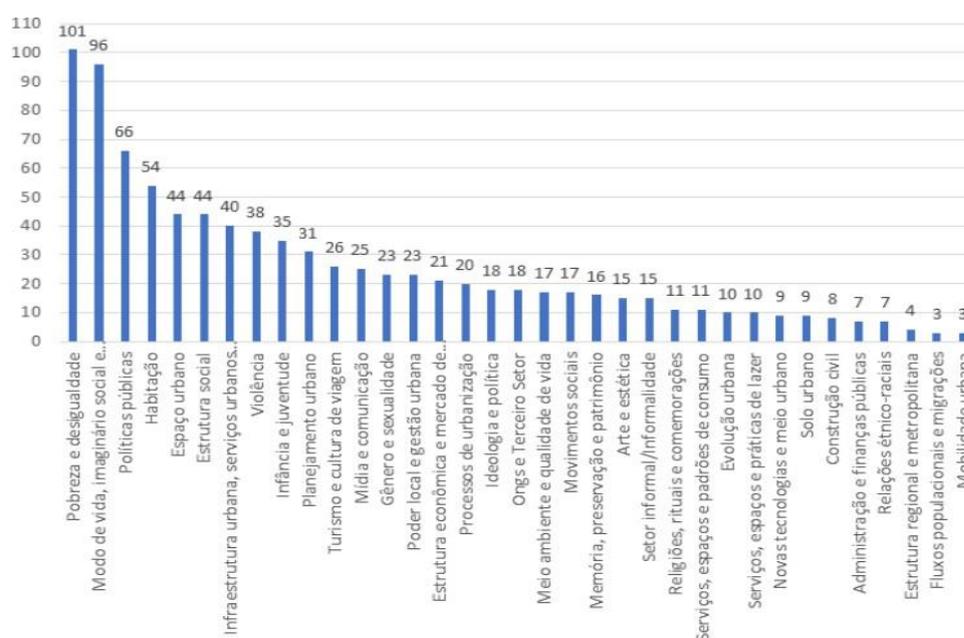


Figura 2 – Distribuição das áreas temáticas

Gonçalves et al. (2024) destaca que se trata de

[...] duas lacunas particularmente significativas quando leva-se em conta, por um lado, que as favelas são espaços racializados e, por outro lado, que a Rocinha é um território com um número importante de migrantes nordestinos e que, em tempos recentes, vem recebendo migrantes transnacionais (p. 19).

Diante deste hiato, minha motivação para realização da pesquisa está pautada na conservação da identidade, tradição e cultura nordestina para as

gerações futuras e para a sociedade, contribuir para desmistificar o olhar estigmatizado existente sobre os territórios de favela, assim como fomentar a diversidade e a inclusão garantindo o direito à cidade a estes migrantes. Sublinha-se que “por seu tamanho e diversidade, a Rocinha reúne muitas realidades diferentes dentro de um mesmo espaço” (Cruz, p. 23, 2022), entretanto, fazer pesquisa é também fazer escolhas e muito embora eu reconheça a pluralidade existente na Rocinha, em razão do recorte estabelecido, o estudo irá focar na migração e na identidade nordestina da favela.

Portanto, é imperioso esclarecer que para o estudo proposto a intenção é realizar uma investigação macro deste grupo, compreendendo como nordestinos as pessoas que nasceram na região do Nordeste do Brasil considerando sua configuração atual, com abrangência de nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Destarte, a pesquisa possui como objetivo geral investigar como a feira semanal do Boiadeiro atua como um lugar de memória, fortalecendo o sentimento comunitário e conferindo uma identidade nordestina a favela da Rocinha. Ademais de elencar três objetivos específicos para serem investigados com profundidade: analisar as diferentes formas de expressão da memória dos migrantes através da comida, música, comércio, histórias e atividades culturais, na feira do Boiadeiro; identificar como a feira do Boiadeiro se manifesta como um espaço de sociabilidade e conservação da cultura nordestina na favela da Rocinha; investigar, a partir do debate da memória, como a feira do Boiadeiro assegura aos migrantes nordestinos que residem na Rocinha o direito à cidade.

No que tange a metodologia que irá embasar toda a pesquisa, Minayo (2016, p. 14) afirma ser “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Assim, o trilha metodológico que foi percorrido no decorrer do estudo abarcou a teoria de abordagem, as técnicas adotadas para produção e análise dos dados e a criatividade do pesquisador – “sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade” (Minayo, 2016, p.14). Em suma, a metodologia abrange a forma como o método é combinado com os referenciais teóricos, com a realidade experienciada e com as reflexões acerca desta realidade (Minayo, 2016).

Desta forma, almejando atingir os objetivos propostos com o desenvolvimento do presente trabalho, a pesquisa apresentada considerou “a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, às condições socioeconômicas de produção e as contradições sociais” (Minayo, 2016, p. 23-24). Por buscar compreender parte da realidade social – suas relações,

representações e intencionalidade – o estudo está baseado em aspectos qualitativos à medida que se aprofunda no mundo dos significados (Minayo, 2016).

Logo, os resultados que serão apresentados são frutos de uma pesquisa social⁵, de natureza descritiva, tendo em vista que “as pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis” (Gil, 2008, p. 28). Sendo assim, a investigação realizada utilizou como matéria-prima para produção de dados as vivências, experiências e o cotidiano dos migrantes nordestinos na Rocinha, privilegiando a oralidade, performance, os instrumentos materiais – comércio, música, comida, atividades culturais - e as relações estabelecidas na feira semanal do Boiadeiro.

A construção do escopo metodológico do trabalho apoia-se nos autores Mendes (2021) e Buscher; Veloso (2018), que reforçam a necessidade de aplicação de novas metodologias baseadas no esforço de compreender a mobilidade como um fenômeno central na produção da sociedade, integrando assim o “paradigma das mobilidades”. Ou seja, o movimento foi investigado para além do fluxo de pessoas, abrangendo o deslocamento físico, de informações, objetos e culturas. Por sua vez, Martins (2003) destaca que a performance da oralidade significa um conjunto de elementos performáticos, como gestos e expressões faciais, que associado a voz nos convida a pensar a memória em outros ambientes, tendo o corpo como elemento central na comunicação de afetos e emoções.

Assim, na pesquisa em tela foram empregados os métodos móveis para alcançar os objetivos propostos, entre eles destaca-se o “mover-se por impulso”, que discute as motivações e os impulsos que levam ao movimento e o “mover-se e comover-se” que aborda a dimensão afetiva e emocional da mobilidade, almejando desta forma compreender a complexidade do movimento e seus encadeamentos sociais (Buscher; Veloso, 2018).

Acerca do percurso metodológico que foi trilhado, o mesmo pode ser assimilado em cinco etapas. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica para construção do estado da arte e desenvolvimento de uma reflexão crítica em relação à temática do estudo, fazendo uso de duas estratégias: busca junto a catálogos em plataformas disponíveis como Scielo e Biblioteca PUC – que possui integração com outras bases de dados, utilizando descritores gerais e específicos para a investigação, sendo estes: migração; migração nordestina; favela; favela

⁵ “O processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (Gil, 2008, p. 26).

da Rocinha; memória; identidade e direito à cidade. Em seguida foram realizadas leituras prévias, verificando as referências e abstracts destes textos.

O referencial teórico estabelecido para desenvolvimento da pesquisa possibilitou a construção da base teórica e conceitual para compreensão e interpretação da realidade que o estudo se propõe a investigar, permitindo estabelecer a problemática e a construção das correlações necessárias para o alcance dos objetivos propostos. Em paralelo, foi realizado o levantamento de dados estatísticos por intermédio da análise dos resultados fornecidos pelos Censos Demográficos disponibilizados pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A segunda etapa pode ser compreendida pela entrada em campo visando um entendimento mais amplo sobre o tema de estudo proposto. Minayo (2016) diz: “a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos” (p.12). Em vista disso, foi adotada a técnica da observação participante para produção de dados, “uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de correspondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção” (Flick, 2009, p. 207). Ou ainda nas palavras de Gil (2008), “a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (Gil, 2008, p. 103).

Sobre a relevância desta vivência empírica Valladares (2005) destacou que “só através do trabalho de campo, do tipo antropológico, ou do trabalho de assessoria aos moradores era possível conhecer as favelas, seus moradores e o funcionamento das suas organizações em rede” (p. 17). Em seu turno, Cruz (2021), ao fazer referência a antropóloga Setha Low, afirma que pensar a Rocinha requer uma sensibilidade etnográfica, ou seja, “o espaço socialmente construído não é apenas um lugar, é importante levar em conta sua interpretação, o senso de inclusão das pessoas e sua capacidade para se apropriar do espaço para as suas necessidades” (Cruz, 2021, p. 23-24).

Destarte, o observador passa a estudar a sociedade a partir da análise do comportamento humano em diferentes situações. A finalidade é a obtenção de um conhecimento de Insider, através da integração do pesquisador com o campo (Flick, 2009). Assim, fazendo uso da técnica da observação participante foi possível esquadrihar a dinâmica da feira do Boiadeiro e conhecer um pouco mais da sua história à medida que se contemplava as interações e se estabelecia relações de confiança com os frequentadores.

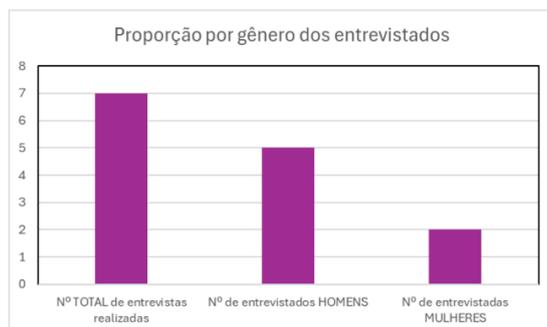
Para registro dos dados concretos coletados, foi utilizado como instrumento o diário de campo, onde todas as informações eram anotadas, além de fotografias. Sobre este aspecto, Malinowski (2018) afirma a importância de que a coleta e o registro de impressões sejam realizados desde o início da observação, e ressalta que o diário etnográfico construído continuamente durante a pesquisa de campo é o instrumento mais indicado para este tipo de atividade, pois, deste modo, “o etnógrafo acumulará uma quantidade enorme de material informativo autêntico e expressivo” (Malinowski, 2018, p. 29).

É importante mencionar que a observação participante foi realizada durante um período de 06 meses⁶, frequentando semanalmente a feira do Boiadeiro, correspondendo uma inspiração etnográfica para execução da pesquisa, e seguindo um roteiro de observação que visava através do exame do ambiente físico; comportamento e sociabilidade identificar formas de expressão e assim constatar como se manifesta a identidade nordestina da favela. Logo, as manifestações sociais percebidas na dinâmica da feira do Boiadeiro são uma forma de se administrar a memória, possibilitando a aproximação entre as dimensões sociais, culturais e a história pois em conjunto com o deslocamento físico “são transportados os costumes, as tradições domésticas, as festas populares, tudo, enfim, o que nos pode lembrar de coração a nossa terra de origem” (Villa, 2017, p. 13).

Em seguida, partindo deste contato inicial e a construção de vínculos com a população chegamos a terceira etapa, com a definição de uma nova técnica de produção de dados, que possui como objetivo validar e complementar a técnica da observação participante citada anteriormente. A escolha foi pela utilização da história oral, onde o pesquisador faz uso de entrevistas para registrar e analisar as memórias e experiências dos entrevistados sobre um assunto específico. Foram realizadas 7 entrevistas, sendo 4 homens e 2 mulheres, conforme demonstrado através do gráfico abaixo:

⁶ A observação participante foi realizada de agosto 2024 até janeiro 2025, semanalmente aos domingos, em visitas realizadas a feira do Boiadeiro.

Entrevista - História Oral



eFigura 3 – Entrevista: História Oral

As entrevistas foram realizadas de modo presencial, em dia e horário previamente agendado, após explicação do objetivo da pesquisa e realização do convite para participação, junto a migrantes nordestinos de primeira geração moradores e/ou ex-moradores da Rocinha. Todos os entrevistados assinaram, após leitura, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizaram a divulgação de suas declarações no contexto da pesquisa e para apresentação dos seus resultados, sendo consentido ainda a divulgação do primeiro nome do participante.

A entrevista seguiu um roteiro estabelecido previamente, que almejava compreender o processo migratório e o senso de pertencimento destes migrantes na Rocinha em três etapas: vida no Nordeste e fatores que motivaram a decisão de migrar; chegada na Rocinha e por último a percepção sobre a favela; o Largo do Boiadeiro e a feira livre. Sobre a técnica da história oral empregada, Portelli (2010) recorda que

[...] Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra (Portelli, 2010, p. 2).

A adoção desta metodologia possui uma motivação muito específica, por permitir que grupos muitas vezes invisibilizados sejam ouvidos. Desta forma, esta técnica permite a recuperação e a preservação da memória social de um grupo particular, no caso da presente pesquisa, migrantes nordestinos moradores da favela da Rocinha, além de possibilitar a compreensão de diferentes perspectivas

sobre um determinado assunto; humanizar a história, à medida que disponibiliza a escuta para estes indivíduos e suas experiências, legitimando suas vozes e, por fim, promover debates acerca do passado e do presente, contribuindo para a construção de uma nova visão sobre o tema.

Conforme salienta Cruz (2021), ao privilegiar a memória dos moradores através da escuta ativa e amplificação de suas vozes, contribuimos para dar visibilidade às potencialidades que também são possíveis de serem observadas nas favelas, rechaçando versões comumente difundidas sobre estes territórios associados as suas ausências ou a violência e a marginalidade. Baptista e Gonçalves (2022) recordam que “o silêncio sobre a história das favelas é um ato deliberadamente político e, neste sentido, resgatar e valorizar as memórias locais, assim como arquivar e construir fundos documentais sobre estes espaços é necessariamente uma experiência de resistência” (p.6).

Por conseguinte, iniciamos a quarta etapa que consiste na análise dos dados produzidos, ou seja, a fase em que buscamos compreender a maneira como os dados gerados serão organizados e examinados para posterior discussão e apresentação da conclusão do estudo, devendo ser descrito para cumprimento desta finalidade todos os passos executados e reflexões maturadas até se alcançar os resultados da pesquisa (Minayo, 2016).

Para tanto, além da metodologia qualitativa e etnográfica, foi privilegiada a abordagem pautada nos métodos móveis o que nos permitiu investigar a migração nordestina e compreender a feira como lugar de memória com base nas múltiplas mobilidades observadas neste espaço. Sublinha-se que para ambas as técnicas de produção de dados empregadas na pesquisa, a ferramenta utilizada para compilação e averiguação dos dados será o mapa mental.

Kraisig e Braibante (2017), fazendo referência a Tony Buzan, vão descrever “os mapas mentais como um método de armazenar, organizar e priorizar informações, em geral no papel, utilizando palavras ou imagens, que desencadeiam lembranças específicas e estimulam novas reflexões e ideias” (p. 73). Assim, a partir de um termo ou imagem, definimos os “assuntos-chave essenciais em torno dos quais todos os outros conceitos podem ser organizados” (Fachi, 2018, p.27), este mecanismo auxiliou na compreensão do fenômeno estudado na pesquisa.

Chegando por fim a quinta etapa, que abrange a apresentação dos resultados e as conclusões do pesquisador. Todavia, cabe ressaltar que o caminho metodológico estabelecido para realização do estudo demonstrou a necessidade de se adotar a estratégia da triangulação com o intuito de

complementar os dados que seriam produzidos e analisados, e, deste modo, aumentar a confiabilidade e a validade dos resultados da pesquisa.

Oliveira (2015), amparada por Kelle (2005), defende a adoção de uma interpretação ampla quando fazemos referência a triangulação de métodos, arguindo ser mais rico para o desenvolvimento da pesquisa social. Desta forma, o sentido de amplitude empregado observa “diferentes ângulos do fenômeno a partir de diferentes métodos, no sentido de uma compreensão mais extensa e refinada do fenômeno que se quer estudar” (Oliveira, 2015, p. 139).

Portanto, a adoção da estratégia de triangular duas técnicas de produção de dados distintas, mas complementares, possibilitou o ingresso com maior profundidade em um contexto social e cultural específico e assim facilitou a coleta de informações mais ricas e detalhadas com o intuito de enriquecer o estudo. Malinowski (2018) destacou que no trabalho de campo do tipo etnográfico as fontes de informações não estão associadas a documentos materiais, mas ao comportamento e na memória, o que corrobora com a adoção dos métodos de produção de dados utilizados.

Diante de todo o exposto, a pesquisa apresentada nos mostrou que nem sempre o familiar é necessariamente conhecido (Velho, 1978) à medida que foi constatada uma lacuna de estudos sobre o fluxo migratório expressivo de nordestinos para a Rocinha, ensejando em suas duas principais ondas de expansão, 1950 e 1970, embora exista a crença entre os moradores que a Rocinha é uma favela nordestina. Sendo assim, a metodologia adotada auxiliou no exercício de transformar o exótico em familiar (Velho, 1978).

Ressalta-se que o estudo é efetivado a partir do momento em que a pesquisa apresenta uma nova perspectiva para o “boom” da migração nordestina na Rocinha. Em vista disto, a pesquisa investiga a migração e a favela a partir do conceito do paradigma das mobilidades apontado por Mimi Sheller e John Ury (2006), que considera a mobilidade como um fenômeno social complexo, que abrange aspectos diversos, entre eles os culturais e econômicos, ademais de induzir como as pessoas, objetos e informações se movimentam e moldam a sociedade contemporânea.

À vista disso, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo buscou apresentar a região Nordeste como uma construção social destacando os principais elementos deste processo; em seguida descreveu o processo da migração nordestina para o sudeste demonstrando ao final se a idealização do Sudeste maravilha se confirma ou se seria apenas um mito, em ato contínuo abordou a relação observada entre questão social e desigualdades regionais.

Para tanto, foi abordado a complexidade da migração nordestina, destacando suas raízes históricas e sociais.

A migração em massa para o Sudeste, especialmente para o eixo Rio de Janeiro - São Paulo, foi analisada sob a ótica do desenvolvimento industrial e da urbanização acelerada, enfatizando que a promessa de emprego e uma vida melhor atraiu milhões de nordestinos no período compreendido entre 1950-1970. Sendo ressaltado ainda a produção do espaço urbano como um reflexo dos interesses do capital sem considerar as necessidades da população, justificando o crescimento das favelas como uma consequência da crise urbana e do déficit habitacional além de descrever as múltiplas expressões da questão social.

A segunda parte deste trabalho voltou-se para demonstrar a estreita relação que é possível observar entre migração e favela; apresentar a migração e a favela a partir de uma nova perspectiva, para em seguida descrever a Rocinha como uma favela Nordestina, compartilhando os dados que irão comprovar esta afirmação. Assim, a presença nordestina no Rio de Janeiro foi analisada apoiada no conceito de habitar em movimento e do fato da cidade do Rio ter sido muito importante na recepção de mão-de-obra nordestina durante o período do desenvolvimento industrial no Brasil.

A constituição das favelas e a forte presença de nordestinos nestes espaços fundamenta-se pelo crescimento acelerado da cidade e da baixa remuneração recebida por este grupo, os levando a buscarem alternativas mais baratas de habitação. Todavia, apesar da migração nordestina e das favelas serem compreendidas por muitos estudiosos como uma expressão da “questão social”, a pesquisa em tela apresenta uma visão menos tradicional destas categorias, conferindo centralidade ao aspecto da mobilidade, além de privilegiar aspectos pouco explorados como a memória dos moradores e a potencialidade dos territórios de favela, tendo como recorte a migração nordestina para a Rocinha, considerada uma favela nordestina.

A terceira e última parte, antes da conclusão, se debruça em apresentar a feira do Boiadeiro como ancoradouro da cultura nordestina na favela da Rocinha, enfatizando que a mobilidade cultural garante aos migrantes a preservação das suas tradições. Segue mencionando que a identidade é uma celebração móvel e que os diferentes instrumentos materiais somado as variadas formas de expressões observadas na comunidade, em especial na feira do Boiadeiro, contribuem para a consolidação da identidade nordestina da favela.

Em seguida, nos debruçamos em refletir sobre a importância da feira livre para a população nordestina, buscando a partir da memória dos migrantes

entender a feira do Boiadeiro como um lugar de memória para este grupo, mediante a sociabilidade entre pares e a conservação dos costumes, estabelecendo, assim, a possibilidade para refletir de que modo a memória confere a estes migrantes nordestinos residentes na Rocinha o direito à cidade.

Logo, a partir da conexão entre mobilidade, memória e direito à cidade foi possível pensar a migração e a favela de modo crítico e abrangente concluindo que somente desta forma é plausível compartilhar a diversidade de experiências vivenciadas nestes territórios, estabelecer vínculos de identidade entre a população e “reconhecer a legitimidade da presença das favelas e de seus moradores na cidade” (Silva *et al*, 2009, p.11).

2

O regionalismo nordestino e a idealização do Sudeste maravilha

O conceito de região é anterior ao de regionalismo, isto significa afirmar que “não há regionalismo sem substrato regional” (Castro, 2021, p. 38). Ainda de acordo com Castro (2021), a região pode ser compreendida como sendo uma parte constituída do território, que por já possuir uma organização apresenta uma singularidade, que possibilita distingui-la de outros espaços ao seu redor.

A região, portanto, possui uma dimensão territorial e uma dimensão social que interagem e configuram uma escala particular do espaço. Em outras palavras, a região é o espaço vivido, ou seja, o espaço das relações sociais mais imediatas e da identidade cultural (Castro, 2021, p. 42).

Por sua vez, o regionalismo pode ser compreendido como um movimento que explora diversos aspectos da história, geografia, costumes e tradições de uma região, manifestando, assim, sua identidade regional. Em outras palavras, o regionalismo pode ser interpretado como um “fetichismo da região” (Souza, 2022, p. 142) ou uma síntese da concepção de “região como espaço vivido e vivenciado pela ideologia” (Castro, 2021, p. 45).

Segundo Souza (2022), foi o geógrafo Armand Frémont⁷, que apresentou “a concepção de região, espaço vivido”, afirmando ser “a identidade regional como algo a ser considerado, derivado de uma vivência” (p. 142). Segue mencionando, que tendo como influência a “virada crítica” da geografia na década de 1980, diversos geógrafos

[...] prosseguiram submetendo o conceito e o significado da região a um escrutínio crítico (...) ora expressando simpatia para com as demandas culturais, políticas e econômicas das populações de determinadas regiões perante o Estado central, ora apresentando o problema do regionalismo e da própria identidade regional como construções ideológicas (Souza, 2022, p. 142-143).

Destaca, ainda, que, no Brasil, o conceito de região estava sendo trabalhado a partir de uma perspectiva crítica “sob a inspiração do materialismo histórico marxista” (Duarte, 1983 *apud* Souza, 2022, p. 143) que “recuperava-se e atualizava-se de maneira interessante o debate acerca do status e da utilidade do conceito de região (e, a partir daí, da regionalização e da análise regional)” (Souza, 2022, 143).

⁷ Autor do livro *La région espace vécu* (Frémont, 1980 *apud* Souza, 2022, p. 142).

Muito embora em sua análise, Souza (2022) questione se para a compreensão da região Nordeste brasileira faria sentido adotar “a fórmula frémondiana do ‘espaço vivido’” (p. 147), afirmando que

[...] O fato de ser recomendável ver uma região ‘propriamente dita’, seja ela grande ou pequena, como um tipo de lugar (na acepção mais específica desta palavra), não significa que toda região precise ser ‘vivenciável’ de tal maneira que os deslocamentos sejam fáceis e ela seja percorrida sem grandes dificuldades (Souza, 2022, p. 147).

Entretanto, para o estudo proposto na presente dissertação será utilizado como referência o conceito de região como “espaço vivido”, considerando a identidade regional como algo derivado de uma vivência (Souza, 2022, p. 142), uma vez que o foco da pesquisa é investigar a identidade nordestina a partir das singularidades observadas na região Nordeste, considerando sua formação social. Para tanto, iremos considerar a historicidade dos processos sociais e as condições socioeconômicas que produzem tais fenômenos.

À vista disso, é válido mencionar que a região Nordeste nem sempre teve a configuração atual⁸, tendo passado por transformações ao longo da história, conforme aponta Castro (2021): “como qualquer segmento do espaço, a região é dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial” (p.41-42). Atualmente, o Nordeste brasileiro é composto por nove estados, considerado o terceiro maior território do país, sendo dividido em quatro sub-regiões: zona da mata, agreste, sertão e meio-norte. Araújo (1972) destaca:

É o NORDESTE BRASILEIRO, onde fatores físicos (estrutura geológica, relevo, clima, hidrografia) e biológicos (vegetação, fauna) se interrelacionam e a presença do homem atua, dando-nos uma singular paisagem natural e cultural (Araújo, 1972, p.16).

Ainda que o Nordeste seja composto por diversos climas e vegetações, para Araújo (1972), “o sertão é quase sinônimo de Nordeste” (p. 29) por apresentar duas estações bem-marcadas – a chuvosa e a seca, afirmando ser desta zona que é possível observar o surgimento dos grupos de migrantes. Em concordância com este entendimento, Martins e Vanalli (2021) alegam: “a seca ainda é motivo de fuga para nordestino pobre que não tem esquemas nem condições para lutar contra ela, sendo levado a migrar para outras regiões do país” (p. 35).

Sublinha-se que, durante muito tempo e ainda hoje muitas vezes, o Nordeste

⁸ A atual divisão do Brasil com cinco grandes regiões foi criada na década de 1970 (Revista Retratos, 2018).

é retratado sobre o prisma da escassez. No entanto reduzir a região as suas ausências é um erro, assim como atribuir a migração nordestina exclusivamente como uma consequência das secas, estudando o fenômeno somente pela ótica da natureza (Martins e Vanalli, 2021). Apesar de Araújo (1972), considerar a seca a gênese da migração nordestina por falta de trabalho, alimento e assistência do governo, ensejando que a população vislumbre no êxodo uma alternativa de fuga para amenizar seu sofrimento, ressalta que as causas climáticas não têm de ser o único fator apontado para a migração, devendo ser considerado também o fator econômico que decorre da nossa formação social.

A nosso ver e entender, o maior de todos reside no regime escravocrata que persiste na região, graças ao latifúndio. Na verdade, o “pau-de-arara”⁹ deixa o lugar onde nasceu para se libertar, não quer ser servo da gleba. Ele busca liberdade em pleno século XX (Araújo, 1972, p. 42-43).

Sassen (2016), ao expor as lógicas de expulsão¹⁰, destaca que “nas últimas décadas, houve grande crescimento da quantidade de pessoas, empresas e lugares expulsos das ordens sociais e econômicas centrais de nosso tempo” (2016, p.09). Segue mencionando que, apesar de sob o conceito de expulsão seja possível inserir diferentes processos e circunstâncias, existe um aspecto comum entre eles – todos são agudos¹¹. Contudo, a autora destaca que os casos mais extremos de expulsão são das pessoas que vivem em níveis muito baixos de pobreza, ocasionando assim o seu deslocamento, considerando esta locomoção como formas brutais de expulsão associadas ao desemprego, fome e até mesmo questões ambientais.

Deste modo, a migração nordestina não apresenta uma única motivação, podendo ser compreendida como um fenômeno multifacetado, abrangendo um conjunto de fatores – climáticos e econômicos – que violaram os direitos humanos da população menos favorecida, ensejando em seu deslocamento forçado. Portanto, ainda que as motivações para migrar sejam várias, segundo Martins e Vanalli (2021), “o motivo que gera o maior número de migrações no mundo todo é o econômico (...) As migrações seguem a mesma trilha do capital” (p. 35).

Assim, ao investigar de modo específico o caso da migração nordestina para

⁹ Nome utilizado por Araújo (1972) para fazer menção ao migrante nordestino.

¹⁰ “O conceito de expulsão leva-nos além daquela ideia que nos é mais familiar da desigualdade crescente como forma de entender as patologias do capitalismo global atual. Também põe em primeiro plano o fato de que algumas formas de conhecimento e inteligência que respeitamos e admiramos muitas vezes estão na origem de longas cadeias de transação que podem terminar em simples expulsões” (Sassen, 2016, p. 9).

¹¹ Por agudo compreende-se o caráter abrupto, extremamente intenso e separatório dos processos de expulsão que conduzem as mais variadas formas de exclusão.

a região Sudeste, considerada o principal movimento migratório interno no país desde o final do século XIX, é possível observar através dos dados censitários disponibilizados pelo IBGE que, durante as décadas de 50 e 70, ocorreu um intenso deslocamento para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo (Brito, 2006). Por meio desta análise, é possível aferir ainda que a seca impulsionou a migração, contudo, conforme mencionaram Martins e Vanalli (2021), este movimento ocorre principalmente pela busca do sustento e melhoria de vida.

Salienta-se que o contexto histórico do Brasil na época correspondia ao período da República Nova, marcado por um grande salto no crescimento econômico e industrial, contribuindo para que a população nordestina vislumbrasse na Região Sudeste uma nova Canaã (Araújo, 1972)¹², a terra das oportunidades. O termo utilizado faz referência ao relato bíblico da história de Abraão, que recebeu a missão de migrar para Canaã para formar uma grande nação. Vale ressaltar que em relação a outras terras próximas, Canaã era farta, razão de ser conhecida como “a terra que mana leite em mel”. Em alusão a terra prometida narrada na história bíblica, os migrantes nordestinos também vislumbravam no Sudeste a “fartura”, o que justificaria o intenso deslocamento.

Todavia, mesmo após o período mencionado é possível observar, ainda que em menor escala, a continuidade do fluxo migratório do Nordeste em direção ao Sudeste. Conforme destaca Araújo (1972) ao afirmar que “ainda há retirantes, é claro, mas não como outrora, milhares em busca de uma nova Canaã” (p. 55). Esta alegação é corroborada através da pesquisa “Migração Interna no Brasil” realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2010), que dentre os resultados alcançados demonstrou que 60% dos migrantes encontravam-se nas regiões Nordeste e Sudeste, durante os anos de 1995, 2001, 2005 e 2008, e que os maiores fluxos migratórios são observados da Região Nordeste para o Sudeste.

¹² Araújo (1972) descreve a migração nordestina, fazendo alusão aos cinco primeiros livros da Bíblia conhecido como Pentateuco, o que designou o nome do seu estudo “Pentateuco Nordestino”.

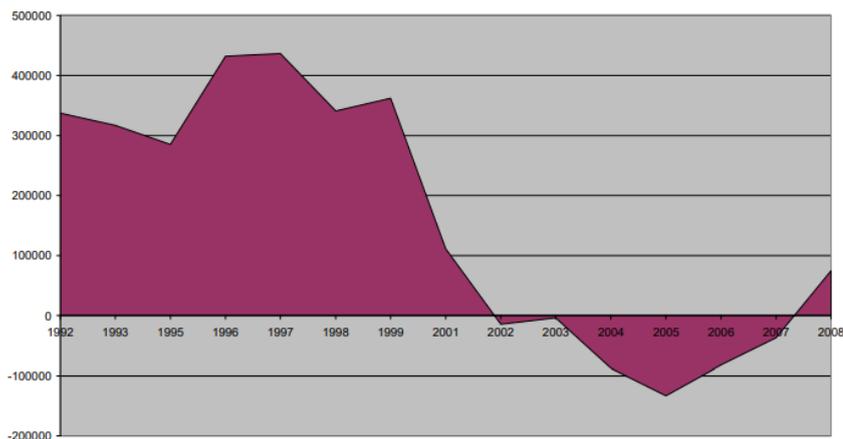


Figura 4 - Saldo Migratório entre as regiões Sudeste e Nordeste

No que tange especificamente a migração nordestina para a favela da Rocinha, o fator econômico apareceu como uma das principais motivações para o deslocamento, tendo em vista que o migrante vislumbra no êxodo um horizonte de variadas oportunidades, construído pela idealização do “sudeste maravilha”. Uma das nossas interlocutoras, Cleonice¹³, compartilhou conosco que sua decisão de migrar foi pela busca de melhores condições de vida

[...] Sempre minhas tias que moravam para cá né que lá a gente não tinha muito recurso de sobrevivência, meus pais eram trabalhador rural (Entrevista realizada em novembro de 2023).

Jonas¹⁴, por sua vez, nos contou que sua escolha de vir para o Rio de Janeiro foi influenciada pelo exemplo dos irmãos:

[...] No Nordeste é mais difícil de arrumar trabalho, mais complicado né, aqui é mais fácil. Já tinha tipo uma pontinha oferecida, a casa do meu irmão. Já vinha um, abriga o outro e assim vai fazendo sucessivamente ... desde pequeno quando meus irmãos viajavam de férias, tinha 10, 12 anos já pensava quando completar 18 anos vou para o Rio, aí quando foi com 17 para 18 ele foi de férias e eu voltei com ele” (Entrevista realizada em novembro de 2023).

Em vista disso, o Nordeste “possui, atualmente, significados já muito cristalizados que evocam uma série de imagens, tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas” (Bernardes, 2007, p. 41), limitando com frequência a real compreensão da região e corroborando para a criação de estereótipos. Um exemplo é o apresentado por Freyre (2004) ao afirmar que:

¹³ 57 anos, nascida em Jacareci (BA) e moradora da Rocinha a mais de 40 anos.

¹⁴ 36 anos, nascido em Poeiros (CE) e residente na Rocinha a mais de 19 anos.

[...] A palavra 'nordeste' é hoje uma palavra desfigurada pela expressão 'obras do Nordeste' que quer dizer: 'obra contra as secas'. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo os olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol (Freyre, 2004, p. 45).

Ratificando este entendimento, é possível fazer menção a clássicos da nossa literatura como *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* (1939), de Graciliano Ramos, frisando que estas obras ainda hoje exercem influência na formação do imaginário acerca da região Nordeste do Brasil. Neste sentido, Bernardes (2007) enfatiza que o Nordeste é quase sempre representado pela

[...] paisagem mais seca do agreste e sobretudo, a do sertão, com sua vegetação símbolo, formada pelas cactáceas e seus tipos humanos, entre os quais sobressai o vaqueiro com sua vestimenta de couro e sua pele curtida pelo sol (Bernardes, 2007, p. 41).

De modo semelhante, é possível verificar também está representação da região Nordeste nas imagens compartilhadas abaixo:



Figura 5 - Xilogravura representando o Nordeste (de Pablo Ramon)



Figura 6 - Xilogravura nordestina (de Marcos Mello)



Figura 7 – Vaqueiro nordestino

Entretanto, o Nordeste brasileiro é uma região heterogênea, possuindo diversos aspectos físicos e culturais além de apresentar, de acordo com a sub-região, níveis de desenvolvimento diferentes. Neste sentido, Freyre (2024) afirma existir mais de dois Nordeste, destacando pelo menos o agrário e o pastoril, demonstrando a complexidade da região e enfatizando que “dentro da unidade essencial, que nos une, há diferenças as vezes profundas” (Freyre, 2024, p.46). Logo, Bernardes (2007) assegura ser “mais justificado falarmos em vários Nordeste e não apenas de um Nordeste” (p. 43).

Portanto, partindo destas considerações iniciais acerca do espaço nacional organizado em regiões e analisando especificamente as regiões Nordeste e Sudeste, almeja-se desconstruir este modelo pré-concebido de nordestino e compreender como processos históricos, sociais, econômicos, culturais e políticos moldaram a sua identidade. À vista disso, este estudo examina o período

desenvolvimentista¹⁵ no Brasil e suas consequências na produção do espaço urbano. O objetivo é responder ao questionamento de se a idealização do Sudeste como uma região promissora seria um mito ou uma verdade. Além disso, a análise aborda as particularidades da “questão social”¹⁶ no Brasil e sua inerente relação com as desigualdades regionais existentes.

2.1

Nordeste: uma construção social

O Nordeste da forma como conhecemos hoje nem sempre existiu, a delimitação geográfica da região e a visão acerca de suas características passaram por processos de mudança no decorrer do tempo¹⁷ (Bernardes, 2007), razão pela qual consideramos preocupante a perpetuação de uma história única¹⁸ sobre a região e seu povo. A adoção deste conceito significa aceitar que um único discurso forje nosso entendimento acerca de determinado assunto desprezando outras versões.

Por analogia é possível pensar a história única como um filtro, que nos faz enxergar pessoas e situações através de lentes pré-concebidas ou ainda um iceberg, sua ponta visível – história única – representa apenas uma parcela do cenário enquanto outras partes igualmente importantes permanecem ocultas. Conforme sinaliza Adichie (2019), “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (Adichie, 2019, p. 14).

Sendo assim, é importante considerar, conforme sinaliza Castro (2021) que a região é uma construção histórica fruto das mudanças sociais experimentadas pelo país. Seguindo o mesmo entendimento, Bernardes (2007) destaca que

[...] A região não é uma realidade geográfica, embora esta seja um importante determinante da sua existência. (...) A formação do que viria a ser o Nordeste está diretamente ligada a história do espaço colonial brasileiro (Bernardes, 2007, p. 43).

¹⁵ “Política econômica formulada e/ou executada, de forma deliberada, por governos (nacionais ou subnacionais) para, através do crescimento da produção e da produtividade, sob a liderança do setor industrial, transformar a sociedade com vistas a alcançar fins desejáveis, destacadamente a superação de seus problemas econômicos e sociais, dentro dos marcos institucionais do sistema capitalista” (Fonseca, 2015, p. 18 *apud* Salomão, 2017, p. 422).

¹⁶ Compreendida como um conceito, podendo ser definida como “expressão das desigualdades sociais oriundas do modo de produção capitalista” (Santos, 2012, p. 17).

¹⁷ Vide Revista Retratos, nº 6, Dez. 2017 do IBGE que disponibiliza os mapas do Brasil demonstrando as transformações da região Nordeste no decorrer do tempo.

¹⁸ Conceito popularizado por Chimamanda Ngozi Adichie, podendo ser compreendido como uma visão simplista e padronizada sobre um indivíduo, grupo ou nação contribuindo para a formulação de estereótipos.

Isso corrobora com o entendimento de Albuquerque Junior (2011) que considera a região um espaço inventado. A partir deste argumento, o autor não desconsidera a existência física da região, no entanto enfatiza que a singularidade, as demarcações e os atributos conferidos ao Nordeste são frutos de processos históricos, sociais e culturais profundos. Destarte, alega que a invenção do Nordeste está pautada nos discursos, representações e narrativas que foram propagados ao longo da história; por interesses políticos e econômicos ou ainda nas representações artísticas e culturais.

Refletindo de forma mais aprofundada sobre o Nordeste, enquanto região plenamente constituída, Bernardes (2007) defende em seu estudo que a territorialidade do Nordeste reflete a ocupação de um local bastante modificado pelo colonizador. Todavia menciona que:

[...] Durante todo o período colonial, inexistiram as condições objetivas e subjetivas que tornassem possível a emergência de uma capacidade regional plenamente configurada. Dois principais fatores impossibilitaram a constituição desta espacialidade: um deles foi a ausência do Estado Nacional e o outro foi a vigência do Antigo Regime, em todo período colonial. (...) Sem Estado Nacional e sem vida política mínima, não é possível a emergência da região nem da questão regional (Bernardes, 2007, p. 49-50).

Logo, é válido mencionar que a delimitação do Nordeste na forma atual passou por pelo menos três importantes períodos, que, na visão de Castro (2021), refletem as ênfases conferidas a questão nordeste¹⁹. Deve ser registrado, ainda, que a primeira menção ao Nordeste como região ocorreu durante o período do boom da borracha (Bernardes, 2007) sendo representado pelo IBGE (Revista Retratos; Benedicto; Marli, 2018) no mapa do Brasil de 1940 (Figura 8).

¹⁹ “Perceber a Região Nordeste como uma “questão” implica, tanto em termos semânticos como em termos objetivos, aceitá-la como tema para reflexão e como problema a ser equacionado” (Castro, 2021, p. 61).

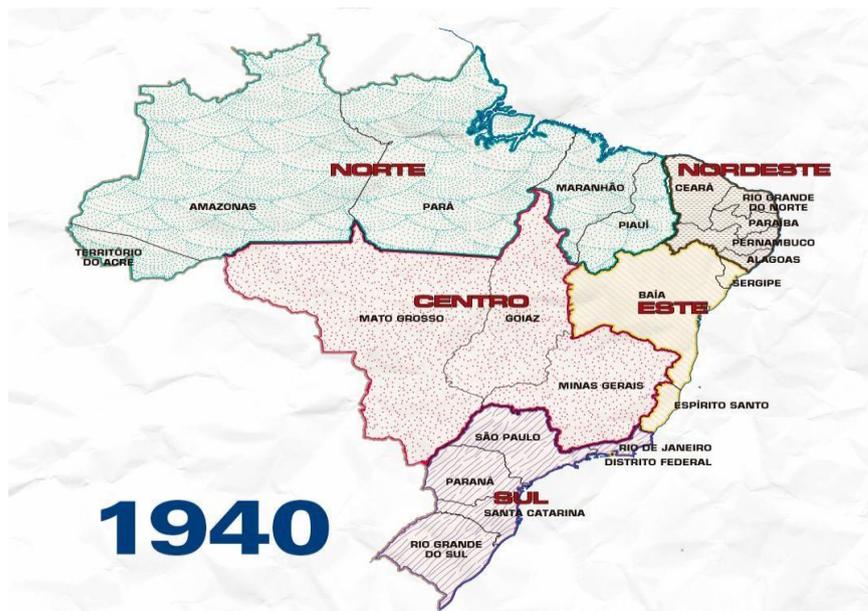


Figura 8 - Mapa do Brasil em 1940

Deste modo, o primeiro período é situado até o final dos anos 40. Neste intervalo de tempo, o que existia era divisão do espaço em duas naturezas diferentes, “a seca e a cana-de-açúcar como identificadores das ‘Províncias do Norte’” (Castro, 2021, p.62). De um lado, tínhamos o “Nordeste da terra gorda e de ar oleoso é o Nordeste da cana-de açúcar” (Freyre, 2004, p. 46) e, por outro lado, tínhamos “o outro Nordeste”²⁰ dos sertões de areia seca, da caatinga e dos mandacarus, dos bois e cavalos mirrados e do flagelado sertanejo.

No decorrer da história até a constituição da Nação Brasileira, “a instalação da sede da monarquia no Rio de Janeiro (1808) e a eclosão da Revolução Constitucionalista do Porto (1820)” (Bernardes, 2007, p. 51) exerceram forte influência na crise do Antigo Sistema Colonial e consequentemente na reestruturação do espaço. De acordo com Bernardes (2007):

[...] A internalização do poder, com o Estado Nacional Soberano criou condições inteiramente novas para a vida política, impossíveis de existir durante a vigência do Antigo Regime e do Antigo Sistema Colonial. A própria localização da Corte, no Rio de Janeiro, contribuiu para uma nova territorialidade ao, de alguma maneira, dividir o país em duas grandes Regiões: Norte e Sul (Bernardes, 2007, p. 54).

Entretanto, deve ser ressaltado que essa divisão acarretou críticas com relação a disponibilidade dos recursos e ao tratamento diferenciado praticado entre as regiões. Bernardes (2007) menciona que “a percepção de diferenças na economia entre *Norte* e *Sul* esteve também acompanhada da sua face cultural e

²⁰ Expressão utilizada por Djacir Menezes em contraposição ao Nordeste apresentado do Gilberto Freyre -ver: Menezes, Djacir. O outro Nordeste / Djacir Menezes. – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

da diversidade das respectivas formações históricas” (p. 56), compartilhando a título de exemplo trechos de um dossiê publicado pelo Diário de Pernambuco:

A vida no Norte do Brasil tem cunho diverso da do Sul. Tradições, hábitos, índole, meios de subsistência constituíram uma sociedade com feições diferentes. [...] Influências de ordem política têm concorrido para que mais se caracterize e acentue a diferença entre o Norte e o Sul do Brasil. No Sul está o governo, a cujo influxo imediato tudo se anima e desenvolve, a cujo contato vivificam-se as indústrias, com cujo fomento as forças naturais fazem a riqueza do país. Como quem está mais perto do fogo melhor se aquece, tem o favor do governo levantado no Sul empresas de melhoramento que desenvolvem a iniciativa e a fortuna. Um clima adaptado à vida dos emigrantes da Europa tem tornado profícua no Sul essa colonização que não há quem chame para o Norte, onde lhe faltam todos os favores e vantagens. No Norte o sol é o grande agente da felicidade dos povos. Vive-se a vida tradicional e rotineira, e faz-se a cultura do solo como ela era feita antes de todo o progresso que a indústria tem feito nos outros países com o auxílio dos novos processos, de aparelhos e máquinas, que aumentam a produção e a tornam mais barata. Não podendo competir com os produtores dos outros países, que cultivam a mesma espécie, os poucos capitais ficam inativos. E todavia as leis do imposto são gerais; tanto paga ao fisco o capital improdutivo e morto do Norte do Império, como o do Sul, que se reproduz com rapidez pela assistência do governo. [...] O Norte vende a escravatura, o instrumento inútil do trabalho, e o Sul, que lha compra, multiplica a sua riqueza (Diário de Pernambuco, 11 de novembro de 1845 In Mello 1975, v. 2: 653-654 *apud* Bernardes, 2007, p. 56-57).

Todo este contexto demonstra como a Nação Brasileira foi sendo construída a partir de uma profunda divisão entre as regiões, refletindo o desenvolvimento desigual do Brasil. A região Norte sendo associada à pobreza, miséria e atraso. Castro (2021) ressalta que com relação a esfera política o Nordeste também era conhecido como “o espaço dos ‘coronéis’, da ‘oligarquia’ latifundiária, das eleições fraudulentas e das violentas disputas pelo poder político” (p. 63). Destarte, enfatiza-se, que baseado nas manifestações políticas e sociais da história do Brasil, foram produzidas uma vasta e diversificada literatura²¹, assim como outros produtos artísticos que até hoje exercem influência na constituição de um estereótipo Nordestino (Bernardes, 2007).

O segundo período é compreendido a partir do final dos anos 40, com o fim de um regime autoritário e a promulgação de uma nova Constituição (1946), oportunidade em que a questão regional passou a ser vista sob um novo prisma abrangendo além do aspecto econômico, também enfoques sociais e políticos. Bernardes (2007) ressalta que até então “a questão regional foi percebida, formulada, enfrentada, sobretudo, em função dos interesses da elite regional” (p. 69).

²¹ “Nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, entre muitos outros, antes ou depois, muito contribuíram, com motivações diversas, para dar ao Nordeste um lugar não apenas na divisão territorial do país, mas também em sua geografia cultural” (Bernardes, 2007, p. 67).

A temática do desenvolvimento passou a ser vista como questão principal diante do alargamento dos mercados e de ultrapassagem da ordem anterior (Castro, 2021), exigindo uma conduta diferente por parte do Estado. Já na década de 50, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) promoveu debates acerca do tema, “colocando a nu as desvantagens dos países pobres no comércio internacional, e apontando a industrialização como solução para os problemas econômicos, sociais e políticos das regiões atrasada” (Castro, 2021, p. 64).

As discussões fomentadas internacionalmente também foram analisadas no plano nacional e resultaram em ações de planejamento almejando o desenvolvimento da região. Assim, foi criado em 1952 o Banco do Nordeste do Brasil²² visando

uma atuação diferenciada do estado no enfrentamento da questão regional, pois o BNB deveria ter uma ação indutora do desenvolvimento regional, o que implicava a existência de um conhecimento técnico mais elaborado sobre a economia regional e, por consequência, uma ação planejada (Bernardes, 2007, p. 70).

Posteriormente, surgiram as organizações de trabalhadores rurais, tendo como seu principal expoente as *Ligas Camponesas*, e diversos encontros foram promovidos tendo a questão regional como tema central (Bernardes, 2007), até que em 1959 – durante o governo de Juscelino Kubitschek, “cuja palavra síntese era o *desenvolvimentismo*” (Bernardes, 2007, p. 71) – foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) dando visibilidade ao Nordeste enquanto região. Com relação a criação da SUDENE, Castro (2021) declara:

A identificação das disparidades regionais como uma questão crucial para o desenvolvimento do país superou, no Nordeste, as ações voltadas exclusivamente para a seca. Era patente que a redução das disparidades e o consequente desenvolvimento da região mais pobre do país necessitavam de ações de caráter mais amplo e de uma soma de investimentos muito maior. A criação da SUDENE delimitou politicamente o espaço para essas ações, e os seus planos diretores delimitaram as áreas prioritárias para os investimentos (Castro, 2021, p. 65).

Por fim, chegamos ao terceiro período compreendido a partir de meados da década de 60, “grandiosas promessas de desenvolvimento, de fim da miséria, de um novo Nordeste, foram feitas” (Bernardes, 2007, p. 66), todavia

[...] a diferença entre as metas propostas pelos programas de desenvolvimento e os resultados alcançados impôs uma revisão teórica do tema do desenvolvimento, propiciando novas perspectivas da análise da dependência, através do retorno às

²² Lei 1.649, de 19 de julho de 1952.

formulações clássicas do marxismo, enfatizando a existência de relações estruturais e globais entre a periferia e o centro, vistos no plano internacional (Castro, 2021, p. 66).

Desta forma, a análise dos requisitos da dependência²³ a partir da perspectiva regional possibilitou enxergar a região Nordeste sobre um outro prisma – questão territorial.

Os efeitos e resultados do novo Nordeste são, por um lado, os novos empreendimentos industriais, os grandes complexos turísticos, a moderna agricultura irrigada; por outro lado a expansão da miséria que se expõe hoje em todos os aglomerados urbanos da região, seja de qual porte forem (Bernardes, 2007, p. 76).

Sendo assim, restou demonstrado que a constituição da região Nordeste considera a sua formação histórica e social tendo como base o conceito de espaço vivido em razão das dinâmicas observadas. O regionalismo se manifesta como mecanismo que molda a imagem da região e introjetada tal concepção à sociedade. No que tange especificamente ao regionalismo nordestino, este possui como principal fator caracterizador as representações culturais. Como é possível perceber através dos exemplos compartilhados a seguir, a imagem do Nordeste que ainda persiste é de uma região pobre e atrasada, forjando o estereótipo nordestino de um povo sofrido.

Exemplo 01: Trecho do auto de Natal Pernambucano “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto

(...) Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice ates dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia (...)
(Melo Neto, 2007, p. 92).

²³ “Estabelece como ponto de partida as relações estruturais do sistema capitalista que conferem às economias centrais o poder de dominação e de extração sobre as periferias.” (Castro, 2021, p. 67).

Exemplo 02: Asa Branca – canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira Cavalcanti

Quando oiei' a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei' a Deus do céu, uai
 Por que tamanha judiação?
 Eu perguntei' a Deus do céu, uai
 Por que tamanha judiação?
 Que braseiro, que fornaia'
 Nenhum pé de prantação'
 Por farta' d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Por farta' d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Inté' mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Hoje longe, muitas légua
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim vortar' pro meu sertão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim vortar' pro meu sertão
 Quando o verde dos teus óio'
 Se espaiar' na prantação'
 Eu te asseguro, não chore, não, viu
 Que eu vortarei', viu, meu coração
 Eu te asseguro, não chore, não, viu
 Que eu vortarei', viu, meu coração

2.2

Sudeste Maravilha: mito ou verdade?

Segundo Pinto (2018), o processo de êxodo rural ²⁴ no Brasil ocasionou um grande processo migratório interno, ensejando que a população nordestina vislumbresse no Sudeste um campo de oportunidades para o trabalho diante do número expressivo de fábricas na região, surgindo a máxima do Sudeste maravilha, especialmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo.

O contexto histórico do Brasil era da República Nova. O segundo governo Vargas (1951-1954) foi marcado por uma política de desenvolvimento nacional. Já o governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) se caracterizou pelo desenvolvimentismo, com o slogan “50 anos em 5”. Neste período, “completa-se a constituição do capitalismo no Brasil, atingindo sua terceira fase: a de

²⁴ “[...] Industrialização do campo, que introduziu a mecanização do trabalho e da produção, o que culminou na geração de desemprego, os trabalhadores passam a ambicionar empregos nas zonas urbanas” (Pinto, 2018, p. 105).

industrialização pesada (Santos, 2012, p.77).

Sobre este período da história, Pinto (2018) assegura:

O processo de industrialização é atrelado a alguns ciclos industrializantes que surgiram no país. (...) com o período do nacional desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek (1956 – 1961). Porém, esses processos foram realizados concentrando-se na região Sudeste do Brasil, principalmente nos já citados municípios do Rio de Janeiro e São Paulo (Pinto, 2018, p. 105).

Enquanto o Nordeste experimentava uma crise ambiental e econômica, o Sudeste representava uma nova perspectiva – de um Brasil industrial e moderno. Todo este contexto contribuiu para que a população nordestina percorresse o caminho da migração com destino ao “Sudeste maravilha”. Contudo, o que se observou foi a agudização das expressões da “questão social”, sobre a forma do “subemprego”, diante do avanço do capitalismo. Sobre o assunto, Souza (2012) pondera:

O desemprego estrutural e, principalmente, o “subemprego” no Brasil não são novidades recentes, existindo uma conexão entre este fato e a superexploração da força de trabalho que se “naturalizou” como condição para a inserção subordinada do país nas engrenagens do capitalismo monopolista de corte imperialista (Souza, 2012, p. 19).

Portanto, a partir de uma vivência empírica; das entrevistas realizadas assim como através do acesso à conteúdos produzidos sobre a migração nordestina, foi possível observar que grande parte dos migrantes que buscavam uma vaga no mercado de trabalho costumavam se encaixar quase sempre no mesmo tipo de ocupação: porteiro, auxiliar de obra, garçom, empregada doméstica. Neste aspecto, destacamos novamente o relato de Cleonice que nos contou que saiu de sua cidade no interior da Bahia para trabalhar em casa de família no Rio de Janeiro.

[...] Aconteceu essa chance de minha tia me trazer para cá, aí eu vim para cá e aqui fiz minha vida ... minha tia tinha uma amiga que morava aqui e essa moça eu vim para cá trabalhar com ela, e aqui fiquei né, fiquei até hoje e tô aqui (Entrevista realizada em novembro 2023).

Muitos migrantes trabalham como porteiros, auxiliar de limpeza ou na construção civil. O jornalista Felipe Lucena no podcast “Dois prá lá, dois pra cá”²⁵ no episódio “Tá vendo aquela casa, moço?” afirmou que “foram muitas as

²⁵ Podcast que fala sobre a presença nordestina no Rio de Janeiro, executado em formato de reportagem.

construções erguidas por nordestinos no Rio de Janeiro”.

Todas estas experiências vão “de encontro ao pressuposto de Sayad, que afirma haver uma espécie de *mercado de trabalho para migrante*” (Sayad, 1998, p. 55 apud Barbosa, 2021, p. 127). Assim, Barbosa (2021) segue descrevendo que “as razões para a afiliação a tais ocupações são atribuídas a determinados fatores, como baixo nível de escolaridade e a pouca experiência no contexto urbano” (p. 127). Merece menção ainda o fato de que os migrantes nordestinos eram vistos como uma mão de obra barata, sendo justamente na relação capital/trabalho que se encontra a gênese da “questão social”. Destarte, conforme salienta Valim (2009), a migração nordestina é um fenômeno social, fundada no capitalismo e assentada na variabilidade do trabalho.

Após breve apresentação do contexto histórico, investigaremos a “natureza segunda” para designar “a natureza já transformada pela sociedade” (Souza, 2022, p. 30) e assim estabelecer a relação entre urbanização, produção do espaço urbano e déficit habitacional. Segundo Souza (2022), ao privilegiar o estudo da “natureza-para-a-sociedade”, o espaço geográfico passa a ser compreendido como

um espaço verdadeira e densamente social, e as dinâmicas a serem ressaltadas são as dinâmicas das relações sociais (ainda que sem perder de vista as dinâmicas naturais e seus condicionamentos relativos) (Souza, 2022, p. 31).

Harvey (2005), ao tentar definir o espaço social, afirma que se trata de uma unidade intrínseca constituída a partir das práticas sociais e das relações de poder materializadas em uma área física. Isto significa que o espaço social não está limitado a sua materialidade, sendo fundamental para sua compreensão considerar o desenvolvimento das relações sociais (Souza, 2022). Deste modo, é possível estabelecer a conexão entre o conceito de espaço geográfico e espaço social. Sendo o segundo, mais específico e central à medida que “equivale uma qualificação do espaço geográfico” (Souza, 2022, p.31) dando origem a conceitos derivados²⁶ dentre os quais destacaremos a seguir a produção do espaço²⁷.

Todavia, é importante registrar que no presente estudo a produção do espaço está atrelada a organização espacial, compreendida como “novas estruturas socioespaciais, para agasalhar novas relações sociais” (Souza, 2022,

²⁶ Conceito que emerge da “interface do espaço social com as diferentes dimensões das relações sociais” (Souza, 2022, p. 32) – Ex: território, lugar, produção do espaço

²⁷ “Expressão indescolável, hoje, da obra de Lefebvre ... o filósofo francês sistematiza o *insight* sobre a importância crescente da produção do espaço (e não somente no espaço) para a acumulação capitalista.” (Santos, 2022, p. 39)

p. 39), e ao capitalismo, destacando que:

[...] Os capitais, em cada momento histórico, buscam moldar as cidades aos seus interesses, ou melhor, aos interesses articulados de diferentes forças que podem compor uma aliança. Mas esse modelo de paisagem, ou ambiente construído, não resulta sem contradições (Harvey, 1982 apud Maricato, 2015, p. 18).

Assim sendo, de um lado temos os trabalhadores que almejam da cidade moradia e serviços públicos e de outro os capitais que enxergam a cidade como mercadoria, ou seja, “um produto resultante de determinadas relações de produção” (Maricato, 2015, p. 23).

Como já apontou inicialmente Marx e desenvolveu Harvey, entre o valor de troca da cidade mercadoria e o valor de uso da cidade condição necessária de vida para a classe trabalhadora, há uma profunda oposição que gera um conflito básico (Harvey, 1982 apud Maricato, 2015, p. 24).

Neste ponto, a teoria da relação sociedade-espço desenvolvida por Harvey ao longo dos seus estudos é de suma importância para perceber a complexa relação estabelecida entre sociedade, espaço e o sistema econômico capitalista, concebendo o espaço como um produto social. Isto é, a produção do espaço urbano pela lógica capitalista favorece o lucro em oposição ao bem-estar da população, moldando a cidade de acordo com as necessidades do capital (Harvey, 2005).

Maricato (2015) destaca que as cidades mudam a partir do desenvolvimento do capitalismo, muito embora a sua existência seja anterior, ressaltando que “especificidades no processo de urbanização acompanham as diferentes fases do capitalismo colonial-industrial ou global-financeiro nos países centrais ou periféricos” (Maricato, 2015, p. 17). Tal como Harvey (2005) argumenta que o estudo do urbano não pode ser dissociado da formação social e do desenvolvimento econômico, pontuando que “a crescente concentração de população nas cidades traz novas características para as sociedades e para a humanidade” (Maricato, 2015, p. 17), sendo perceptível o agravamento das expressões da “questão social”.

Neste sentido, o processo de urbanização no Brasil foi marcado por uma profunda desigualdade que resultou na segregação espacial, gerando exclusão social. O fluxo migratório interno intenso para o Sudeste no período de 1950-1970 ensejou no que Maricato (2015) chamou de “crise urbana”, enfatizando que um elemento indispensável para a compreensão da crise é a questão da terra, um dos fatores fundamentais da acumulação capitalista.

Concordando com este entendimento em seu estudo, Martins e Vanalli

(2021) buscam demonstrar que os movimentos inter-regionais “são o resultado da injusta estrutura fundiária que caracteriza nossa terra desde os primórdios da colonização, assim como da penetração do capitalismo no país com toda a sua amplitude” (p. 120).

Diante desta conjuntura que intensificou o aumento da pobreza urbana²⁸, a questão estrutural de moradia passou a ser vista como um dos principais problemas a serem enfrentados nas metrópoles, gerando um déficit habitacional e contribuindo para o aumento do número de favelas por serem consideradas opções mais baratas de habitação, passando a integrar as cidades²⁹ nos países capitalistas periféricos (Maricato, 2015). A favela foi considerada por Araújo (1972) em seu estudo sobre a migração interna como sendo “o poleiro final do pau-de-arara” (p.7).

Não se pode desconsiderar que o deslocamento interno no Brasil, em especial para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo, é uma consequência de “problemas estruturais do desenvolvimento do Brasil” (Martins e Vanalli, 2021, p. 12) a medida que esses fatores levaram a uma organização do espaço marcada pela crescente concentração do capital no Centro-Sul, paralela à destruição das economias regionais do país, determinando a necessidade da saída de grande parte da população em busca de trabalho acarretando uma urbanização desigual na região Sudeste.

De acordo com Santos (2021), todo este cenário delineado pelo modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil, pautado em uma industrialização rápida e na reunião de capital especialmente no Sudeste, intensificou as desigualdades sociais e espaciais na região ensejando em sua urbanização desigual. Em seu estudo, Santos (2021) menciona alguns fatores caracterizadores deste evento como: centralização econômica; expansão urbana desordenada e segregação espacial, deixando claro que a urbanização é um processo complexo e sinuoso, assinalada por acentuadas desigualdades. Sendo, portanto, o slogan do “sudeste maravilha” um mito.

²⁸ Conceito investigado por Santos (2013) ao analisara relação entre pobreza e teoria do desenvolvimento, afirmando existir uma forte conexão entre o fenômeno da urbanização e a pobreza.

²⁹ As favelas ou moradias ilegais, de modo geral são parte estrutural das nossas cidades, não constituem exceção mais regra” (Maricato, 2015, p. 20).

2.3

“Questão Social” e as desigualdades regionais

Santos (2012) aborda a “questão social” como parte da dinâmica capitalista e das lutas sociais contra a exploração do trabalho. Enfatiza que para se estudar as especificidades manifestadas pela “questão social” no Brasil se faz necessário realizar análise de modo articulado entre as categorias “modo de produção” e “formação social” esclarecendo que

[...] é este percurso que permite, no seguimento da reflexão proposta, adensar a perspectiva conceitual da “questão social” como resultante das relações entre capital trabalho, sem, no entanto, restringi-la a tais mediações de caráter essencialmente universal (Santos, 2012, p. 48).

Em outras palavras, ressalta que olhar a questão social apenas de forma conceitual é insuficiente, sendo necessário a conexão entre o teórico e o histórico por meio de um processo dialético. Deste modo, é mediante um estudo aprofundado das duas categorias que é possível perceber a existência de intercessões entre elas, considerando a trajetória do capitalismo brasileiro assim como da relação entre capital e trabalho em nossa formação social.

Dito isto, é importante mencionar ainda que devido a sua constituição, seu acelerado desenvolvimento através da industrialização – característica dos países subdesenvolvidos – e sua grande extensão territorial somada a sua diversidade cultural, o Brasil exprime diversas distinções entre as regiões que se cruzam com as expressões da “questão social”³⁰, “determinadas pela desigualdade fundamental do modo de produção capitalista” (Santos, 2012, p. 17). Muito embora a “questão social” só tenha sido reconhecida e propagada com o desenvolvimento do capitalismo, Silva (2013, p. 262) salienta que “a questão social latente ou explícita, sempre esteve no centro das lutas sociais travadas no interior da sociedade brasileira”.

Em concordância com este entendimento, Ianni (1989) afirma que, ao observarmos a formação sócio-histórica do Brasil, constatamos que ela é atravessada por situações em que é possível identificar uma ou mais características da “questão social”, ou seja, “a questão social está na base dos movimentos da sociedade” (Ianni, 1989, p. 145), tendo em vista que “a sociedade em movimento se apresenta como uma vasta fábrica das desigualdades e

³⁰ As expressões da “questão social” refletem uma releitura do conceito aplicada a realidade brasileira, destacando a importância de sua análise de modo articulado entre as categorias “modo de produção” e “formação social” que irão configurar os problemas sociais (Santos, 2012).

antagonismos que constituem a questão social” (Ianni, 1989, p. 147).

Por fim, Ianni (1989) destaca que o traço estrutural da sociedade brasileira é o seu profundo dualismo, fazendo menção a existência de “dois brasis”, de um lado a sociedade “subdesenvolvida” e de outro a “moderna sociedade industrial”. Entretanto adverte:

É enganoso sugerir que os “dois brasis” pouco ou nada têm a ver um com o outro. A análise atenta das relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica permite demonstrar que os processos da economia têm raízes na pauperização relativa – e as vezes absoluta – de trabalhadores da cidade e do campo. Isto é, os ‘participantes’ e os ‘excluídos’ estão atados por relações, processos e estruturas que reiteram continuamente, em distintas formas, diferentes regiões; em geral por intermédio de instrumentos e técnicas controladas pelos que mandam, ou seja, uma parcela dos ‘participantes’ (Ianni, 1989, p. 150).

Portanto, é importante mencionar que as desigualdades observadas entre as diferentes regiões do Brasil são expressas de formas variadas, contudo no centro da “questão social” está a categoria trabalho.

As expansões do capital beneficiam-se das condições adversas sob as quais os trabalhadores são obrigados a produzir, no campo e na cidade. Os mesmos ‘indicadores econômicos’ da modernização alimentam-se dos ‘indicadores sociais’ da ‘sociedade primitiva’ [...]. Em outros termos, a mesma sociedade que fabrica a prosperidade econômica fabrica as desigualdades que constituem a questão social (Ianni, 1989, p. 154).

Assim, buscamos demonstrar por meio da investigação no que se refere a construção social do Nordeste e da exaltação do Sudeste, que as desigualdades observadas entre as regiões brasileiras tem suas raízes no processo de colonização que vivenciamos e na formação do Estado-Nação que concebeu um modelo de desenvolvimento desigual, intensificado pela industrialização, aprofundando as diferenças entre as regiões. De acordo com Martins e Vanalli (2021, p. 36), o Brasil é conhecido como o país das “febres”, da cana-de-açúcar, da mineração, da borracha e segue explicando que “essas febres eram sintomas de que países estrangeiros estavam necessitando daqueles produtos (não propriamente os brasileiros) e que por eles pagavam um bom preço”, o que ensejou o deslocamento interno de pessoas atraídas por melhores oportunidades e que vislumbravam na exploração destes produtos a possibilidade de alcançar uma vida melhor exemplificando que

[...] muita gente nordestina buscou as lavouras de café do Sudeste e em seguida, muito mais gente ainda procurou as indústrias de São Paulo e do Rio de Janeiro para vender sua força de trabalho. Enquanto a região Sudeste crescia

economicamente, o Nordeste encontrava-se em dificuldades, pois a tempos que a cana-de-açúcar não eram mais um negócio lucrativo. Com isso, os engenhos e até as indústrias têxteis (algodão), foram entrando em declínio, causando desemprego em massa (Martins e Vanalli, 2021, p. 37).

Deste modo, o ócio forçado é considerado um fator potencializador da migração nordestina em busca de trabalho e melhores condições de vida no Sudeste. Contudo, ao chegarem no Rio de Janeiro, os migrantes se deparam com uma realidade diferente oriunda do modo de produção capitalista e o estabelecimento do trabalho assalariado. Ou seja, o trabalhador passou a ser subordinado à produção do capital sendo privado dos meios de produção. Sobre este assunto, Sposito (2022) afirma:

A predominância do trabalho assalariado, e por outro lado o controle, cada vez mais definitivo, da produção pelo capital, dão ao desenvolvimento capitalista um novo rumo, através da ampliação do espectro de acumulação e reprodução do capital. Antes era possível acumular-se a partir do comércio de todo o tipo que a economia mercantil permitia (incluía-se aí os saques e a pirataria, por exemplo). Agora, era possível reproduzir este capital acumulado, investindo-o na produção, através da compra dos meios de produção necessários: matéria-prima, ferramentas, máquinas e força de trabalho. Embutido no preço do produto, agora sob a determinação capitalista, estava o “lucro”, aquilo que a economia liberal considera a remuneração do capital investido, e que, na verdade, constitui-se na apropriação de parte da riqueza produzida pelo trabalhador que o seu salário não remunera – a mais-valia (Sposito, 2022, p. 47).

Almejando a ampliação da mais-valia era necessário a própria ampliação do capital, neste contexto aconteceu “uma revolução nos moldes da produção industrial, de sorte a ampliar as possibilidades de realização do capital” (Sposito, 2022, p. 48). Sendo assim a industrialização impulsionou o crescimento populacional urbano e ocasionou “fortes transformações nos moldes da urbanização” (Sposito, 2022, p. 50), transformando a própria cidade. Estas mudanças estruturais provocou a constituição hierarquizada das redes urbanas, tendendo a formação das metrópoles³¹, refletindo na paisagem urbana.

Logo, conforme salienta Sposito (2022), o acelerado e intenso crescimento da população gerou alguns “problemas” urbanos como desemprego, favelização e pobreza. Segundo Valim (2009, p.19) “o crescimento urbano acelerado e desordenado e o empobrecimento contínuo sobretudo das populações de rendas mais baixas, provocam a deterioração progressiva das condições de vida na cidade”. Aquiescendo com este pensamento, Yazbek (2001, p.35) enfatiza que “a pobreza é uma face do descarte da mão de obra barata, que faz parte da

³¹“Espaços de concentração de capital, meios de produção, e *locus* da gestão do próprio modo de produção” (Sposito, 2022, p. 54).

expansão capitalista” estando diretamente relacionada com o avanço da industrialização e a expansão urbana. Ainda nas palavras de Yazbek:

Pobreza, exclusão e subalternidade configuram-se, pois como indicadores de uma forma de inserção na vida social, de uma condição de classe e de outras condições reiteradoras da desigualdade (como gênero, etnia, procedência etc), expressando as relações vigentes na sociedade. São produtos destas relações, que produzem e reproduzem a desigualdade no plano social, político, econômico e cultural, definindo para os pobres um lugar na sociedade (Yazbek, 2001, p. 34).

Destarte, o estudo das particularidades da “questão social” no Brasil não é um fenômeno isolado, mas um produto histórico e estrutural das relações sociais e de produção marcado pelas desigualdades, razão pela qual para sua investigação “é necessário ‘destrinchar’ as relações entre capital e trabalho, tomando-se em conta a realidade nacional, de nossa formação social” (Santos, 2021, p.135).

Como exemplo, é possível mencionar o intenso processo migratório interno, a precarização do trabalho, assim como o aumento da pobreza urbana ocasionada pelo crescimento intenso e desordenado das cidades somado a concentração de renda nas mãos de uma minoria, como algumas manifestações da “questão social” que se entrelaçam e se fortalecem respectivamente. Em suma, o desenvolvimento desigual do país, intensificado pela industrialização com o acúmulo de riqueza e poder no Sudeste em detrimento de outras regiões, como o Nordeste se cruzam e agravam as expressões da “questão social”.

3

Raízes Nordestinas em solo carioca

A forte presença nordestina em solo carioca é uma realidade e pode ser observada com certa facilidade na dinâmica da cidade, segundo Freire-Medeiros:

O movimento em múltiplas escalas se torna uma “forma de habitar”; e que encontram uma ambivalência na mobilidade (...) as cidades são espacialidades relacionais e politicamente disputadas de mobilidades sistêmicas, expressões das intersecções entre infraestrutura, materialidades e signos (Freire-Medeiros, Bianca, 2024, p. 423).

Prova disto, é que no mês de janeiro de 2025 aconteceu no Museu da República, no bairro do Catete, a segunda edição do Festival do Nordeste “trazendo a maior celebração da cultura nordestina”, de acordo com reportagem do Diário do Rio, que destacou:

A expectativa da festividade é levar o público para o coração do Nordeste, em um ambiente temático repleto de cores, aromas e sonoridades que transmitem a autenticidade da região. Além de mergulharem na poesia e nas histórias de cordel, os participantes serão embalados pelo contagiante som do forró pé de serra enquanto dançam. O sabor da região estará em destaque na praça de alimentação, com opções como bobó de camarão, tapioca, caldo de sururu, acarajé, bolo de milho, carne seca com aipim, pamonha e mais de 50 delícias da gastronomia nordestina (Lourenço, 2025).

No que lhe concerne, Barbosa (2021), estudioso da temática da migração nordestina vivenciada sobretudo no período de expansão do capitalismo no Brasil (1950-1970), afirma que “o Rio de Janeiro é uma das principais cidades acolhedoras de mão de obra nordestina” (Barbosa, 2021, p. 22), destacando ser possível observar no processo de integração destes migrantes na cidade a conservação de suas tradições e heranças culturais.

O autor segue sustentando que a presença deste grupo no cenário carioca pode ser percebida em ambientes diversos, como na Feira de São Cristóvão³², ou mediante inserção de seu estilo de vida ao cotidiano dos moradores através da música, dança e alimentação. Neste sentido, Barbosa, citando Lesa, na obra *Rio de todos os brasis*, ressalta:

É importante sublinhar a contribuição social e cultural dos nordestinos à cidade. O sotaque sibilante da fala carioca – uma reminiscência lusa – foi temperado com o falar arrastado do Nordeste. No início dos anos 50, refletindo o deslocamento do

³² Realizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, a feira é considerada um espaço de representação da existência de manifestações regionais privilegiadas como forma de sociabilidade dos migrantes nordestinos na cidade (Barbosa, 2021).

transporte marítimo, o caminhão “pau-de-arara” pela Rio-Bahia – o sucessor dos Itas da Cia. Navegação Costeira – terminava a viagem na Praça São Cristóvão. Lá teve início a montagem da sedutora Feira de São Cristóvão [...] um dos melhoramentos do Rio diretamente ligados à cultura do migrante nordestino recém-chegado. Por toda a cidade a musicalidade do Nordeste e o estilo dos forrós combinaram-se com o ser carioca. O forró aninhou-se com a gafieira no coração dos bailarinos do Rio. Hoje é impensável sua ausência. Para os gulosos, mais além das moquecas, o Nordeste divulgou a carne-de-sol, o mocotó, o queijo coalho, o guisado de carne-seca etc (Lesá, 2001, p. 239 *apud* Babosa, 2021, p. 22-23).

Destaca-se que embora os fatores que ensejam um deslocamento sejam múltiplos, a migração nordestina possui relação direta com questões estruturais da nossa sociedade e a busca por oportunidades de trabalho e melhores condições de vida³³, conforme descreve o Sr. Edmundo³⁴ ao relatar sobre sua infância e vida no Ceará:

[...] Cem por cento ruim, não tinha comida, não tinha estudo, não tinha cultura. A gente não tinha nada, a gente nasceu igual bicho do mato [...] muito ruizinha. Cresci sem estudar, vim para o Rio de Janeiro tentar sobreviver e nesta sobrevivência estou até hoje (Entrevista realizada em janeiro de 2025).

Em diálogo com este entendimento Valim (2009) reitera que:

A história das migrações internas no Brasil contribui para compreensão do modo como se formou a atual sociedade brasileira. O que seria uma trajetória aparentemente individual, torna-se parte de um processo muito mais amplo de mobilidade de massa. Uma trajetória pela qual desfilam rostos, vidas com muito sofrimento, mas também com muita esperança para enfrentar a luta pela sobrevivência (Valim, 2009, p. 8-9).

Ao chegarem ao Rio de Janeiro, estes migrantes eram inseridos no mercado de trabalho “em ocupações consideradas socialmente subalternas³⁵. É como se existisse um mercado de trabalho absorvedor em potencial dessa mão de obra migrante” (Barbosa, 2021, p.25). Todavia, é importante ressaltar que:

Os motivos que levam os trabalhadores migrantes a aderirem às referidas ocupações correspondem a diferentes interesses e valores, não podendo ser entendidos apenas pelo efeito direto da relação entre oferta e procura. Contribuem para essa forma de afiliação social o conhecimento propiciado pelas relações sociais reconhecidas, a qualificação profissional e certas similitudes com o espaço social de origem, como a personalização da relação de trabalho e a simbolização do ritmo funcional, bem como estratégias adotadas para a implementação dos

³³ “Os migrantes são resultado do processo político e econômico do país, [...] incentivados pelo sonho de uma vida melhor ou movidos pela própria necessidade de sobreviver” (Valim, 2009, p. 9).

³⁴ 55 anos, nascido em Carnaébal (CE), residente na Rocinha há 32 anos.

³⁵ Termos como ‘subalternos’, ‘grupos subalternos’ e ‘classes subalternas’ relacionam-se com o conceito de classe subjugadas, ou seja, setores sociais silenciados que se encontram a margem da história e são governados pela classe dominante detentora do capital (Semerado, 2012).

projetos vislumbrados (Barbosa, 2021, p. 27).

Sendo assim, durante a etapa da produção de dados da presente dissertação, foi possível observar a constituição de uma rede de solidariedade tecida por nordestinos, acolhendo este migrante e o indicando para uma ocupação afim de conseguir sobreviver na cidade. Através do mapa mental abaixo, verifica-se as principais ocupações que apareceram durante as entrevistas, confirmando a hipótese suscitada por Sayad (1988): e ratificada por Barbosa (2021), que concordavam que existe um ramo de atividades destinado aos migrantes.

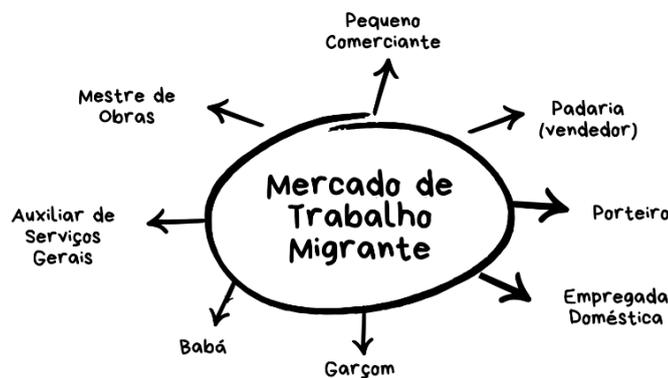


Figura 9 - Mercado de trabalho migrante

Somado ao trabalho assalariado com baixa remuneração, observa-se o crescimento acelerado da cidade em direção à zona sul e a ausência de planejamento urbano na produção de moradia. Assim, é possível constatar uma estreita relação entre o fenômeno migratório e as favelas. Esta dinâmica ocorre porque “a produção do espaço urbano é parte do processo de acumulação capitalista” (Tavalori, 2016, p. 101), ou seja, a constituição, organização e funcionamento da cidade está pautado na luta de classes.

Por esta razão, Maricato (2015) sustenta que a crise urbana enseja uma urbanização desigual e, conseqüentemente, o crescimento das favelas e de áreas periféricas e está fundada na relação entre o capital e o trabalho. Logo, “favela e migração dialogam a partir de pontos convergentes no que diz respeito ao processo de construção da nação, em determinado momento da história do Brasil” (Estrela e Santos, 2023, p. 11).

Deste modo, Valim (2009) ressalta que “nos anos 60, mais de 70% do crescimento populacional da ‘cidade maravilhosa’ foi devido à migração” (p.13). Em contrapartida, muitos migrantes ao chegarem no Rio de Janeiro foram buscar

moradia nas favelas, principalmente por fatores econômicos, por serem uma alternativa mais barata de moradia (Barbosa, 2021). Por seu turno, Perlman (1977, p.27) destaca que as favelas “eram a morada de um terço da população do Rio de Janeiro em fins da década de 1960”. Portanto, é possível compreender que os lugares são resultados de uma idealização histórica e social.

Entretanto, apesar de ser possível estabelecer uma relação de proximidade entre migração e favela, é válido o alerta de ser problemática a afirmação generalizada de que os moradores de favela são em sua maioria migrantes que acabaram de chegar à cidade (Valim, 2009), isto porque as favelas são espaços heterogêneos e sua origem é anterior ao aumento dos deslocamentos internos que aconteceram no âmbito de uma conjuntura social determinada.

3.1

O fenômeno da favelização e a forte presença de migrantes nordestinos nas favelas cariocas

Ao analisar a história das favelas, é possível observar a constante relação estabelecida entre intensificação da pobreza urbana e crescimento acelerado das cidades, o debate sobre a moradia popular e a questão da segregação socioespacial. Neste sentido, Machado da Silva (2016) investigou a origem da composição social da favela como uma idealização coletiva diante de sua dimensão físico-espacial. Todo este percurso foi esmiuçado por Valladares (2005) ao se propor realizar uma “sociologia da sociologia da favela” (p. 19).

Inicialmente, durante a metade inicial do século XX, as favelas eram representadas como “um verdadeiro ‘mundo rural nas cidades’” (Valladares, 2005, p. 8). A história da favela passou a ser construída pela maioria dos autores da época a partir do mito de Canudos³⁶, por terem suas representações sociais como sendo compostas por casebres de madeira, formando becos estreitos, com difícil acesso e pouca iluminação.

O que se tornaria o modelo de favela já estava, portanto, bastante presente no espírito desses intelectuais do Rio de Janeiro, que descobriram tais espaços novos na cidade através do olhar de Euclides da Cunha sobre Canudos³⁷. A fonte inspiradora está bastante evidente, não só na geografia como também na forma de representar as suas populações (Valladares, 2005, p. 30).

³⁶ Povoado do agreste da Bahia descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902).

³⁷ “Devo lembrar que no início do século XX e nas três décadas seguintes *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, teve papel fundamental no pensamento social e político brasileiro” (Valladares, 2005, p. 29).

Portanto, as imagens transmitidas através de *Os Sertões* “permitiram aos intelectuais brasileiros compreender e interpretar a favela emergente” (Valladares, 2005, p. 30), apontando a forte ingerência do livro de Euclides da Cunha na compreensão deste fenômeno. Gonçalves (2013) destaca que “vários estereótipos foram ligados às favelas por causa do mito de Canudos” (p. 44) e como consequência foi produzido um dualismo na relação entre favela/ cidade.

Assim, a partir da metade final do século XX, as favelas revelaram-se como objeto de estudos sistemáticos conforme menciona Gonçalves (2013), passando “a designar todas as habitações precárias do mesmo tipo espalhadas pelos diversos morros da cidade” (p. 44).

A partir de então, estes espaços foram apresentados por meio das suas ausências como um problema³⁸ que precisava de solução. A “temática higienista que atribuía a propagação de doenças às más condições sanitárias das moradias populares” (Valladares, 2005, p. 50) foi retomada tal como aconteceu na época dos cortiços – “considerado o *locus* da pobreza” (Valladares, 2005, p. 24). De acordo com Gonçalves (2013),

[...] como esclarece Lílian F. Faz, o surgimento das favelas é uma consequência direta da política higienista contra os cortiços. Segundo a autora, as primeiras ocupações de morros são ‘formas embrionárias de favelas’ que guardavam uma grande semelhança com os cortiços (p. 45).

Sendo possível, portanto, observar uma proximidade entre cortiços e favelas,

estudos sobre os cortiços do Rio de Janeiro demonstram que esse tipo de hábitat pode ser considerado o ‘germe’ da favela (...) Outros autores também estabeleceram uma ligação direta entre as demolições dos cortiços do Centro da cidade e a ocupação ilegal dos morros no início do século XX (Valladares, 2005, p. 24).

Em 1930, o Brasil iniciou um novo período da República. A Revolução de 30 e os anos seguintes de Vargas marcaram uma nova compreensão da favela, que passou a ser vista como um problema a ser administrado. O regime Vargas, associado ao conceito de populismo, retomou a temática higienista todavia com uma nova abordagem, “o reconhecimento de fato, da existência das favelas e da necessidade de melhorar as condições de vida dos favelados, contrariando a solução única de sua destruição anteriormente proposta” (Valladares, 2005, p. 52).

³⁸ Machado da Silva (2016) indica que desde sua origem, a favela já era relatada como um problema, um tipo de ameaça a organização social da cidade.

Segundo Gonçalves (2013), a política adotada por Pedro Ernesto, prefeito do Rio de Janeiro neste período, foi importante neste processo. Expõe que “Pedro Ernesto foi o primeiro a reconhecer a força política das favelas, ao admitir que elas poderiam constituir uma resposta concreta para o problema de moradia” (p.106). Contudo reconhece que,

[...] A era Pedro Ernesto acabou finalmente trazendo à luz o debate acerca da consolidação das favelas no Rio de Janeiro, mas não conseguiu sobrepujar as representações sociais que opunham frequentemente os moradores das favelas aos demais cidadãos da cidade (p. 111) .

Neste período, intensificou-se o processo de favelização na cidade do Rio de Janeiro, a identificação da existência da favela através do Código de Obras de 1937, e apresentação de medidas políticas concretas para ‘resolver o problema da favela’ com apresentação da primeira proposta de intervenção pública com a criação dos parques proletários nos anos de 1940.

Consoante Gonçalves (2013) relatou,

apesar das rigorosas imposições previstas pelo zoneamento, afetando as construções de habitações nas regiões centrais – e cujo objetivo era manter os pobres nos subúrbios -, o código previa a possibilidade de conservar os moradores no local, desde que ali fossem construídos conjuntos habitacionais (p.118).

Com a promulgação do Código de Obras de 1937 foi observado “a necessidade de administrar a favela e seus habitantes” (Valladares, 2005, p. 53), inaugurando assim o quarto período na construção da linha do tempo sobre a periodização das favelas, com a produção de dados oficiais, através dos recenseamentos de 1948 e 1950 (Valladares, 2005). Valladares (2005) destaca que o Brasil vivenciava o apogeu do desenvolvimentismo:

A retomada do crescimento econômico acelera o crescimento urbano e o afluxo dos migrantes rurais para as cidades também intensifica o crescimento das favelas, tornando mais aguda a questão de moradia para as classes populares (Valladares, 2005, p. 74).

Em concordância com este entendimento, Perlman (1977, p. 31) relata em seu estudo que o Brasil “conta com uma das mais altas taxas de crescimento urbano da América Latina”, razão pela qual tem sido considerado uma “nação predominantemente urbana”. Perlman explica, ainda, que “o Rio de Janeiro encontra-se entre as cidades brasileiras de maior crescimento, e constitui uma demonstração viva do fosso que se alarga entre os índices de urbanização e a

absorção da força de trabalho pelo setor industrial”, acarretando conseqüentemente no aumento da quantidade de favelas por fatores econômicos.

Períodos posteriores como o das remoções e das políticas de urbanização compõem ainda a demarcação temporal da história das favelas. Por sua vez, Valim (2009) enfatiza que são variados os fatores que contribuem para a crescente favelização, entre eles é possível mencionar o êxodo rural; a expansão das cidades de modo rápido e desorganizado; recessão econômica, desemprego e aumento da pobreza nas metrópoles.

Neste sentido, Barbosa (2021) ressalva:

Uma situação comum a muitos migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro foi a moradia em locais de infraestrutura precária, como as favelas. A inserção nestes espaços ocorre, antes de qualquer coisa, por motivos econômicos, mas também por apoio moral imediato. Tal opção acontece em razão da dificuldade de se arcar com as despesas de moradia em outra localidade, residir mais próximo ao trabalho e ao déficit habitacional, provocado pelo elevado crescimento urbano (Barbosa, 2021, p. 123).

Este suporte ficou evidenciado através de conversas realizadas com moradores da Rocinha durante a pesquisa de campo. Uma das nossas interlocutoras, Cleonice, nos contou que ela foi a primeira a chegar do Rio de Janeiro, vindo trabalhar diretamente na casa de uma família que já estava aguardando por ela, passando em seguida a residir na Rocinha. Já estabilizada, começou a receber suas irmãs que, assim como ela, vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e também passaram a residir na favela.

Destarte, nas décadas de 1950-1960, residir em favelas foi uma das alternativas encontradas pelos migrantes nordestinos que vieram tentar a vida no Rio de Janeiro. À vista disso, muitas favelas como a Rocinha, Rio das Pedras e Complexo da Maré passaram a ser consideradas “favelas de migrantes nordestinos”, em razão de ser essa a origem comum e predominante da maioria dos seus moradores” (Barbosa, 2021, p. 124).

Para a pesquisa em tela vamos nos deter a investigar a migração nordestina para a Rocinha, que experimentou dois processos significativos de expansão na década de 50 e 70 em consequência do “boom da migração nordestina” na favela, e a partir de então passou a ser denominada como uma favela nordestina por seus moradores em razão da forte presença de migrantes originários do Nordeste. Corroborando com esta afirmação, o relato do interlocutor Martins³⁹ deve ser mencionado:

³⁹ 79 anos, nascido em Hidrolândia (CE) e reside na Rocinha há 49 anos.

[...] isso foi uma coisa que mudou a minha adaptação na Rocinha, cada dia encontrava mais gente conhecida, ah não era conhecida mas era parente de alguém que eu conhecia. Em 1977 nós fizemos uma pesquisa através da ASPA (Ação Social Padre Anchieta), nós encontramos 63% de morador, pessoa da Rocinha que eram cearense [...] primeiro lugar Ceará, depois Paraíba, depois o grande Rio.

A presença do povo nordestino na Rocinha é tão forte que existe uma rota de ônibus exclusiva, que semanalmente realiza viagens entre o Ceará e a Rocinha⁴⁰, sem passar pela Rodoviária Novo Rio, tendo como ponto de partida e chegada à passarela da Rocinha. Em conversa com a Fabiana, funcionária da empresa Baleia-Azul, durante o período da observação participante, fui informada que em todas as viagens que o ônibus sai/chega lotado com os 44 assentos ocupados, e que nos meses de dezembro e janeiro, em razão da procura ser maior, as viagens ocorrem três vezes por semana e sempre com o ônibus cheio.



Figura 10 - Arquivo Pessoal – Janeiro 2025

3.2

Migração e Favela: uma análise pela lente da mobilidade

A concepção de migrante, conforme menciona Barbosa (2021), não remete apenas ao deslocamento de um ponto a outro por motivo cotidiano, destacando que

[...] especialmente para agentes do poder público, religiosos e intelectuais, é uma

⁴⁰ Durante o trajeto o ônibus passa por várias cidades do Nordeste, por onde vai pegando as pessoas.

categoria empregada para se referir àqueles que realizaram deslocamentos sociais amplos, em razão, geralmente, de transformações estruturais ocorridas em determinadas conjunturas históricas, sendo a migração vista, dessa forma, como parte de um fenômeno social (Barbosa, 2021, p. 64).

Barbosa menciona, ainda, que:

Sua associação está atrelada, comumente, a grupos de pessoas que, por razões de ordem diversa, como econômica, social ou política, deixam seu espaço social de origem em busca de sobrevivência ou expectativa de melhoria nas condições de existência em outro universo social (Barbosa, 2021, p. 64-65).

Assim, “desde os anos 1950, com a acentuação do fluxo migratório do Nordeste para o Sudeste, as migrações têm sido encaradas como um problema social” (Valim, 2009, p. 60). Segundo Santos (2012), no capitalismo brasileiro a “questão social” assume certas particularidades, conjugando as categorias “formação social” e “modo de produção”, que irão derivar em expressões diversificadas⁴¹. Assim sendo, a migração nordestina pode ser compreendida como uma expressão da “questão social” à medida que consideramos suas características singulares somadas a centralidade do trabalho – fundamento comum da “questão social”.

Sobre este último aspecto, formação do mercado de trabalho, é possível observar no Brasil entre os anos de 1930 e 1970 que:

O intenso processo migratório campo-cidade, que responde por boa parte dos traços desse padrão de exploração da força de trabalho, assim como pela formação do excedente de mão de obra que fica fora do usufruto dos resultados do crescimento econômico, muito embora tenha sido essencial para o seu processamento (Santos, 2012, p. 135).

Por isso, Martins e Vanalli (2021) sustentam em seu estudo que:

O motivo que gera o maior número de migração no mundo todo, é, sem dúvida, o econômico – as pessoas saindo à procura do seu sustento e sua melhoria de vida. [...] migrações de populações empobrecidas, que apostam na sobrevivência em outras regiões, iludidas com o sonho do emprego, de bom salário [...] Percebe-se, então, que as migrações seguem a mesma trilha do capital, ou seja, orientam-se para aquelas regiões onde o capital está mais concentrado (Martins e Vanalli, 2021, p. 35).

⁴¹ “Para particularizar a “questão social” é necessário “destrinchar” as relações entre capital e trabalho, tomando-se em conta a realidade nacional, de nossa formação social” (Santos, 2012, p. 135).



Figura 11 - Fatores que motivaram a migração

E não foi diferente com relação a migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, conforme nos contou o Sr. Edmundo: “todo mundo vinha para cá, e não era para enriquecer era pela sobrevivência”. Dentre os fatores que motivaram a migração dos entrevistados, a ausência de trabalho na terra de origem e a busca por melhores condições de vida se destacou, o Sr. Francisco compartilhou que passou fome no Ceará, após enfrentar a seca de 58, pois seus pais trabalhavam como agricultores.

Sublinha-se que das 07 entrevistas realizadas somente uma não foi motivada por questões econômicas e busca de melhores oportunidades. Reforçando este dado, mencionamos trecho da reportagem do Jornal Fala Roça, afirmando que “migrantes nordestinos continuam buscando futuro na Rocinha”:

Segundo William de Oliveira, 51 anos, colaborador da Associação de Moradores da Rocinha, as razões para a contínua migração de famílias dos estados do nordeste para o Morro, ainda são as mesmas dos primeiros migrantes das décadas de 60 e 70: melhores condições de vida e oportunidades de educação para os filhos (Lima; Fontoura, 2023).

Por sua vez, no que se refere a categoria favela, Valladares (2005) chama atenção que a partir de 1960 multiplicaram-se uma série de estudos tendo a favela como objeto, destacando a formação de um discurso sobre favela como sendo um espaço marginalizado, tratando este território como um problema – ora a ser resolvido e ora a ser administrado. Neste sentido, Carolina Maria de Jesus relatou em seu livro-testemunho⁴² que “a favela é o quarto de despejo” (Jesus, Carolina Maria de, 2014, p. 107) da sociedade.

⁴² “Quarto de despejo é uma edição dos diários de Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento, Minas Gerais, mãe solteira e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé (...) O livro relata a amarga realidade dos favelados na década de 1950”. (Jesus, Carolina Maria, 2014, apresentação)

Reforçando a tendência de vários autores da época, Valladares (2005) afirma que “a marginalidade social encontrou sua expressão territorial nos *bairros marginais*” (p. 128), ou seja, nas favelas cariocas aplicando a expressão à realidade brasileira. Assim, passou-se a investigar as favelas, mencionando apenas suas características negativas, a partir de suas faltas, esquecendo que são espaços multifacetados. Em contraposição a este entendimento, comum entre vários atores que pensavam sobre favela e constituição do espaço urbano neste período, Perlman (1977) escreveu sobre os mitos que envolvem o conceito de marginalidade em uma tentativa de “avaliar até que ponto a realidade da favela corresponde ao que se pensa a respeito dela” (p. 123) a partir dos dados coletados por meio de pesquisa empírica nas favelas cariocas.

Destaca-se que este cenário começa a mudar a partir de 1970, com a crescente realização de pesquisas empíricas nestes espaços, que sinalizavam que a população da favela não se encontrava à margem da sociedade, mas que sua inserção na cidade ocorria de maneira diferente⁴³. Todavia, ainda hoje, as favelas são retratadas a partir das suas ausências, dado ênfase em suas lacunas conforme pode ser observado em matérias jornalísticas recentes acerca destes territórios.

 Valor Econômico

Meio milhão de domicílios em favelas no país não tem acesso à distribuição geral de água, diz IBGE

Censo mostra que em 2022 pouco mais de 10% das residências em favelas não tinham acesso à rede de esgotamento sanitário.

8 de nov. de 2024



Figura 12 - Reportagem “Valor Econômico”

 Agência Brasil

Rio: falta de saneamento em favelas confirma racismo ambiental

Segundo IBGE, desafio é maior entre jovens negros e indígenas, enquanto pessoas amarelas e brancas têm maior acesso a saneamento.

1 de set. de 2024



Figura 13 - Reportagem "Agência Brasil"

No caso específico da favela da Rocinha, o levantamento bibliográfico para composição do e-book “Rocinha: uma favela em bibliografia” aponta que os

⁴³ Ver: *A sociologia do Brasil urbano* (Leeds & Leeds, 1978) e *O Mito da Marginalidade* (Perlman, 1977).

principais estudos sobre a favela estão relacionados aos temas: pobreza e desigualdade; políticas públicas; habitação; espaços urbanos; infraestrutura, serviços urbanos e equipamentos coletivos e violência. Ou seja, “as principais Áreas Temáticas (ATs) não trazem grandes novidades quando imaginamos trabalhos sobre favelas” (Gonçalves et al, 2024, p. 19).

Fernandes et al (2018) enfatiza que reconhecer as características de desigualdade existentes nos territórios populares⁴⁴ é importante para se atingir uma vida digna, com os direitos sociais básicos garantidos, porém observa que aceitar como consenso as narrativas de origem que enfatizam exclusivamente as ausências destes espaços e os classificam basicamente como territórios “desprovidos”, “carentes” ou “pauperizados” é um erro grave, pois, desta maneira, características importantes são ignoradas. Eles ressaltam que

essas adjetivações contribuem para a conformação de uma doxa urbana, na qual a depreciação simbólica, a partir dos discursos elaborados e disseminados pela mídia de massa, torna-se senso comum; o mesmo processo ocorre com narrativas distorcidas (conversas informais, piadas) – fazendo com que políticas públicas reproduzam conformações à referida narrativa (Fernandes et al, 2018, p. 2).

Por consequência,

o paradigma da ausência não reconhece estratégias resultantes de formas autênticas de “resiliência”, tampouco admite formas e estilos de vida deslegitimados por referências sociais, culturais, políticas e estéticas hegemônicas. São fundamentalmente, *habitus* sociais desenvolvidos sob as condições específicas de vida, simbolicamente depreciadas como parte integrante do processo de distinção corpóreo-territorial – recorrente no espaço urbano (Fernandes et al, 2018, p. 3).

Deste modo, tal como a migração nordestina, as favelas também podem ser compreendidas como uma expressão da “questão social” uma vez que “a sociedade em movimento se apresenta como uma vasta fábrica das desigualdades e antagonismos que constituem a questão social” (Ianni, 1989, p. 147). Isto ocorre, conforme salienta (Yazbek, 2001, p. 33), porque “a apropriação da riqueza socialmente gerada é extremamente diferenciada”, gerando um abismo entre as classes sociais. Portanto, todo este processo simbólico-depreciativo, construído e fortalecido a partir do paradigma da ausência, integra um sistema mais amplo que visa favorecer uma parcela específica da sociedade consoante observa Fernandes et al (2018).

Entretanto, este é apenas um ponto de vista acerca destas categorias. O

⁴⁴ Compreende-se por favelas, periferias, cortiços ocupações e tipos assemelhados de moradia popular. (Fernandes et al, 2018)

estudo em discussão se propõe a apresentar uma abordagem mais criativa, abrangente e menos convencional acerca da migração nordestina e das favelas. Para tanto, passaremos a refletir sobre estes dois grupos, tomando a mobilidade como lente analítica a partir do paradigma das mobilidades, apresentado por Sheller & Ury (2006). Eles interpretam a mobilidade como sendo um fenômeno social complexo que mescla diferentes dimensões: física; econômica; cultural e afetiva apenas para citar alguns exemplos.

Sobre o assunto, Freire-Medeiros e Lages (2020) destacam que a partir de 1980 novos desafios foram imputados às ciências sociais em virtude da globalização.

A formulação de diagnósticos sobre esses fenômenos de extensão global implicou a reconfiguração das noções de “cultura”, “sociedade”, “identidade” e “Estado-nação”, ainda tomadas como autoevidentes. Passaram a proliferar metáforas cujo fim último seria descrever e analisar um mundo social *on the move*: rede (network, web, mesh), fluxo (flow, flux), líquido (liquid), fluido (fluid), espacialidade (spatiality), paisagem (scape), viagem (travel), corrente (stream), rota (route, path) (Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 121-122).

Eles seguem destacando que a virada das mobilidades sugere um esforço para abranger a profundidade do movimento, propondo uma “mobilidade irrestrita de pessoas, coisas e signos” (Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 124), validando as contribuições de John Ury, seu principal articulador,

[...] que o leva à concepção dos *sistemas complexos em rede*, destacando o problema – talvez o mais robusto, do ponto de vista analítico – da interseção sistêmica entre os diferentes tipos de mobilidades e sua dependência dos fixos infraestruturais (Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 123).

Portanto, muito embora a migração inter-regional no Brasil historicamente venha sendo estudada como um fenômeno social, motivada por fatores econômicos que estimulam o deslocamento físico e geográfico (Jannuzzi, 1999), é válido mencionar que o fenômeno migratório abrange outros aspectos da mobilidade além dos referenciados acima. A migração, em suas várias manifestações, engloba ainda a mobilidade cultural, expressa na conservação dos costumes e tradições e a mobilidade sócio-ocupacional, que consiste na “inserção ocupacional do migrante no mercado de trabalho e da sua adaptação social na sociedade de destino” (Jannuzzi, 1999, p. 55).

Sendo assim, é possível observar uma relação direta entre migração e mobilidade social na “formação da sociedade urbano-industrial brasileira” (Jannuzzi, 1999, p. 56). Segundo Pastore (1979):

O quadro geral da mobilidade no Brasil revela uma sociedade bastante dinâmica ao longo do século XX. Neste período, o País passou por inúmeras transformações que tiveram marcantes repercussões na estrutura social. Dentre elas, a passagem de uma sociedade rural para urbana constitui um dos fenômenos de maior impacto para a transformação da estrutura social brasileira (Jannuzzi, 1999, p. 56 apud Pastore, 1979, p. 187).

Todo este contexto ensejou no crescimento acelerado das cidades, espaços construídos mediante a circulação de pessoas, objetos e informações (Freire-Medeiros, 2024), e conseqüentemente no surgimento e expansão das favelas. Embora a mobilidade social⁴⁵ estivesse ascendendo no país, ela não contribuiu significativamente para a redução das desigualdades, tendo em vista que as mesmas formas de inclusão precárias no mercado de trabalho foram mantidas.

Deste modo, através do paradigma das mobilidades, a migração nordestina para a favela da Rocinha será investigada sob o prisma da mobilidade urbana, “constituída por todas as mobilidades que se sobrepõem em determinado território, sejam elas corpóreas, físicas, comunicativas, virtuais e/ou imaginativas” (Freire-Medeiros, 2024, p. 425), associando especificamente a mobilidade física e cultural com ênfase no capital social, compreendido como “uma rede durável de relacionamentos mais ou menos institucionalizados de mútuo conhecimento e reconhecimento – [...] filiação a um grupo, que proporciona [...] o respaldo do capital coletivamente possuído” (Freire-Medeiros, 2024, p. 425 apud Bourdieu, 1983, p.7).

Por sua vez, Stuart Hall (2023), ao descrever sobre os estudos culturais, menciona “duas maneiras diferentes de conceituar cultura” (p. 124). Sendo a primeira ênfase relacionada com o domínio das ‘ideias’, e “a segunda ênfase mais antropológica enfatiza o aspecto de ‘cultura’ que se refere as práticas sociais (p. 125). Para o presente estudo, será adotada a segunda ênfase, que irá embasar a teoria da cultura definida como sendo o

[...] estudo das relações entre elementos em um modo de vida global. A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e ‘culturas populares (folkways)’ das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Ela é perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas (Hall, 2023, p. 125-126).

Portanto, ao realizar a análise da cultura do Nordeste na Rocinha, buscamos “descobrir a natureza da organização que forma o complexo destes relacionamentos” (Hall, 2023, p. 126) e contribui para caracterizar a Rocinha como

⁴⁵ Compreendida como mudança de status social.

uma favela nordestina. Hall (2023) enfatiza que “o propósito da análise é entender as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período” (p. 126). Toda essa mobilidade cultural efervescente que é possível observar na Rocinha, a maior favela do Brasil, no que tange a cultura nordestina concentra-se em grande medida na feira do Boiadeiro

[...] realizada todos os domingos, é uma tradição que remonta aos anos de 1970. Com sotaque nordestino, a feira livre do Boiadeiro atravessou gerações oferecendo para venda uma variedade de produtos, além de apresentações artísticas e culturais abertas ao público (WikiFavelas, 2025).

À vista disso, a partir da observação participante realizada na feira do Boiadeiro, durante o período de 06 meses, foi possível esquadrihar as práticas sociais desenvolvidas neste espaço, sobretudo pelos migrantes, constatando que, além da compra e venda de produtos, existe também a sociabilidade entre seus frequentadores. Isso mantém viva as memórias e tradições da terra de origem. O Sr. Martins, por exemplo, nos contou que

[...] Todo domingo eu vou a feira, compra uma banana ou outra fruta. Agora tem um rapaz que vende torresmo, eu vou comprar torresmo [...] vou ver gente, vou ver conhecido que esbarro na feira. A feira não é só vender, é interação.

Destarte, conforme argumenta Freire-Medeiros, “a vida cotidiana se dá em um contínuo e não em unidades de tempo-espço fixas, compartimentadas e discretas” (Freire-Medeiros, 2024, p. 426). Ou seja, o movimento, em diferentes ancoragens, se torna forma de habitar. Portanto, “Habitar em movimento” implica tanto fluxos quanto fixos e suas fricções: as mobilidades e imobilidades, os movimentos potenciais e impedidos, seus diferentes ritmos e efeitos sistêmicos nos territórios” (Freire-Medeiros, 2024, p. 427).

Deste modo, é possível observar que as múltiplas formas de mobilidade possibilitam a incidência de uma enxurrada de materialidades e signos em um mesmo espaço, nos motivando a refletir sobre uma gramática dos deslocamentos (Freire-Medeiros, 2024). Isto é, a mobilidade física associada a mobilidade de outros elementos materiais e culturais, que irão gerar um conjunto de práticas e costumes de um determinado grupo, garantindo mobilidades estruturadas e desiguais. Sobre este aspecto da mobilidade urbana, Freire-Medeiros (2024) pontua:

Na metrópole do capital de rede, os pobres urbanos, ao buscar a garantia de suas mobilidades corpóreas e comunicativas em meio à precariedade, protagonizam

novos repertórios de ação, contornam fronteiras geográficas e recusam as vestimentas conceituais para eles alinhavadas no século passado. (Peralva e Telles, 2015; Menezes, Magalhães e Silva, 2021 apud Freire-Medeiros, 2024, p. 427) .

Logo, as favelas, como sendo espaços multifacetados, não devem ser estudadas de forma reducionista ou estereotipada a partir do paradigma da ausência, ao contrário, deve ser enfatizar o paradigma da potência, que demonstra o poder inventivo das favelas, que dentre várias manifestações pode ser exemplificado através da sua produção cultura (Fernandes et al, 2018), assim como pelas “relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de convivência” (Silva, 2009, p. 23).

De acordo com Silva (2009, p. 17), “o que a realidade demonstra, todavia, é que os espaços populares são formados por diversas redes sociais, nas quais se fazem presentes diversas práticas e representações”. Contudo, em decorrência de um discurso clichê e padronizado, que vem sendo propagado no decorrer do tempo, o entendimento acerca destes territórios não expressam todos os elementos materiais que o constituem. Neste sentido,

observa-se que pressupostos centrados em parâmetros negativos têm sido utilizados como referência hegemônica na representação social e na elaboração de definições mais concisas sobre o fenômeno. Esses pressupostos se sustentam em torno das ideias de ausências, carências e homogeneidade, e tomam como significante aquilo que a favela não é em comparação a um modelo idealizado de cidade: “a favela não possui arruamento regular”; “a ocupação é ilegal”; “não há oferta formal de serviços públicos”, dentre outros exemplos (Silva, 2009, p. 21).

Para mudar esta realidade, é fundamental estabelecer novas formas de se compreender e retratar o que é uma favela. Não é indicado estabelecer uma definição de favela a partir da sua falta em relação ao modelo hegemônico de cidade, ao contrário, estes espaços devem ter suas singularidades reconhecidas. As favelas são espaços de numerosas existências e quando se destaca apenas as lacunas ou a imoralidade destes locais automaticamente sua vivacidade é ignorada (Fernandes et al, 2018).

Desta forma, ao analisar a migração e a favela sob o prisma das mobilidades constatamos que:

A mobilidade assume, assim, um duplo papel: é tanto produtora da experiência social quanto questão chave para pensar mudanças que ocorrem nas ontologias do urbano, nas questões políticas aí concernidas e nas iniquidades derivadas. [...] A metrópole do capital de rede é, por excelência, o domínio das disputas e das resistências inscritas nos regimes de mobilidade que tanto produzem interditos quanto demarcam ritmos nos quais estão cifradas interseccionalidades de várias ordens (Freire-Medeiros, 2024, p. 429).

Por isso, a escolha em não privilegiar a narrativa de origem, relacionada às favelas firmada por ideias de privação e carência, mas em reconhecer as forças positivas que emergem destes territórios. Assim, em oposição ao paradigma da ausência, reconhecemos ‘o poder inventivo’ das favelas, traduzidos por potência (Fernandes et al., 2018), que propõe uma ruptura com o padrão da falta que exclui e invisibiliza os moradores de favela, sugerindo uma análise a partir da força e da história de vida dos seus moradores.

3.3

Rocinha uma favela Nordestina

A favela da Rocinha é fruto da expansão da marcha urbana, crescimento da cidade do Rio de Janeiro em direção à zona sul, baseado em um discurso higienista, somado ao ideal de modernidade que fomentava a ideia de se ter uma vida mais saudável residindo próximo ao mar (Cruz, 2021), além da expansão das linhas de bonde. Salienta-se que até a segunda metade do século XIX, a região da Gávea era ocupada por chácaras espalhadas, apresentando características rurais e sendo considerada uma região pouco habitada.

O limite temporal e habitualmente definido de formação da favela da Rocinha é datado de meados da década de 20. O local era uma chácara – conhecida como chácara da Rocinha à Estrada da Gávea nº 359 – que após ser comprada pela companhia Castro Guidão foi loteada. Ou seja, o empreendimento foi apontado como uma demarcação da formação da favela. Anuindo com esta afirmação, ao recordar acerca da gênese da Rocinha, em depoimento para o livro “Varal de Lembranças”, o Sr. Inácio Almeida declarou: “o loteamento promovido pela companhia Castro Guidão a partir da segunda metade de 1920 se constitui em um marco da ocupação daquele espaço” (Segala, 1983, p.35).

Por sua vez, Cruz (2021) escreveu:

O marco inicial da ocupação do morro onde está localizada a favela da rocinha costuma ser atribuído ao loteamento, feito entre os anos de 1920 e 1937 de terrenos que pertenciam à companhia Castro Guidão... segundo a linha do tempo do projeto Memória Rocinha, esse loteamento deu origem às ruas 1, 2, 3 e 4 – ainda hoje conhecidas por seus números (Cruz, 2021, p. 29-30).



Figura 14 – Estrada da Gávea (Gonçalves et al., 2024, p.8).

Segundo Costa (2024), o loteamento se transformou em uma oportunidade de negócio para a companhia que passava por dificuldades, e que os lotes foram anunciados como uma chance para se adquirir um terreno na Estrada da Gávea, enfatizando a possibilidade de venda a prestação e proximidade com o ponto de bonde, contudo, para que as vendas fossem concretizadas, foram silenciados os precários serviços ofertados pelo poder público no local. “O empreendimento era, portanto, voltado para trabalhadores de baixa renda, tanto os que já habitavam na região, como aqueles que por motivos diversos se deslocavam de outras direções da cidade” (Costa, 2024, p. 17).

Assim, na década de 30 já era possível observar na região, conhecida à época como Rocinha, um pequeno povoado de aspecto humilde, próximo ao morro Dois Irmãos conforme registro do fotógrafo Augusto Malta.



Figura 15 - Augusto Malta, "Gávea - Rio de Janeiro", 1931

De acordo com Costa (2024), ao mesmo tempo que a Gávea e seu entorno se desenvolviam,

as margens dos morros da região eram assim ocupadas por trabalhadores de baixa renda que transformavam a localidade em uma nova opção de moradia. Embora não se tratasse de dados referentes somente à Rocinha naquele momento o recenseamento Predial de 1933, já contava 345 “casebres” na Estrada da Gávea, indica assim que já havia se formado naquela área um aglomerado de habitações modestas e bastante significativo (Costa, 2024, p. 21).

Fortalecendo esta afirmação, os registros disponibilizados pelo Museu Sankofa, História e Memória da Rocinha sinalizam que:

A expansão da Rocinha ocorreu em paralelo ao desenvolvimento do bairro da Gávea, foi uma das primeiras localidades a possuir bonde elétrico no final do século XIX, o que ocasionou o desenvolvimento industrial da região nas primeiras décadas do século XX (Museu Sankofa, 2025).

Nesta mesma década, a região passou a receber mais atenção, sobretudo por conta do famoso “circuito da baratinha”, oportunidade em que “o circuito da Gávea passou a integrar o calendário internacional de provas automobilísticas, e a Estrada da Gávea, por onde os carros de corrida passavam, recebeu investimento de pavimentação e infraestrutura” (Costa, 2019, p. 136).

Conforme informações disponibilizadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, a partir de 1940, a cidade do Rio de Janeiro passou a receber um fluxo repentino e volumoso de pessoas deslocadas internamente, em especial do interior do estado, e das regiões Sudeste e Nordeste. A partir de então, conforme disposto no site do Projeto Memória Rocinha, a Rocinha começou a receber muitas pessoas em busca de moradia em razão da sua localização privilegiada e das ofertas de emprego que a região apresentava. Ao contar o porque da escolha de residir na Rocinha, Sr. Edmundo afirmou: “aqui é beira de praia, zona sul, a gente tem mais oportunidades aqui”.

Nos anos 50, a Rocinha experimentou o seu primeiro processo de expansão em razão da chegada maciça de migrantes nordestinos na favela, conforme relatou Michel Silva durante o Aulão “Memória e História da Rocinha”, promovido pelo Fala Roça, em 25 de maio de 2023, em sua sede. Na oportunidade foi mencionado que a Rocinha foi denominada como “Gueto Nordestino” através de pesquisa realizada pela Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA).

O Museu Sankofa menciona que já neste período a Rocinha foi considerada a maior favela da cidade, consoante com as informações disponibilizadas pelo

Censo Demográfico de Favelas do antigo Distrito Federal⁴⁶. Entretanto, o processo de crescimento da favela continuou pelas décadas seguintes. Na década de 60 seu crescimento foi impulsionado pela abertura do túnel Dois Irmãos - hoje túnel Zuzu Angel (Costa, 2024). Já na década de 70, sua expansão ocorreu novamente em consequência do boom da migração nordestina devido uma maior oferta de emprego na região, em especial na construção civil, período em que já era apontada como uma favela extensa e superpovoada.

Sendo assim, a história da Rocinha está conectada com a história da cidade do Rio de Janeiro, e de igual modo o seu crescimento está intrinsecamente ligado ao êxodo rural e a migração, em especial a nordestina nas décadas de 50 e 70 que correspondeu aos dois períodos de crescimento da favela (WikiFavelas, 2025). Barbosa (2021) assegura que:

A hegemônica presença de migrantes nordestinos em determinadas favelas possibilita a construção de sentimento comunitário e dá identidade ao lugar, conferindo a essas localidades e a seus moradores atributos particulares em relação a outras tantas existentes e coexistentes. Uma forma de se autoatribuir valor e marcar distinção em relação aos demais moradores, bem como expor contraposições entre as favelas (Barbosa, 2021, p.124-125).

Logo, após observamos brevemente a história da Rocinha, é possível constatar que a migração nordestina exerceu forte influência para a constituição da organização e ocupação deste território, justificando a narrativa de seus moradores de ser a Rocinha uma favela nordestina. Com o intuito de embassar ainda mais este discurso, destacaremos duas referências que irão ratificar a identidade nordestina atribuída a favela da Rocinha.

A primeira menção é o samba enredo do Acadêmicos da Rocinha, do ano de 2008, com o título “Rocinha minha vida, nordeste minha história” que conta sobre a migração nordestina, enfatizando que ao chegarem no Rio de Janeiro estes migrantes fizeram morada na Rocinha, considerando esta terra “o seu Nordeste” conforme retratado na letra da música.

(...) Luz da imaginação riscou o céu de poesia
A borboleta encantada na avenida iluminada
Faz festa e anuncia
Mostra a saga de um destino, que esse
Povo peregrino, sonhou
E hoje a Rocinha é meu nordeste e meu irmão
Um pedacinho lá no meu sertão⁴⁷

⁴⁶ Observa-se que muito embora os espaços urbanos considerados como favelas já existissem desde o início do século XX somente décadas depois, as favelas passaram a constar como unidades censitárias específicas (Gonçalves, 2020).

⁴⁷ G.R.E.S Acadêmicos da Rocinha - Rocinha minha vida, nordeste minha história (Samba Enredo 2008).

Nossos interlocutores validam este sentimento ao afirmarem como se sentem acolhidos na Rocinha. Vejamos:

“Hoje em dia a Rocinha é minha cidade, meu lar meu quintal.” (Sr. Francisco⁴⁸)

“O melhor bairro do planeta é a Rocinha.” (Sr. Edmundo)

“Me sinto em casa.” (Sr. Martins)

A segunda alusão é com relação ao Largo do Boiadeiro. Em 1993, a região da Rocinha passou a ser considerada um bairro através da lei 1.995 de 18 de julho de 1993. Contudo, “a nova nomenclatura não foi acompanhada de realização de obras para melhorar a situação urbanística da comunidade, conforme informa o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI, 2025) ao descrever sobre a região. Atualmente, a Rocinha está dividida em 25 áreas, conhecidas como sub – bairros, estando entre elas o Largo do Boiadeiro situado na parte baixa da favela, local por onde a ocupação do território foi iniciada, próximo ao bairro de São Conrado.

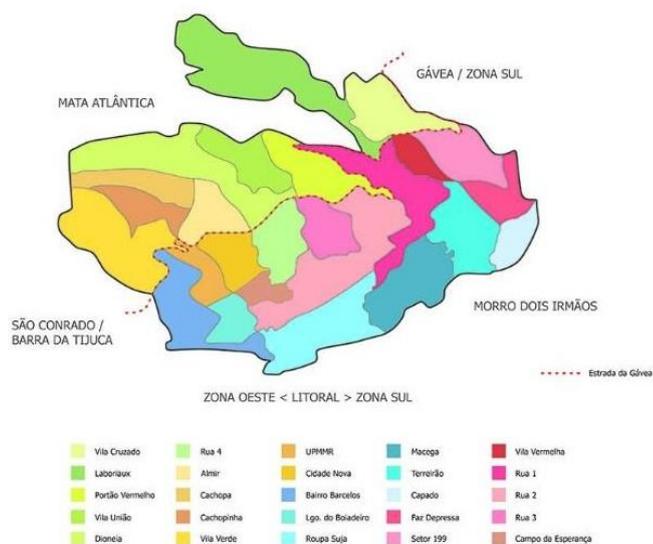


Figura 16 - Cartografia Rocinha (CIESPI, 2025)

Sobre esta localidade, um dos nossos entrevistados, o Sr. Edmundo nos contou que “o Boiadeiro foi o primeiro local da Rocinha que foi gerado”, enfatizando que “o foco da Rocinha é o Boiadeiro, é comércio”. Vale ser evidenciado que o topônimo⁴⁹ Largo do Boiadeiro nos remete ao arquétipo do

⁴⁸ 74 anos, nascido em Santa Quitéria (CE), reside na Rocinha há 56 anos.

⁴⁹ Refere-se ao nome próprio dos lugares, sendo considerada uma parte da linguística, envolvendo relações com a história, origem e evolução da localidade, arqueologia e geografia.

boiadeiro, uma figura forte no Nordeste do Brasil. Neste sentido, ao enfatizar a importância da toponímia para o estudo do fenômeno urbano e da geografia cultural, Cardoso (2011) afirma:

A toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade (Corrêa, 2003, p. 176 apud Cardoso, 2011, p. 37).

Registra-se que o boiadeiro é uma profissão bastante comum no Nordeste do Brasil, o vaqueiro é conhecido como o “filho gentil do Nordeste”, conforme destaca o cordelista Severino Honorato, no cordel intitulado “Na profissão de vaqueiro meu gibão⁵⁰ é meu diploma”. Segundo o cordelista, o boiadeiro é um “herói brasileiro e figura de indispensável presença na cultura de um País mestiço”, destacando em uma das estrofes do cordel citado:

Se quiseres visitar
Essa pátria nordestina
Saiba que o vaqueiro ensina
A viver, se comportar
Com as festas, se contentar
Feitas de imagens, aroma
Na paz que em doses de toma
Pela missa do guerreiro
Na profissão de vaqueiro
Meu gibão é meu diploma

No que lhe concerne, o Jornal Fala Roça - mídia comunitária da favela –, ratificando o entendimento de que os nomes conferidos às localidades nunca são isentos de elementos identitários, enfatiza ao descrever o Largo do Boiadeiro no Mapa Cultural da Rocinha (Silva, 2016) que toda região pertenceu ao Sr. José Boiadeiro, criador de gado, que andava à cavalo pelo local, correndo atrás de seus bois à laço, dando origem ao seu apelido e também ao nome do lugar que ficou conhecido por ser um espaço que possui diversos pontos comerciais tipicamente nordestinos na favela.

Sobre a origem do nome Largo do Boiadeiro, o Sr. Francisco também lembrou que o local no passado foi uma fazenda – “aqui era uma fazenda [...] uma senhora que morreu agora, Dona Teresinha, ela era a mulher do boiadeiro. Aí botaram Largo do Boiadeiro, ficou Boiadeiro.” Em outra oportunidade, em que conversei com o Sr. Martins, ele me relatou que o Largo do Boiadeiro é o centro comercial da Rocinha, uma área onde você encontra de tudo. É justamente neste local, em sua principal rua conhecida como “Caminho do Boiadeiro”, que acontece

⁵⁰ Peça tradicional, feita de couro, usada por vaqueiros nordestinos.

a feira livre dominical com sotaque nordestino, a chamada feira do Boiadeiro.

O Largo do Boiadeiro como centro comercial da Rocinha, e tendo a Rocinha como uma área de moradores nordestinos, o Largo do Boiadeiro é o lugar do encontro. Onde os nordestinos vai comprar suas coisas. [...] lá tem mais encontro de nordestinos por causa da feira, porque a feira tem coisa, produtos do nordeste, então você encontra o nordestino mais ali (Sr. Martins).



Figura 17 - Entrada do Largo do Boiadeiro – arquivo pessoal – maio 2025

Em vídeo disponibilizado no Youtube, retratando a Rocinha nos anos 90⁵¹, a feira do Boiadeiro é apresentada como “a feira dos nordestinos aos domingos [...] é onde se vê como tem nordestino na Rocinha”. À vista disso, é possível fazer alusão ao que escreveu Albuquerque Júnior (2011) ao especular como a identidade do povo nordestino se relaciona ao nome do lugar a partir de um olhar regionalista, “que reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 52), criando espaços próprios de comércio, representações artísticas e culturais, sociabilidade e de compartilhamento de memórias afetivas, resgatando, através de uma vivência local, as lembranças do Nordeste.

⁵¹ Para ver mais:

<https://youtu.be/T9HDq0g1wn8?si=P2udQZSHK53bAQLT&sfnsn=wiwspwa>.

4

Feira como ancoradouro

O Observatório de Favelas⁵², organização da Sociedade Civil de Interesse Público, tem se dedicado entre outros aspectos a promoção do direito à cidade, enfatizando em suas práticas que devemos pensar a favela de modo crítico e abrangente em “contrapelo às referências e aos paradigmas que sustentam leituras hegemônicas sobre o fenômeno” (Silva et al., 2009, p. 10). Segue salientando que somente desta forma conseguiremos compartilhar a pluralidade de experiências que é possível experimentar nestes espaços, construindo vínculos de identidade entre os moradores, e reconhecendo assim a legitimidade das favelas e de seu habitantes na cidade.

Assim, ultrapassando a preservação das representações iniciais pautadas nas carências e privações, buscamos acentuar a ampla diversidade observada nas favelas, por meio do destaque conferido ao aspecto cultural, estudado na pesquisa em tela sobre o prisma da migração nordestina para a favela da Rocinha. Sublinha-se, que o fluxo de capital cultural que estes migrantes trouxeram consigo, garante a este grupo a preservação de seus “valores, práticas, vivências, memórias e posição social” (Silva et al., 2009, p. 22), corroborando para a consolidação da identidade nordestina da favela.

Nesse sentido, Freire-Medeiros et al (2018), ao refletir sobre as mudanças observadas em nossa sociedade, destaca que a intensificação dos deslocamentos humanos é uma realidade, e que a mobilidade passa a ter um aspecto central na contemporaneidade. Ao fazer referência a Georg Simmel, ela frisa que a mobilidade pode ser compreendida como “movimento-real ou imaginado – constituído por intenções, estratégias e escolhas” (p.2) e questiona

se a modernidade é fundamentalmente marcada por uma concepção de sociedade que se projeta em um tempo e em um espaço distantes, não cabe tornar a mobilidade como epifenômeno de formações materiais, sociais e culturais básicas e estruturais (Freire-Medeiros et al, 2018, p. 2).

Logo, a mobilidade passa a ser compreendida como a base para as interações entre cidades, construção de suas estruturas e estabelecimento das relações sociais (Freire-Medeiros et al., 2018), ou seja, “parte constitutiva e definidora da vida urbana” (p.3). Por sua vez, Sheller & Ury (2006) evocaram o

⁵² Organização da Sociedade Civil de Interesse Público sediada no Conjunto de Favelas da Maré, dedicada à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e periferias e promover o direito à cidade.

paradigma das mobilidades que envolve outros aspectos ademais da mobilidade humana e geográfica, à medida que:

os mundos sociais passam a ser vistos, em suas diferentes escalas, como constituídos por e constituintes de fluxos, circulações, “engatamentos” (temporários ou infraestruturais), entre elementos humanos e não humanos (Freire-Medeiros et al, 2018, p. 6).

À vista disso, e orientados pelas formulações da chamada virada das mobilidades, para realização da pesquisa utilizamos a metáfora do ancoradouro⁵³,

[...] propomos o ancoradouro como um recurso a ser construído a partir da empiria que concerne a cada situação de pesquisa: sua potência analítica depende da identificação de uma localidade-chave do campo para o qual “circuitos de mobilidade convergem e, já transmutados, são projetados em várias direções” (Freire-Medeiros & Pereira da Silva, 2019, p. 82). [...] No ancoradouro, o sentido de sistema surge etnograficamente ao seguirmos o que se move, o que pausa e o que é impedido de se mover (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 4).

Destaca-se que o entendimento adotado de ancoradouro segue o que vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos” (MTTM, 2025), que rompe com a concepção de território fixo, compreendendo ancoradouro como “um recurso particularmente útil quando se quer abordar, a partir de uma localidade específica, conexões translocais e regimes de mobilidades⁵⁴” (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 6).

Nesse sentido, a feira foi escolhida como lugar de observação, este “conector urbano” (Telles, 2017) que nos possibilita esquadrihar “as mobilidades dos corpos e das coisas” (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 4), uma vez que a feira é um espaço dinâmico de grande circulação de pessoas, mercadorias, sons e sabores. Na Rocinha, todos os domingos acontece a feira livre do Boiadeiro⁵⁵ e logo cedo é possível observar uma intensa movimentação na parte baixa da favela, o que demonstra que a feira está acontecendo com toda energia.

⁵³ “Artifício para descrição e análise das mobilidades interdependentes de diversos elementos (humanos e não humanos), das conexões e redes multisituadas e multiescalares. A espacialidade empírica a que ele se refere necessariamente ocupa um posicionamento estratégico tanto em termos de concentração de fluxos e fixos, quanto na complexidade do regime de mobilidades que ali opera. No ancoradouro, interações em Co presença e a distância assumem a mesma relevância analítica” (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 7).

⁵⁴ “Enquadram e definem as práticas de movimento, assim como disputam os sentidos subjetivos das mobilidades” (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 7).

⁵⁵ A feira livre do Boiadeiro é uma tradição na Rocinha, contudo excepcionalmente em razão do baile funk ela é realizada na Via Ápia, o que nos permite observar a mobilidade da própria feira.



Figura 18 - Mobilidades na feira

Entre as barracas que disponibilizam para venda itens variados e coloridos, observa-se ainda o intenso fluxo de pessoas e os sons que se misturam: o pregão dos vendedores chamando atenção para os seus produtos especialmente na hora da xepa; o barulho das sacolas; as risadas de quem encontra um conhecido pelo caminho; as conversas e as músicas.

Portanto, a feira é compreendida como um lugar de interação. Para você vender/ comprar neste espaço você precisa se comunicar, dialogar. O freguês tem a oportunidade de escolher o produto olho no olho; sentir o aroma; receber uma provinha; negociar o preço e ao final ainda ganha como brinde uma boa conversa. Ao longo das minhas visitas a feira do Boiadeiro, convivi com a Dona Lúcia⁵⁶, conhecida pela venda de temperos – a alquimista dos temperos. Ela, além de vender, prepara os temperos e explica para que serve e como pode ser utilizado cada um deles. Assim, durante o período da observação participante pude interagir com os feirantes e os demais frequentadores da feira, conhecendo um pouco de suas histórias e a importância deste espaço para cada um deles.

4.1

Expressões da identidade nordestina na Rocinha

Na contemporaneidade, a globalização e a intensa mobilidade humana proporcionou a diminuição das barreiras culturais e identitárias em razão do “deslocamento ou descentração do sujeito” (Hall, 20026, p.09), e, a partir de então, a identidade passou a ser uma questão a ser investigada. Hall (2006) segue afirmando que a concepção de identidade do sujeito pós-moderno é uma “celebração móvel”, partindo de uma cultura nacional que “atua na população como uma fonte de significações culturais, um foco de identificação e um sistema de representações” (Silva, 2019, p.4). Assim sendo, a cultura nacional hoje pode

⁵⁶ Dona Lúcia herdou a barraca do seu pai, Sr. Antônio, cearense que chegou à Rocinha em 1970.

ser compreendida como

um discurso – um modo de construir sentidos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (Silva, 2019, p. 09).

Por seu turno, Silva (2014) afirma que as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais estão representadas” (Silva, 2014, p.8). Assim, em concordância com o entendimento de Hall, que alega que “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (Hall, 1997 *apud* Silva, 2014, p8). Em contrapartida, Albuquerque Junior (2011), ao buscar analisar a identidade nordestina, enfatiza que o Nordeste não é uma região homogênea, apresentando uma diversidade de práticas e costumes. Portanto, argumenta que a identidade nordestina foi construída ao longo da história por diversos fatores – sociais e culturais e afirma:

A elaboração da região se dá, no entanto, no plano cultural, mais do que no político. Para isso contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa “elite regional” desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região. [...] O Nordeste é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras de romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres etc (Albuquerque Junior, 2011, p. 35).

Assim, considerando os apontamentos de Silva (2014) que a identidade é relacional, marcada pela diferença e por símbolos, para efeito do presente estudo, analisamos alguns elementos específicos, como a música, culinária, artesanato e manifestações artísticas em geral. Segundo Peixoto et al, a ancoragem é um dos processos que geram representações sociais (...) ancorar é ‘classificar e dar nome a alguma coisa’” (Peixoto et al, 2013, p.8).

Para compreender o processo de ancoragem, estabelecemos o conjunto de instrumentos representacionais capaz de identificar características nordestinas na Rocinha, auxiliando, assim, na construção de sua identidade. Deste modo, a identidade nordestina atribuída a favela da Rocinha foi investigada mediante dois aspectos: mobilidade e as lembranças dos migrantes que residem nesta localidade.

À vista da virada das mobilidades (Freire-Medeiros et al, 2018), é possível estabelecer a relação existente entre movimento, construção da cidade, memória e identidade à medida que, “a migração redesenha espaços, territórios e experiências” (Angelo, 2017 *apud* Angelo et al, 2020, p. 171).

Portanto,

a leitura da cidade perpassa as relações sociais vividas e se constrói por meio das trocas, identificações e mesmo (re)criações exemplificadas pela relação entre lugar *versus* sujeito, embricados nas relações de experiências, pertencimento e reinvenção (Muniz Sodré, 2002 apud Angelo et al, 2020, p. 170).

No que tange as lembranças, Abreu (2016) afirma que:

É crucial entendermos que a memória não retém tudo, mas que se define como matéria viva, plástica, maleável, sujeita a interferências. Por isso, podemos perceber a memória como um espaço/tempo que vive das pausas, dos momentos de silêncio, lugar “entre” movimentos (p. 46-47).

Isto significa que a memória é uma atividade dinâmica, formada por práticas e narrativas diversas entre o ato de lembrar e esquecer. Halbwachs (1990) menciona a existência de duas maneiras de organizar as lembranças, de modo pessoal ou coletivo, enfatizando que “a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (p.53). Sendo assim, a memória coletiva é construída a partir das lembranças compartilhadas por meio da convivência entre os membros do grupo, e dos quadros sociais que irão moldar o modo como o passado é lembrado e interpretado.

Os quadros sociais da memória podem ser compreendidos como estruturas sociais que modelam e induzem a maneira como as pessoas recordam o passado, uma vez que a memória é construída socialmente, não sendo um fenômeno individual apenas. Halbwachs (1990) entende que o passado é recordado pelos indivíduos dentro destes quadros sociais, que fornece um cenário partilhado e um conjunto de referências para a memória.

Desta forma, as expressões da identidade nordestina observadas na Rocinha estão relacionadas aos pontos de ancoragem identificados na feira do Boiadeiro durante a observação participante, pois “há uma relação de complementariedade entre fluxos e infraestruturas relativamente estáveis, pontos de fixação ou apoio (...) que estamos traduzindo por ancoragem” (Freire-Medeiros e Pinho, 2024, p. 3). Vejamos através do mapa mental (Figura 19) os variados pontos de ancoragem identificados durante o período de imersão no campo.



Figura 19 - Mapa mental

Dito isto, dentre as funções desempenhadas pela memória coletiva descritas por Halbwachs (1990), destacamos a sua contribuição para a construção da identidade social à medida que as lembranças compartilhadas promovem um sentimento de pertencimento e união entre o grupo. Pollak (1992), dialogando com Halbwachs, enfatiza a relação intrínseca que existe entre memória e identidade, afirmando que:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (Pollak, 1992, p. 5).

Sobre este aspecto, compartilhamos trechos de três entrevistas de história oral realizadas, oportunidade em que os interlocutores, ao revisitarem suas memórias, compartilharam como as expressões observadas na Feira do Boiadeiro os remetem as lembranças da sua terra de origem, gerando um sentimento de

identidade e pertencimento.

[...] Quando a gente que comer alguma coisa diferente, vamos no Boiadeiro comprar. Eu gosto de vir aqui na feira... eu tenho essa lembrança quando eu venho aqui, ... eu vejo essas comidas aqui eu lembro de lá (Cleonice, entrevista realizada em novembro 2023).

A feira é uma maravilha, uma delícia... todos os domingos, bem cedinho vou a feira para comprar o carneiro e as verduras para fazer o almoço de domingo. (...) encontro os amigos, tomo uma cerveja, bato um papo (Sr. Edmundo, entrevista realizada em janeiro 2025).

[...] Alí é o ponto onde eles se encontram, aos domingos então é uma loucura aquilo ali... eu gostava de ir para comprar carne de sol, comprar aquelas coisas lá do Norte, [...] comprava roupa (Luciete⁵⁷, entrevista realizada em abril de 2025).

Avançando um pouco mais no debate acerca da memória, de acordo com Assmann (2016), o termo 'memória cultural' é recente e evidencia uma "conexão entre tempo, identidade e memória, em suas três dimensões, a pessoal, a social e a cultural" (p. 118). Estabelece que a

memória cultural é uma forma de memória coletiva, no sentido que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural (Assmann, 2016, p. 118).

Destarte, a memória coletiva – que Assmann (2016) propõe chamar de memória comunicativa – e a memória cultural se relacionam, exercendo influência uma sobre a outra. Contudo, deve ser salientado que "a memória cultural alcança no tempo pretérito somente até o passado que pode ser lembrado como 'nosso'" (Assmann, 2016, p. 121). Sobre este ponto, cabe a observação de que a valorização e conservação das tradições e costumes são muito mais perceptíveis entre os primeiros migrantes do que em relação aos migrantes de segunda geração. Este dado foi constatado durante a imersão no campo, os filhos dos migrantes, nascidos no Rio de Janeiro, não possuem o hábito de frequentar a feira do Boiadeiro.

À vista disso, entender as distinções entre os tipos de memória é essencial para observar como o passado é recordado e se manifesta em contextos diversos, uma vez que a memória se apresenta na relação com a alteridade (Abreu, 2016). Por fim, Assmann (2016) afirma que

o conhecimento sobre o passado adquire as propriedades e funções da memória somente se ele é relacionado com o conceito de identidade (...) ao passo que o conhecimento tem uma perspectiva universalista, uma tendência em direção à generalização e à padronização, a memória, mesmo a memória cultural, é local,

⁵⁷ 48 anos, nascida em Água Vermelha (BA), residiu na Rocinha por 17 anos.

egocêntrica e específica a um grupo e seus valores (p. 121).

Em face das múltiplas mobilidades observadas na Rocinha, o Largo do Boiadeiro é considerado um importante local na favela, por ter uma grande variedade de comércio e pela tradicional feira semanal do Boiadeiro que retrata um pouco a cultura nordestina na comunidade, preservando assim a memória deste grupo. O documentário “300 horas dentro da favela da Rocinha”, disponível no youtube através do canal Rio4Fun⁵⁸, destaca alguns pontos de ancoragem do Nordeste na feira do Boiadeiro como a venda de ervas medicinais, garrafadas, pomadas e xaropes vendidos pelo Toni Raizeiro (Guarabira/ PB) e Índio da Rocinha na loja Recanto dos Naturais; a barraca de carnes do Dom e do Willian com a venda de linguiça, carne de sol e tripa onde é possível experimentar a famosa morcela⁵⁹; a barraca da Sônia (São Luiz/ MA) com a venda de espetinhos variados entre o mais famoso o espetinho de tripa; a barraca do Ivan (João Pessoa/ PB) com a venda da melhor carne de sol com macaxeira da região ou porção de torresmo e o Boteco do Antônio (Lapa Graça/ CE) com a venda de cachaça e ponto de encontro certo dos amigos nordestinos para prosear.



Figura 20 - Elementos presentes no Largo do Boiadeiro que lembram o Nordeste

Durante uma das entrevistas realizadas, nossa interlocutora Luciete nos contou que alguns dias que antecederam nosso encontro ela tinha ido até a feira comprar ervas para banho. Enfatizou que as vezes gosta de tomar uns banhos especiais e sempre vai até a feira comprar erva cheirosa para se banhar. “[...] esses dias eu fui lá, fui comprar umas ervas para banho, erva cheirosa” (Luciete, entrevista realizada em abril de 2025).

⁵⁸ Documentário disponível a partir do link: https://www.youtube.com/watch?v=_F5kp949_ok.

⁵⁹ Pedaco de carne misturado com sangue de pocco e temperado com diversas especiarias.

4.2

Feira do Boiadeiro: um lugar de memória do Nordeste

Dentre os variados instrumentos materiais identificados e analisados no Largo do Boiadeiro – localidade situada na favela da Rocinha - a feira livre semanal se destaca como espaço privilegiado para análise do processo de produção de memória e identidade nordestina, fora do Nordeste, por ser considerado um local de sociabilidade “onde se catalisam as relações culturais, de memória e de identidade de grupos” (Pinto, 2018, p. 12). Sobre a importância da feira para os migrantes nordestinos que residem na Rocinha, Régis⁶⁰ comentou:

[...] Onde você chega lá e sabe que a maioria ali, não vou dizer que é da Bahia, mas sim do Nordeste. Dizem que nordestino é parente, são todos parentes ... por mais que você não conheça todas as pessoas, mas é uma alegria você saber que é todo mundo lá do Norte, comerciantes outros cliente (Entrevista realizada em abril de 2025).

Pinto (2018), ao descrever a feira como um lugar de convivência e construção de vínculos, menciona que nestes espaços existem um emaranhado de histórias e emoções (...), com significados organizados e presentes na relação com os outros, permitindo a participação em uma organização com troca de experiências (Nogueira, 2013 apud Pinto, 2018, p. 13).

Durante o período de observação participante, oportunidade em que pude me inserir na dinâmica dos migrantes e da feira do Boiadeiro, participando de suas rotinas, foi possível perceber de maneira mais profunda e detalhada a importância deste espaço para este grupo. Em uma das minhas visitas, eu estava escolhendo alguns temperos na barraca da Dona Lúcia e conversando com ela sobre a importância da feira para os nordestinos que residem na favela quando chegou um senhor – frequentador assíduo da feira e freguês da Dona Lúcia – e me falou que era originário de Campina Grande (PB), ressaltando que todo domingo, religiosamente logo cedo, ele vai a feira e não deixa de comprar seus queijos frescos porque, segundo ele, “nordestino come queijo com vinho”. Relatos como este endossam as afirmações de Pinto (2018).

Validando este entendimento, Angelo et al (2020) enfatiza que este espaço informal “identifica o povo sertanejo, demonstrando suas formas, rituais e amplitude de significados” (p. 174). E, de fato, a feira livre é um espaço importante para o nordestino.

⁶⁰ 52 anos, nascido em Itapebi (BA), residiu na Rocinha por 17 anos.

No já clássico livro *Torto Arado* (Vieira Junior, 1979), a feira excede a função econômica comumente atribuída a ela, como espaço de troca ou compra e venda de mercadorias, e assumi papel diversificado e central na história. Assim, como descreve Itamar Viera, a feira é também um espaço de sociabilidade para os habitantes da Fazenda Água Negra e arredores, ou seja, é um espaço de resistência, pois pequenos produtores conseguem vender seus produtos e garantir sua subsistência. É, assim, o reflexo da cultura local, pois costumes, tradições e saberes são compartilhados através das conversas e relações estabelecidas neste espaço de convivência, revelando a identidade e os valores de um povo.

Um outro dado importante que demonstra a relevância da feira para o nordestino é o fato da Feira de Mangaio ser uma das referências da cultura nordestina conforme depurado no cordel “Na Feira de Mangaio”:

Quem viajar o Nordeste
Da Bahia ao Maranhão,
Verá bem quanto o mangaio
É presente do Sertão
Ao litoral requintado,
Do artesanato criado
Pelas mãos do artesão.
(...)
Tudo isso a gente encontra
Pelas feiras do Nordeste,
Deixe então, a mala pronta,
Chegue para fazer o teste
Num turismo merecido
Para ficar convencido
Do que é ser Cabra da Peste]
(Honorato & Mulungu, 2022, p. 11 e 12).

Segundo Taveira (2020), a feira de Mangaio “é uma feira da região Nordeste que comercializa produtos artesanais de grande variedade, desde produtos domésticos, a agropecuária e fármacos, ou seja, uma feira livre” (Taveira, 2020, p. 214). Ressalta-se que tanto as feiras de mangaio como os comerciantes desempenham um papel significativo na conservação da história e da cultura da população nordestina que atravessa gerações. Nas figuras 21 e 22 temos alguns exemplos das feiras de mangaio realizadas no Nordeste do Brasil:



Figura 21 - Feira Livre de Guarabira-PB



Figura 22 - Feira de São Joaquim, em Salvador - BA

A representatividade da feira de mangaio para o nordestino é tão forte que sua essência foi eternizada na música “Feira de Mangaio”, um baião que por si só já apresenta um elemento cultural do Nordeste, que ao retratar a feira descreve a dinâmica do ambiente, o estilo das pessoas, os produtos que são comercializados e assim vai construindo uma imagem do que é comum para o nordestino. Vejamos:

Fumo de rolo, arreio de cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar?
 Bolo de milho, broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar?

Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque, sai daqui, me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra Feira Dos Pássaros
 E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar

Tomar uma bicada com lambu assado
E olhar pra Maria do Juá

(...)

Porque tem um sanfoneiro no canto da rua
Fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de Porcina fazendo renda
E o ronco do fole sem parar.
Composição: Sivuca e Glorinha Gadelha
Intérprete: Clara Nunes, 1979

Desta forma, a feira do Boiadeiro, guardada as devidas proporções, pode ser considerada uma espécie de feira de mangaio que acontece fora do Nordeste – no coração da favela da Rocinha - mas que mantém suas características uma vez que por toda sua extensão é possível ver a venda de produtos típicos nordestinos como rapadura, carne-de sol, farinha de mandioca, além das verduras, grãos e carnes variadas expostas nas barracas. As vielas que cortam a via principal com seus bares tocando muito forró, um ritmo marcante nordestino, e durante muito tempo foi possível acompanhar também os repentistas do Boiadeiro.



Figura 23 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025



Figura 24 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025



Figura 25 - Feira do Boiadeiro na Rocinha – arquivo pessoal – janeiro 2025



Figura 26 - Repentistas do Boiadeiro (Fala Roça, 2025)

Toda esta ebulição da cultura nordestina observada no Largo do Boiadeiro e, de modo especial, na feira dominical é consequência da mobilidade cultural proporcionada pela migração, manifestada na preservação dos costumes e tradições a partir das práticas sociais experienciadas pelos migrantes nordestinos aos domingos na feira do Boiadeiro. Portanto, a mobilidade física pode ser relacionada aos outros tipos de mobilidade observadas na feira, como a mobilidade de elementos materiais e simbólicos/culturais possibilitando o agrupamento de práticas e hábitos do povo nordestino.

Logo cedo, desde as primeiras horas de um novo dia os feirantes vão montando suas barracas e realizando a exposição de seus produtos que vão desde itens essenciais como frutas e verduras frescas, carne de sol, farinha, temperos, rapadura até itens inusitados. A feira livre é portanto um pedaço da alma do nordestino, símbolo de sua identidade, um encontro com suas raízes, onde o passado e o presente se cruzam e o futuro é construído, barraca por barraca, conversa por conversa.

Pierre Nora ((2012) afirmou que “a necessidade de memória é uma necessidade de história”. Isto significa observar que existe uma interdependência entre memória coletiva e a disciplina histórica. A necessidade de memória faz referência à relevância que um determinado grupo outorga à preservação e transmissão dos seus costumes e tradições, ou seja, está relacionado com a busca de sentido e identidade. Por sua vez, a história é um método de investigação do passado capaz de preencher as lacunas da memória – que é seletiva, fragmentada e sujeita a esquecimentos – oferecendo caminhos para a construção de um conhecimento mais crítico e sistemático do passado.

Assim, partindo da memória dos migrantes nordestinos que residem na Rocinha acrescida da história da cultura nordestina e constituição da favela foi possível perceber a feira livre do Boiadeiro como um lugar de memória do Nordeste na favela da Rocinha, tendo em vista que na feira é possível observar diversos pontos de ancoragem da memória coletiva da população nordestina, constituindo deste modo um espaço onde a memória se cristaliza. Isto é, a feira livre do Boiadeiro pode ser compreendida como um artifício de memória para preservar e propagar o passado, uma vez que este espaço a partir de sua dinâmica conta a história do povo nordestino conforme é possível verificar a partir da fala do Régis, que neste momento estava comentando sobre os repentistas do Boiadeiro.

[...] Eu peguei, eu peguei essa época. Eles ficavam tocando a viola e cantando as músicas deles... eu parava e ficava olhando era muito cheio naquela época, 1996, 1998, 2000 por aí. Era muito bom, virava e mexia a gente estava lá fazendo compra e vendo aquele movimento de coisa nordestina. (Entrevista realizada em abril de 2025).

Deve ser mencionado ainda quanto aos lugares de memória que este conceito possui natureza tríplice: apresenta um suporte material, como, por exemplo, um espaço físico como no caso da feira do Boiadeiro; é funcional, serve de ancoradouro para a memória coletiva e é simbólico, o que significa afirmar que é representativo para um grupo determinado à medida que neste local a comunidade deposita significados e representações do passado mediante uma vontade de lembrar e preservar algo específico.

Em consonância com este entendimento, Pinto e Salztrager (2022) declaram que os lugares de memória “buscam através da constituição de um arcabouço cultural, a restituição da identidade – perdida a partir do declínio das ‘sociedades de memória’ – de um povo ou coletividade” (p. 429). Em suma,

os ‘lugares de memória’ são tidos como lugares que se fazem com foco na almejada manutenção de identidades, com o sentido de preservação de memórias e de pertencimento a um grupo. (...) Nesses lugares, por meio de símbolos, objetos, performances e manifestações propõe-se o fortalecimento de laços de grupos que se perderam a partir das mudanças sociais contemporâneas (Pinto e Salztrager, 2022, p. 429).

Sublinha-se que, a feira do Boiadeiro, formada da “correlação entre sujeitos, memória e manifestações migratórias, redesenha e dimensiona novas formas de interação com os lugares que passam a ser “redutos” desses grupos” (Angelo et al, 2020, p.174). Assim, converte-se em um espaço de convivência e memória dos migrantes nordestinos na Rocinha, visto a força das trocas culturais e da sociabilidade observadas nesta localidade.

Deste modo, por meio das histórias de vida e memórias compartilhadas pelos migrantes originários do Nordeste é perceptível a relação de pertencimento estabelecida com o território a partir da Feira do Boiadeiro, por representar um pedacinho do Nordeste para este grupo. Legitimando este entendimento, Jonas, morador da Rocinha, nos relatou em uma de nossas visitas ao campo, que ir aos domingos a feira faz parte da sua rotina.

Ele nos conta que na Feira do Boiadeiro, além das barracas com a venda de produtos típicos do nordeste, “rapadura, farinha, milho para fazer manguzá” é possível encontrar “forrozinho da seresta, pessoal com a viola, o triângulo destacando que “todos os domingos têm na feira a seresta com as músicas típicas

do nordeste.” Jonas descreve, ainda, como a feira do Boiadeiro se tornou um local de encontro para muitos moradores da favela. Ele afirma visitar a feira com frequência – durante dois ou três domingos por mês – considerando a feira o ponto alto do Largo do Boiadeiro:

‘Domingo, todo mundo ali, a galera toda para comer aquelas comidas nordestinas, o sarapatel que o povo faz ali na hora [...] bebendo uma cervejinha de manhã, comendo o sarapatel aí vem aquela lembrança do nordeste mesmo’ (Entrevista realizada em novembro de 2023).

‘O Boiadeiro é um ponto estratégico da Rocinha que fortalece a cultura nordestina [...] tudo que você procurar do Nordeste tem ali’ (Entrevista realizada em novembro de 2023).

Sobre a feira do Boiadeiro ser considerada um lugar de memória do nordeste na Rocinha é válido destacar ainda a fala da Luciete ao comentar sobre suas visitas ao domingo na feira, demonstrando como este espaço possui a capacidade de sistematizar e exprimir a memória coletiva do migrante nordestino.

[...] Eu ia mais aos domingos fazer compras de legumes na feira, aí a gente comia aquelas tripinhas assadas, com uma cervejinha... tem muita coisa legal, muita coisa do Norte, aquelas buchas antigas que a gente não vê aqui (Luciete, entrevista realizada em abril de 2025).

4.3

Memória e Direito à Cidade

O crescimento da cidade do Rio de Janeiro, e conseqüentemente o aumento do número de favelas, possui relação direta com o êxodo rural e os processos migratórios internos em decorrência do processo de urbanização, observado no Brasil durante os anos de 1950-1970 conforme já foi mencionado anteriormente nos capítulos anteriores. Este dado está em consonância com o posicionamento de Harvey (2012), que aponta em seus estudos uma ligação muito próxima entre o desenvolvimento do capitalismo e o processo de disseminação do urbano enfatizando que

desde o início, as cidades emergiam da concentração social e geográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos (Harvey, 2012, p. 74).

Contudo, ao fazer referência ao sociólogo Robert Park, Harvey afirma que a cidade “é a tentativa mais bem sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo” (Harvey, 2012, p. 73). Assim, nos conduz

a refletir em que tipo de cidade gostaríamos de viver e nos alerta:

a questão de que tipo de cidade queremos não pode ser dissociado do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologia e valores estéticos que desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso à recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual, já que a transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização (Harvey, 2012, p. 74).

Tavori (2016), por sua vez, enfatiza ser possível identificar uma multiplicidade de sentidos atribuídos ao conceito de direito à cidade, um fator de extrema importância para a reflexão da relevância social do conceito sob análise, visto que o direito à cidade permite a inserção de uma série de questões da cidade na sua totalidade. Assim, este conceito pode ser investigado do ponto de vista da vida cotidiana (Lefebvre, 2008); no interior do capitalismo, tendo a luta de classes como sendo o fio condutor para analisar os circuitos do capital (Harvey, 2012) e a partir do valor de uso da cidade (Tavori, 2016).

Compreendemos que o avanço do capitalismo e a divisão internacional do trabalho apresenta interferência direta na constituição das cidades brasileiras, contribuindo para a urbanização desigual das principais capitais como no caso da cidade do Rio de Janeiro conforme observou Santos (2021). No entanto, a presente pesquisa buscou trabalhar a cidade como um lugar de reunião e simultaneidade, concebendo que o direito à cidade pretende “pensar a cidade como um espaço de usufruto do cotidiano, como um lugar de encontro e não de desencontro” (Tavori, 2016, p. 99 apud Jacobi, 1986, p. 22).

Isto significa afirmar que o direito à cidade está essencialmente ligado a uma variedade de pretensões e desejos, não se relacionando apenas a cidade existente. Seguindo esta lógica, o direito à cidade passa a ser visto como uma oportunidade para que a vida urbana e o cotidiano sejam transformados.

A discussão da transformação do urbano deve passar pela consideração de que a reprodução da vida não se resume à satisfação das necessidades materiais. A busca do humano nos aponta para o caminho tomado por Lefebvre em pensar a cidade como obra humana (Carlos, 1994, p. 231 apud Tavori, 2016, p. 101).

Ou seja, quando nos propomos a refletir acerca das transformações e mudanças observadas na cidade, devemos pensar para além das necessidades básicas como moradia e infraestrutura, realizando uma análise mais ampla e abrangente, que englobe as dimensões sociais (sociabilidade, formação da comunidade, lazer); emocionais (pertencimento, bem-estar, identidade) e

simbólico (os significados atribuídos aos espaços, memória coletiva). Logo, a cidade como uma “obra humana” é mais do que o espaço urbano, é a produção e a reprodução de práticas sociais e interações dos seus habitantes.

Tanto durante as entrevistas como durante o período de observação participante ficou evidente como os migrantes nordestinos tem prazer de frequentar a feira semanal do Boiadeiro, sempre bem cedo, para realizar suas compras, encontrar os amigos e experimentar iguarias do Nordeste. À vista disso, conforme salienta Nóbrega (2010),

é válido esclarecer que as feiras, à exemplo da feira de Mangaio para o povo Nordestino, possui grande valor para conservação e compartilhamento da cultura, por destacar aspectos característicos de um grupo como a culinária, a música e a linguagem ademais do aspecto econômico característico das feiras que possibilita a negociação entre pequenos produtores (Nóbrega, 2010, p. 101).

Todavia, não podemos deixar de mencionar que a feira semanal do Boiadeiro, embora represente um lugar de memória e de sociabilidade para os migrantes nordestinos que residem na Rocinha, hoje ela não possui mais a mesma vitalidade que já teve no passado. Ao compartilhar sobre a importância da feira para a preservação das tradições nordestinas e sociabilidade, Régis ressaltou: “acredito que ainda mantém isso aí, mas já foi melhor”.

Após a pandemia da covid-19, que assolou o Brasil e o mundo, e teve um impacto ainda mais devastador nas favelas, somada as disputas territoriais internas, a feira hoje é vista como resistência por muitos moradores assim como pela Associação de Moradores (U.P.M.M.R – União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha) como foi dito pelo vice-presidente Conde Ximenes em uma das visitas realizadas na Rocinha em janeiro de 2025. Em sua fala, ele destacou a luta que a associação vem travando pela sua preservação e manutenção por entender a importância deste espaço para a favela e seus moradores.



Figura 27 - Feira do Boiadeiro na Rocinha década de 80/90 (WikiFavelas, 2025)



Figura 28 - Feira do Boiadeiro ano 2025 – arquivo pessoal – janeiro 2025

Fleury e Menezes (2022) observaram, que existe nas favelas um grupo de pessoas, composto principalmente por moradores, que “buscam por meio da cultura e do resgate da memória disputar o significado de ser favelado (a)” (Fleury e Menezes, 2022, p. 311) apoiado na potência dos seus sujeitos.

Em outras palavras, os territórios populares e seus sujeitos devem ser valorizados pelas inventividades que contribuem para a vida urbana plena, não sendo depreciados como expressões da ausência e da privação, entre outras representações negativas, as quais operam como forças simbólicas na esfera

pública para desvalorizar existências, reputações e demandas de direitos para estes territórios (Fernandes et al, 2018, p. 8).

Os autores, seguem ressaltando que “os limites para a convivência na cidade são diversos e complexos” (Fernandes et al, 2018, p. 8), mas sugerem a promoção da cultura da convivência afirmando ser possível

preconizar o desenvolvimento de uma cultura, em termos de uma pedagogia da convivência, capaz de criar o modo pelo qual interagimos, promovemos mudanças e, acima de tudo, exercemos a experiência de viver a cidade. A pedagogia proposta deve consistir de um aprendizado de vida, inserido na experiência urbana. Viver a cidade em todas as suas dimensões deve ser pressuposto (Fernandes et. al, 2018, p. 9).

Fleury e Menezes (2022) destacam ainda que:

O compartilhamento de vivências e de uma história comum faz com que cada indivíduo se sinta parte de uma coletividade, de um passado e de um devir, de uma comunidade de sentidos. Assim, as cidades envolvem tanto a pluralidades de identidades quanto a sua interconectividade, o que, nas metrópoles, vai além de um entremeados de histórias locais (Fleury e Menezes, 2022, p. 312).

Neste sentido, ao refletir sobre o processo de constituição de identidades, Amoroso (2015) enfatiza quão perceptível é “o fenômeno do qual cada vez mais há incorporação de grupos tidos como marginais à memória nacional por meio de uma mobilização em um contexto de construir caminhos para a obtenção de direitos” (Amoroso, 2015, p. 106). No que tange as favelas é imperioso mencionar que,

a permanente construção de uma memória coletiva sobre estes territórios é parte do processo de posituação da identidade da população favelada, bem como da luta pelo reconhecimento e pelos direitos de cidadania a uma cidade inclusiva (Fleury e Menezes, 2022, p. 319-320).

Desta forma, conceber e compartilhar memórias sobre estes territórios é essencial para reforçar a identidade positiva de seus moradores, permitindo resgatar e valorizar outras narrativas como o aspecto cultural e social através das suas manifestações artísticas e laços de solidariedade, ou ainda as memórias afetivas dos espaços de convívio que constroem um senso de pertencimento, para além das frequentemente associadas a estes grupos – carência, privações, violência e outros aspectos negativos⁶¹.

⁶¹ “Os órgãos do Estado vem considerando historicamente a favela como um “problema e seus moradores como marginais, replicando uma série de preconceitos quanto à origem, raça e suas qualidades morais em geral. [...] As representações negativas associadas às favelas trouxeram

De igual modo, a construção da memória coletiva está diretamente relacionada por reconhecimento e direitos de cidadania, tendo em vista que, a medida que os moradores das favelas afirmam e valorizam suas histórias, eles estão fortalecendo sua voz e conseqüentemente sua capacidade de requerer seus direitos como cidadãos plenos, promovendo entre outras particularidades a inclusão, onde todos se sintam pertencentes e respeitados. Em diálogo com este entendimento, Baptista & Gonçalves (2022) salientam que “tornar esses espaços objetos da história dá sentido aos processos que os consolidaram de forma a compreendê-los como parte integrante da cidade” (p. 7).

Assim sendo, “memória e identidade se entrecruzam, pois não há busca identitária sem memória” (Fleury e Menezes, 2022, p. 319 apud Cadau, 2016). Logo é possível concluir que a memória pode ser compreendida como um instrumento garantidor do direito à cidade, pois “o exercício desses direitos⁶², aqui e agora, é peça-chave para a construção de futuros com dignidade social” (Abreu, 2010, p. 140).

Destarte, trabalhar com a temática da memória em favelas é defender o entendimento de que a favela tem memória e que ademais de ser parte da cidade, a favela é parte expressiva do cenário urbano do Rio de Janeiro (Fleury e Menezes, 2022). Uma vez que, “o silêncio sobre a história das favelas é um ato deliberadamente político, e, neste sentido, resgatar e valorizar as memórias locais, [...] é necessariamente uma experiência de resistência” (Baptista & Gonçalves, 2022, p. 6). Sobre este aspecto, a preservação da memória dos migrantes nordestinos na favela da Rocinha é uma forma de (re)existir, evidenciar as potencialidades deste território e ter reconhecida a sua cidadania.

evidentemente questionamentos quanto à reflexão histórica sobre estes lugares e, pior, silenciou a memória de seus moradores” (Brum, 2010 apud Baptista & Gonçalves, 2022, p. 4).

⁶² Direito à memória, identidade, pertencimento e representações simbólicas.

5

Conclusão

A pesquisa em tela versa sobre a migração nordestina para a favela da Rocinha, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, e analisa o papel da memória na luta pelo direito à cidade a partir da observação participante e da história de vida dos migrantes nordestinos residentes na mencionada favela, por meio da lente da mobilidade. É válido mencionar que a Rocinha foi identificada como a maior favela do Brasil de acordo com o censo do IBGE 2023; deste modo reconheço que se trata de um território heterogêneo, todavia sublinho que para o estudo proposto o recorte será restrito às características nordestinas observadas neste território.

Assim, a presente dissertação adotou a feira do Boiadeiro como objeto de pesquisa por sua importância para a comunidade. A feira livre do Boiadeiro acontece semanalmente aos domingos, por toda a extensão do caminho do Boiadeiro, ofertando a venda de produtos variados, contando com mais de quarenta anos de existência. É uma tradição da favela da Rocinha desde os anos de 1970. Diante do exposto, a pesquisa buscou compreender a feira livre do Boiadeiro, como um lugar de memória do Nordeste para os migrantes nordestinos, que residem nesta comunidade, entendendo este conceito como espaços onde a memória se cristaliza. Ou seja, como um lugar capaz de condensar e representar a memória coletiva de um determinado grupo.

A pesquisa justifica-se por seu aspecto pessoal, social e científico entretanto destaco a relevância acadêmica do estudo em razão da lacuna observada na produção de material sobre o tema, fato constatado através da revisão bibliográfica e constituição do estado da arte ainda que a Rocinha fosse reconhecida como uma favela nordestina por seus moradores. Destarte, pautado nos objetivos elencados o estudo investigou como a feira do Boiadeiro atua como lugar de memória, fortalecendo o sentimento comunitário e conferindo identidade nordestina a favela da Rocinha por meio da manifestação das diferentes formas de memória dos migrantes comida, música, comércio, etc; identificando de que modo a feira se manifesta como um espaço de sociabilidade e conservação da cultura nordestina e constantando, por meio do debate da memória como a feira do Boiadeiro confere aos migrantes nordestinos residente na Rocinha o direito à cidade.

A metodologia adotado pautou-se na revisão da literatura realizada de forma contínua e sistemática durante toda a pesquisa; na observação participante

realizada semanalmente na feira do Boiadeiro pelo período de 06 meses e nas entrevistas de história oral realizadas junto a 07 migrantes de primeira geração. Salienta-se que foi privilegiado a adoção de métodos móveis na produção e análise dos dados por compreender a importância e complexidade dos movimentos e seus encadeamentos sociais. Ou seja, a migração nordestina para a favela da Rocinha foi investigada de forma ampla, para além do deslocamento físico, considerando suas diversas formas de movimento e conexão.

Logo, para apresentação do tema e desenvolvimento do raciocínio foi realizada uma análise histórica das categorias migração e favela, bem como do cenário brasileiro no período compreendido entre as décadas de 1950-1970, partindo de uma análise macro até atingir o objeto de estudo, e por meio dos resultados alcançados responder os objetivos da pesquisa proposta. Deste modo, a investigação foi iniciada enfatizando que a região nordeste do Brasil é uma construção social formulada ao longo dos anos no plano político e cultural, que, por sua vez, corroborou para que a identidade nordestina fosse moldada. Contudo, foi ressaltado que a formulação da identidade nordestina deve ser estudada considerando sua diversidade.

Sendo assim, esclarecemos que, para a pesquisa apresentada, consideramos como região nordeste a definida pelo IBGE atualmente e, como características do regionalismo nordestino e conseqüentemente da sua identidade, as singularidades observadas prioritariamente no sertão/ interior, por ser a localidade que se verificou de modo mais intenso o deslocamento interno da população em razão das condições de vida experimentadas.

Foi constatado que muitos nordestinos migraram para a região Sudeste, de modo específico para o Rio de Janeiro – São Paulo, no período analisado, em razão do processo de desenvolvimento vivenciado no país e da oferta de emprego por acreditarem no mito do “Sudeste maravilha”. Todavia, após sua chegada, o que se observou foi uma inserção precária no mercado de trabalho. Embora tenha sido possível observar uma mobilidade sócio-ocupacional, os migrantes nordestinos continuaram ocupando os empregos com uma remuneração baixa ou atividades informais, comprovando a existência de um “mercado de trabalho para migrante”.

Este processo de urbanização no Brasil, tendo como pano de fundo o desenvolvimento do capitalismo, com a reunião do capital no Centro-Sul, ensejou uma profunda crise urbana, marcada pelo aumento da pobreza nas metrópoles,

déficit habitacional e segregação espacial, constatado mediante o aumento do número de favelas por serem consideradas opções mais baratas de habitação. Todo este cenário nos conduziu a reflexão acerca da “questão social” e a forma com que suas expressões se entrelaçam com as diferenças regionais.

À vista deste profundo dualismo existente na estrutura social brasileira, foi verificado a expansão do fenômeno da favelização e a forte presença de migrantes nordestinos nas favelas cariocas, cujas causas do deslocamento foram pautadas na sobrevivência, busca por emprego e melhores condições de vida. No caso específico da favela da Rocinha, as informações obtidas através das entrevistas realizadas confirmaram a hipótese da pesquisa, demonstrando que todos os entrevistados consideram a Rocinha uma favela nordestina.

Muito embora migração e favela sejam consideradas como expressões da “questão social” e quase sempre serem estudadas de forma reducionista, o estudo optou por apresentar uma visão menos usual e mais criativa para estas duas categorias, realizando a investigação pela lente da mobilidade, fazendo uso do paradigma das mobilidades como fio condutor. Desta forma, foram analisadas as diferentes dimensões que podem ser atribuídas ao fenômeno da mobilidade, considerando sua complexidade com ênfase na mobilidade urbana, associada à mobilidade física e cultural, salientando o aspecto de cultura no que tange as práticas sociais. Restou comprovado ainda que na Rocinha toda a mobilidade cultural referente aos costumes e tradições nordestinas estão reunidos sobretudo na feira do Boiadeiro.

Para o exame das múltiplas formas de mobilidade, foram adotados os conceitos de “habitar em movimento”, que envolve os fluxos, fixos e fricções assim como a “gramática do deslocamento” à medida que relacionamos a mobilidade física com outros instrumentos, materiais e culturais, estabelecendo um conjunto de práticas e costumes característicos da população do Nordeste. Este dado corrobora para a compreensão das favelas como um espaço heterogêneo e que não deve ser estudada de forma estereotipada, ao contrário, devem ter suas características únicas reconhecidas, razão pela qual foi privilegiado na pesquisa o método da observação participante e da história oral.

Ao descrever a Rocinha como uma favela nordestina, foi evidenciado como o “boom” da migração nordestina contribuiu para a expansão da comunidade, sendo intitulada como “gueto nordestino” por pesquisa realizada pela FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente conforme relatou Michel Silva durante o aulão sobre “Memória e História da Rocinha” promovido pelo Fala Roça. Outros dados que confirmam esta afirmação são: o samba enredo da

Rocinha de 2008; o nome conferido ao sub-bairro Largo do Boiadeiro fazendo referência ao arquétipo do boiadeiro, figura clássica do Nordeste brasileiro, e as falas dos migrantes entrevistados reconhecendo se sentirem em casa na Rocinha.

Conforme relatado em momento anterior, dentre os diversos elementos presentes no Largo do Boiadeiro que lembram o Nordeste, a feira livre se destaca, e para a realização da pesquisa foi eleita como ancoradouro, ou seja, um lugar de observação nos permitindo esquadrihar as mobilidades que expressam a identidade nordestina da favela e contribuem para a construção de quadros sociais da memória. Dentre as mobilidades observadas, foram identificadas: pessoas, músicas, mercadorias, sotaques, comportamentos e sabores. Sublinha-se ainda que a oralidade da memória dos migrantes confirmou o sentimento de identidade e pertencimento gerados a partir da feira.

De modo semelhante, a feira foi apresentada como um lugar de memória por se assemelhar com as feiras livres realizadas no Nordeste, em especial no interior, a exemplo da feira de mangaio. Ademais, este espaço serve de suporte para a memória coletiva, onde a imaginação da comunidade deposita significados e representações do passado, manifestando-se como um local de manutenção da cultura nordestina na Rocinha e de interação entre os pares, conforme foi declarado nas entrevistas realizadas.

Não obstante a importância que a feira do Boiadeiro possui, a pesquisa constatou que esta não apresenta mais o mesmo vigor que já teve no passado, sendo perceptível que mobilidade da própria feira, que em alguns momentos acontece na Via Ápia em razão do baile funk, contribuem para isto. Por esta razão, para muitos e também como resultado do estudo, a feira do Boiadeiro é vista como resistência. Por fim, por meio do debate da memória, identificamos que a feira do Boiadeiro concede aos migrantes senso de pertencimento e conseqüentemente garante a este grupo o direito à cidade.

Para o estudo em tela, o direito à cidade foi compreendido como um lugar de encontro uma vez que a vida na cidade é constantemente moldada pelas ações e interações das pessoas. Sendo assim, o direito à cidade envolve uma vasta gama de expectativas e desejos, não se restringindo apenas a cidade formal já estabelecida. Portanto, pensar em cidades inclusivas é pensar para além do aspecto material, considerando também as dimensões sociais, culturais, emocionais e simbólicas.

Em suma, entre os resultados obtidos nesta pesquisa menciono que o principal fator que impulsionou o deslocamento foi o econômico e a busca por melhores condições de vida, sendo o interior do Nordeste o local de origem

predominante dos migrantes que participaram das entrevistas. O relato do Sr. Edmundo se destacou pelo seu impacto ao afirmar que a decisão pelo desocamento da sua cidade Carnaebal (CE) para o Rio de Janeiro foi por sobrevivência diante da condição de vida que vivia, enfatizando que nesta tentativa de sobreviver ele segue até hoje. Atualmente o Sr. Edmundo possui um pequeno comércio com produtos nordestinos no Largo das Flores na Rocinha.

Outro resultado relevante que a pesquisa revelou foi que a decisão de mudar para o Rio de Janeiro e residir na Rocinha recebeu influência direta da rede de solidariedade do grupo, ou seja, parentes e amigos. Das 07 entrevistas realizadas 03 interlocutores relataram que contaram com apoio de amigos na sua chegada e 04 com apoio da família, sendo comentado ainda por 4 deles que após se estabelecerem ofereceram apoio a outros migrantes, demonstrando a importância da interconectividade e das redes.

A importância atribuída ao Largo do Boiadeiro também foi evidenciada durante as entrevistas, sendo considerado o centro comercial da Rocinha e um ponto estratégico que fortalece a cultura nordestina em razão dos elementos materiais presentes na localidade que lembram o Nordeste – restaurantes; comércio; casas de forró e de modo especial a feira livre do Boiadeiro por ser considerada um local de encontros dos migrantes nordestinos na Rocinha. No que tange aos pontos observados na feira durante o período de observação participante três merecem atenção: o ambiente físico que se assemelha as feiras de mangaio realizadas no Nordeste, especialmente no interior/ sertão; as práticas e performances; e a sociabilidade que caracterizam diferentes formas de habitar.

Entre as variadas formas de mobilidades observadas na feira do Boiadeiro é possível mencionar pessoas; sotaques; sabores; comportamentos; mercadorias e música corroborando com o entendimento de que a migração é um processo dinâmico e multifacetado que engloba contínuas movimentações. Destarte, em resposta à problemática levantada inicialmente, esta investigação permitiu constatar que a feira do Boiadeiro é compreendida como um lugar de memória do Nordeste na Rocinha, por agrupar neste espaço pontos de ancoragem da cultura e tradição nordestina, fomentando o encontro e a sociabilidade entre os migrantes e promovendo o senso de pertencimento conforme constatado no decorrer do período de vivência empírica e através do relato dos migrantes durante as entrevistas.

À vista disso, é possível concluir que na Rocinha toda a mobilidade cultural referente aos costumes e tradições nordestinas estão reunidos sobretudo na feira do Boiadeiro mediante as diferentes formas de memória (comida, música,

produtos, etc.); a feira do Boiadeiro se assemelha a feira de mangaio, sendo vista como um lugar capaz de condensar e representar a memória coletiva de um determinado grupo; e a oralidade da memória dos migrantes confirmou o sentimento de identidade e pertencimento gerados a partir da feira do Boiadeiro, garantindo a este grupo direito à cidade.

Dito isto, a relevância desta pesquisa reside em sua capacidade de suprir uma lacuna acerca do tema migração nordestina na Rocinha, realizando o exercício de transformar um tema pouco estudado em algo conhecido, valorizando as memórias locais deste território, validando que favela tem memória e que integra a cidade. Além disso, o estudo visa preservar a identidade e os costumes nordestinos para as futuras gerações através da memória social, promover a diversidade e a inclusão, e contribuir para desmistificar olhares preconceituosos sobre estes territórios, destacando suas potencialidades.

Entretanto, destaca-se que em virtude da metodologia escolhida para a produção de dados, foi necessário um período mais longo de observação do que o inicialmente planejado, de modo a conquistar a confiança dos moradores e construir relações mais sólidas para a realização das entrevistas. Apesar da maioria dos trabalhos sobre migrações realizarem uma abordagem privilegiando fatores socioeconômicos, é possível observar através destes processos de deslocamento novos caminhos para pesquisas futuras como multiculturalismo; trabalho; direitos humanos; redes e segunda geração de migrantes, ampliando as análises acerca deste importante tema, podendo ser utilizada ainda como referência para estudos sobre outras feiras livres e espaços de sociabilidade de migrantes nordestinos.

Desta maneira, à medida que estudamos as múltiplas mobilidades a partir do deslocamento humano e os espaços favelizados, constatamos que estes territórios populares são compostos por uma variedade de redes, através das quais uma diversidade de práticas e representações se manifestam. Deve ser enfatizado também que a construção de uma memória coletiva nas favelas, mais do que uma forma de preservar o passado, é garantir o presente e forjar o futuro mediante um processo vivo de afirmação da identidade deste grupo, fortalecendo sua luta por reconhecimento como cidadãos plenos. Portanto, é imperioso estudar estes espaços, considerando o seu poder inventivo.

6

Referências bibliográficas

ABREU, Regina. **Vozes dissonantes da cidade-espelho da nação**: o Rio de Janeiro ressignificado sob as lentes da favela no século XXI. In COSTA, Frederico Lustosa e ZAMOT, Fuad (org). Rio de Janeiro: uma cidade, muitas capitais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 121-142.

ABREU, R. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. Em: GEIGER, Amir; DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco; GONDAR, Jô (Orgs.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. – 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

AMOROSO, Mauro. **O morro do Borel e a memória material**: percepções e escrita do passado a partir do livro de um morador. *Oficina do Historiador*, v. 8, n.2, p. 100-119, 2015.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; FOGAÇA, Isabela de Fátima e BARBOSA, Conceição Aparecida. O Rio de Janeiro “nordestino: representações, subjetividades e saberes sobre a cidade. **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n.1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/122>.

ASSMANN, J. (2016). **Memória comunicativa e memória cultural**. *História Oral*, 19(1), 115–128. Recuperado de <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Pentateuco Nordestino (Um Estudo Sobre Migrações Internas)**. São Paulo, ed. Brasbiblos, 1972.

BAPTISTA, C.A., GONÇALVES, R.S. MARECIDADE: o Museu da Maré e a memória das favelas carioca. **Revista Paranoá**. N. 33, jl/dez 2022. DOI: <http://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n33.2022.02>

BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson Souza; SIMÃO, Mario Pires. **A favela reinventa a cidade**. Rio de Janeiro, Mórulas: Eduniperiferias, 2020.

BARBOSA, Fernando Cordeiro. **Nordestinos no Rio de Janeiro**: alteridades e legados culturais. / Fernando Cordeiro Barbosa. Niterói: Eduff, 2021.

BARBOSA, Francielly; AGÊNCIA BRASIL. **Falta de saneamento em favelas confirma racismo ambiental**. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/rio-falta-de-saneamento-em-favelas-confirma-racismo-ambiental>. Acesso em: 17 mai. 2025.

BENEDICTO, Marcelo; MARLI, Mônica; REVISTA RETRATOS; AGÊNCIA IBGE. **Censo 2022**: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas. Agência de Notícias IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas>

morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas. Acesso em: 17 mai. 2025.

BENEDICTO, Marcelo; MARLI, Mônica; REVISTA RETRATOS; AGÊNCIA IBGE. Dividir para conhecer as diversas divisões regionais do Brasil. Agência de Notícias IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19383-dividir-para-conhecer-as-diversas-divisoes-regionais-do-brasil>. Acesso em: 27 out. 2024.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Parte I – Estado e Sociedade. Lua Nova (71), 2007. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000200003>

BITENCOURT, João Victor Gomez. **Deslocamentos internos e forçados no Rio de Janeiro**: (des)proteção social e conflitos armados. Curitiba: CRV: 2023.

BOECHAT, Lorena Pereira Oliveira. **O Sistema Interamericano de Direitos Humanos e a migração forçada**: perspectiva de complementariedade nas situações de refúgio e deslocamento interno / Lorena Pereira de Oliveira Boechat; Prefácio de César Augusto S. da Silva. – 1. ed. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles**. Estudos avançados 20, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a17v2057.pdf> - Acessado em 21 jun. 2023.

BUSCHER, M.; VELOSO, L. **Métodos Móveis**. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 133-151. 2018.

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart. **A invenção da Zona Sul**: Origens e difusão do topônimo Zona Sul na Geografia carioca, GEOgraphia, v.11, nº 22, 2011, p. 37-58 in <https://periodicos.uff.br/geografia/article/view/13581>.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino / Iná Elias de Castro – Rio de Janeiro: Terra Escrita, 2021.

COSTA, Mariana Carvalho da; Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **A Rocinha em construção**: a história social de uma favela na primeira metade do século XX. Rio de Janeiro. 2019, 254p. Tese de Doutorado – Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

COSTA, Mariana Barbosa Carvalho da. **A Rocinha em construção**: a história social de uma favela na primeira metade do século XX [recurso eletrônico] / Mariana Barbosa Carvalho da Costa – 1.ed. - Curitiba: Editorial Casa, 2022.

COSTA, M.B. C. DA. **Da Rocinha ao bairro operário**: processo de ocupação e formação do espaço nas três primeiras décadas do século XX. Topoi (Rio de Janeiro), v.25, p. e20220058, 2024.

CRUZ, Alessandra Silveira; Siciliano, Tatiana Oliveira. **A Rocinha e a Cidade**: Território, Memória e Visibilidade em Disputa. Rio de Janeiro, 2021, 139 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FACHI, Everton. **Mapas mentais como instrumentos de análise de conhecimentos prévios**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em

Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2018.

FALAROÇA. **Mapa Largo do Boiadeiro**. 2025. Disponível em: <https://www.falaroca.com/mapa/largo-do-boiadeiro/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FERNANDES, F., SILVA, J. de S., BARBOSA, Jorge. O paradigma da potência e a pedagogia da convivência. **Revista Periferias**, R.J., 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-a-pedagogia-da-convivencia/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

FLEURY, Sonia; Menezes, Palloma. **Memória como direito à cidade**: Dicionário de Favellas Marielle Franco. Estudos Históricos, v.35, n.76, 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed., Porto Alegre, Artmed, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. DA S.; ALLIS, T. **Por uma teoria social on the move**. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 1–16, ago. 2018.

FREIRE-MEDEIROS, B.; LAGES, M. P. **A virada das mobilidades**: fluxos, fixos e fricções. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 123, p. 121–142, 1 dez. 2020.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A metrópole do capital de rede**: mobilidades socioespaciais e iniquidades urbanas. Cad. Metrop., São Paulo, v. 26, n.60, pp. 423-442, maio/ago 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2024-6002>.

FREIRE-MEDEIROS, B., PINHO, I.V. Acoradouro para pesquisas móveis: navegando o sistema de automobilidades a partir do Porto de Santos. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 12 – 2024 – e-rbs.1031. <https://doi.org/10.20336/rbs.1031>

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Apresentação de Manoel Correia de Andrade; bibliografia de Edson Nery Fonseca; notas bibliográficas revistas, bibliografia e índices elaborados por Gustavo Henrique Tuna. 7. ed. rev. – São Paulo: Global, 2004.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Rafael Soares. Censos e favelas cariocas: evolução de um conceito censitário. **Anais do Museu Paulista**, vol. 28, 2020, p. 1-30.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro**: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Rocinha**: uma favela em bibliografia. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2024.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidade e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2023.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais, nº 29, 2012, p. 73-89.

IANNI, Otavio. **A questão Social**. Revista USP. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25490/27236>

IBGE. **Censo 2022**: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas. Agência de Notícias IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>. Acesso em: 17 mai. 2025.

IPEA. Comunicação: Migração e inclusão social. 2025. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5289/1/Comunicados_n61_Migra%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 17 mai. 2025.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Mobilidade Social e migração no Brasil: revisão bibliográfica e elementos empíricos para análise. **Rev. Bras. Estudos Pop. Brasília**, 16, n. 1 jan./dez.1999.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10.ed. – São Paulo: Ática, 2014.

KRAISIG, Ângela Renata; BRAIBANTE, Mara Elisa Fortes. **Mapas Mentais**: Instrumento para a construção do conhecimento científico relacionado à temática “cores”. South American Journal of Basic Education, Technical and Technological. Vol. 4, n.2 (2017), p. 70-83.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo, Centauro, 2008.

LETRAS. Clara Nunes. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/clara-nunes/209155>. Acesso em: 10 fev. 2025.

LIMA, Tatiana; FONTOURA, Karen; FALAROÇA. **Migrantes nordestinos**: O futuro da Rocinha. 2025. Disponível em: <https://falaroca.com/migrantes-nordestinos-futuro-rocinha/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

LOURENÇO, Gabriella; DIÁRIO DO RIO. **Festival do Nordeste estreia em 2025 com programação intensa e celebração cultural**. 2025. Disponível em: <https://diariodorio.com/festival-do-nordeste-estreia-em-2025-com-programacao-intensa-e-celebracao-cultural/>. Acesso em: 17 mai. 2025.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Fazendo a cidade**: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw [1884-1942]. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia/ Bronislaw Malinowski / Título Original: Argonautos of the Western Pacific / Prefácio Mariza Peirano / prefácio à 1ª ed. Sir James G. Frazer / tradução Anton P. Carr e Ligia Cardieri / coordenação da tradução e apresentação Eunice R. Durham. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, L. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. Letras, n. 26, p. 63-81, 2003.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrante**. 6 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**; e, Outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MEMÓRIA ROCINHA. 2025. Disponível em: <http://memoriarocinha.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MENDES, V. DE S. Dançando pela cidade: fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo. Périplos: **Revista de Estudos sobre Migrações**, v. 5, n. 2, 1 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade/ Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MUSEU SANKOFA ROCINHA. **A Rocinha**. 2025. Disponível em: <https://museusankofarocinha.com.br/a-rocinha/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

MUSEU SANKOFA ROCINHA. **Guia Rocinha Histórica**: Feira do Boiadeiro. 2025. Disponível em: <https://museusankofarocinha.com.br/guia-rocinha-historica/feira-do-boiadeiro/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

NORA, P., & AUN KHOURY, T.Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 10.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. 2025. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2025.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. **Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica**: vantagens e desafios, Ciências Sociais. Unisinos, v.51, nº2, 2015, p.133-143.

PEIXOTO, Ana Cristina Santos; FONSECA, Hejaine de Oliveira e OLIVEIRA, Ramony M.S.R. Ancoragem. **Caderno CESPUC**. Belo Horizonte – n. 23, 2013.

PERLMAN, Janice E. **O Mito da Marginalidade**: favelas e política no Rio de Janeiro; tradução de Waldívia Marchiori Portinho / prefácio de Fernando Henrique Cardoso / Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

PINTO, Rodrigo Sampaio. **Memória e identidade dos migrantes nordestinos**

no município de Duque de Caxias: a feira de Caxias como parâmetros de resistência cultural e social. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PINTO, Rodrigo Sampaio e SALZTRAGER, Ricardo. **O nordeste e os nordestinos representados no Rio de Janeiro:** Uma análise em torno das produções de memória e identidade presentes na feira de São Cristóvão e na feira de Caxias. *Tempo Psicanalítico*, v.54, n.2, 2022, p.419-440, in: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/744>.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FVG, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** *Mnemosine*, Vol.6, nº2, 2010, p.2-13.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão social”:** particularidades no Brasi. São Paulo: Cortez, 2012.- (Coleção biblioteca básica de serviço social; v. 6).

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana.** Bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. – 3. ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **A urbanização Desigual:** A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos. Tradução de Antônia Déa Erdens e Maria Auxiliadora d Silva – 3. ed. 3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SASSEN, Saskia. **Expulsões:** brutalidade e complexidade na economia global / Saskia Sassen; tradução Angélica Freitas. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SEGALA, Lygia. **Varal de Lembranças.** Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1983.

SEVERINO, Honorato. **Meu nordeste para você.** Rio de Janeiro. RPC Editora, p. 17, 2016.

SEVERINO, Honorato. **Na profissão de vaqueiro meu gibão é meu diploma.** Rio de Janeiro. RPC Editora, p. 08, 2023.

SEVERINO, Honorato e MULUNGO, Chico. **Na feira de Mangaio.** Guarabira (PB). 2ª ed., p. 12, 2022.

SHELLER, M., & URRY, J. **The new mobilities paradigm.** *Environment and Planning A*, volume 38, p. 207-226, 2006.

SILVA, Glauber Paiva da. **Noções de identidade de Sturt Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial.** ANPUH-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

SILVA, Ivone Maria Ferreira da. **Questão Social e Serviço Social na formação sócio-histórica brasileira.** *Temporalis*. Brasília (DF), ano 2013, n. 25, p. 261-278. Jan./jun. 2013

SILVA, Jailson de Souza. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de

Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 7ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed., 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.

TAVALORI, Bianca. **Direito à cidade**: uma trajetória conceitual. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 104, 2016, p. 93-109.

TAVEIRA, Thalita Rose Tamiarana Gadelha. **Uma análise etnolinguística da música “Feira de Mangaio” de Sivuca e Glorinha Gadêlha**. *Revista Interfaces*, Juazeiro do Norte, v.11, n.2, p. 211-218, 2020.

VALIM, Ana. **Migrações – da perda da terra à exclusão social**. 11ª ed. São Paulo: Atual, 2009.

VALLADARES, Lícia de Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VALOR ECONÔMICO. **Meio milhão de domicílios em favelas no país não tem acesso à distribuição geral de água, diz IBGE**. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/11/08/meio-milhao-de-domicilios-em-favelas-no-pais-nao-tem-acesso-a-distribuicao-geral-de-agua-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 17 mai. 2025.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson O. (org.) **A aventura sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VILLA, Marco Antonio. **Quando eu vim-me embora**: história da migração nordestina para São Paulo. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Pobreza e exclusão social**: Expressões da questão social no Brasil. *Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social* - Ano. 2, n. 3 (jan./jun..2001). Brasília: ABEPSS, Grafline, 2001, p. 33-40.